

A JORNADA ASSASSINO - VOL 4

ROBIN HOBB

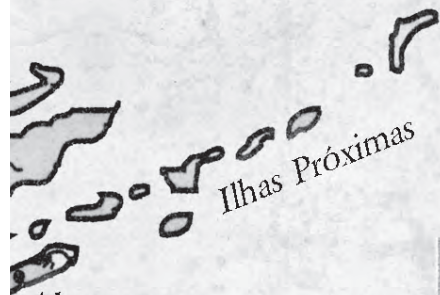
Tradução de Jorge Candeias

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina





Ilhas Próximas

Alcatrazes
de Gelo



Os Seis Ducados

Baía das Focas
Ilha Gancho

Ilha Beche
Fundos-Altos

Forja
Ilha da Armação

Ilha do Linho




Ilha da Garra

Baía Limpa Baixios

Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Torres
-  Fronteira
-  Plataformas de gelo



PRÓLOGO

Combatendo o Destino



A premissa do Profeta Branco parece simples. Desejava colocar o mundo num caminho diferente daquele por onde rolara durante tantos circuitos de tempo. De acordo com ele, o tempo repete-se sempre a si próprio e, em cada repetição, as pessoas cometem a maior parte dos mesmos erros tolos que sempre cometeram. Vivem de dia em dia, cedendo a apetites e desejos, convencidas de que o que fazem não importa no grande esquema das coisas.

De acordo com o Profeta Branco, nada pode estar mais longe da verdade. Cada pequeno ato altruísta empurra o mundo para um caminho melhor. Uma acumulação de pequenos atos pode mudar o mundo. O destino do mundo pode depender da morte de um homem. Ou pode virar para outra direção por causa da sua sobrevivência. E quem era eu para o Profeta Branco? Era o seu Catalisador. O Alterador. Era a pedra que ele queria posicionar para fazer sair as rodas do tempo para fora dos seus trilhos. Uma pedrinha pode fazer sair uma roda do seu caminho, disse-me ele, mas avisou-me que a experiência raramente era agradável para a pedrinha.

O Profeta Branco afirmava que tinha visto não só o futuro mas muitos futuros possíveis, e que a maior parte deles eram lugubrememente semelhantes. Mas num número muito

reduzido de casos, havia uma diferença, e essa diferença levava a um cintilante reino de novas possibilidades.

A primeira diferença era a existência de um herdeiro Visionário, um que sobrevivesse. Tratava-se de mim. Forçar-me a sobreviver, arrastar-me para longe das mortes que tentavam continuamente eliminar-me para que as rodas do tempo pudessem saltar de volta para os seus trilhos confortáveis, transformou-se no trabalho da sua vida. A morte e a quase morte engoliram-me, uma e outra vez, e de todas as vezes ele me arrastou, espancado e magoado, para longe do precipício, para voltar a segui-lo. Usou-me implacavelmente, mas não sem pesar.

E teve sucesso em afastar o destino do rumo que lhe estava predeterminado, pondo-o num que seria melhor para o mundo. Foi o que disse. Mas havia pessoas que não partilhavam da sua opinião, pessoas que anteviam um futuro sem um herdeiro Visionário e sem dragões. Uma delas decidiu assegurar esse futuro livrando-se do bobo que estava no seu caminho.

CAPÍTULO I

Lagartos



Por vezes parece injusto que acontecimentos tão antigos possam estender-se pelos anos fora, enterrando garras nas nossas vidas e retorcendo tudo o que se segue. Contudo, talvez seja essa a derradeira justiça: nós somos a soma de tudo o que fizemos, adicionada à soma de tudo o que nos foi feito. Não há, para nenhum de nós, forma de escapar a isto.

E assim aconteceu que tudo o que o Bobo alguma vez me disse e todas as coisas que deixou por dizer se combinaram. E a soma foi que o traí. Mas acreditei que agia nos seus melhores interesses e nos meus. Ele previra que, se fosse à Ilha de Aslevjal, morreria, e a Morte poderia uma vez mais tentar morder-me. Prometera fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para se assegurar de que eu sobreviveria, pois o seu grande plano para mudar o futuro exigia-o. Mas com a minha última aproximação à morte ainda fresca na memória, achei as suas promessas mais ameaçadoras do que tranquilizadoras. Ele também me informara jovialmente de que depois de estarmos na ilha, eu teria de escolher entre a nossa amizade e a minha lealdade para com o Príncipe Respeitador.

Talvez pudesse ter enfrentado uma dessas coisas mantendo-me firme, embora duvide. Qualquer delas era suficiente para me desencorajar, e enfrentar a sua soma estava simplesmente para lá das minhas forças.

*Portanto fui ter com Breu. Disse-lhe o que o Bobo me dissera.
E o meu velho mentor arranhou as coisas por forma a que,
quando zarpássemos para as Ilhas Externas, o Bobo não fosse
connosco.*

A primavera chegara ao Castelo de Torre do Cervo. O sombrio edifício de pedra negra ainda se encavalitava, desconfiado, nos íngremes penhascos acima da Cidade de Torre do Cervo mas, nas colinas onduladas por trás do forte, novas ervas verdes estavam a erguer-se otimisticamente por entre a giesta castanha que crescera no ano anterior. As florestas despidas eram enevoadas por minúsculas folhinhas verdes que se desenrolavam em todos os ramos das árvores. Os montes invernais de algas mortas, nas praias negras no sopé dos penhascos, tinham sido levados pelas marés. As aves migratórias haviam regressado e as suas canções faziam ressoar desafios nas colinas florestadas e ao longo das praias onde as aves marinhas combatiam pelos melhores recantos para nidificar nas falésias. A primavera até invadira os corredores sombrios e as salas de tetos altos do castelo, pois ramos em rebento e flores precoces embelezavam os nichos e enquadravam as entradas das salas de reunião.

Os ventos mais quentes pareceram varrer-me a melancolia para longe. Nenhum dos meus problemas e preocupações havia desaparecido, mas a primavera logrou pôr de parte uma multidão de aflições. O meu estado físico melhorara; sentia-me mais jovem do que me sentira com vinte e tal anos. Não só estava de novo a ganhar carnes e músculo, como tinha subitamente o corpo que um homem em boa forma com a minha idade devia ter. A dura cura por que passara às mãos inexperientes do círculo desfizera também, inadvertidamente, danos antigos. Abusos que sofrera às mãos de Galeno durante a sua instrução no Talento, ferimentos de que fora vítima como guerreiro, e as profundas cicatrizes provenientes da tortura nas masmorras de Majestoso, tudo fora apagado. As minhas dores de cabeça haviam quase cessado, a minha visão já não se desfocava quando estava cansado, e não sentia dores ao frio do início da manhã. Vivia agora no corpo de um animal forte e sadio. Poucas coisas são tão estimulantes como boa saúde numa manhã límpida de primavera.

Fui até ao topo de uma torre e olhei para o mar enrugado. Atrás de mim, tinhas de terra, acabada de estrumar, continham pequenas árvores de fruto dispostas em flolescências de branco e rosa-claro.

Vasos mais pequenos continham trepadeiras com botões inchados de folhas. As longas folhas verdes das flores dos bolbos projetavam-se para o ar como batedores enviados para o testar. Em alguns vasos, só se viam caules nus e castanhos, mas a promessa estava lá, e todas as plantas esperavam o regresso dos dias mais quentes. Por entre os vasos viam-se estátuas dispostas com arte e bancos convidativos. Velas protegidas esperavam as noites brandas de verão para enviar o seu brilho às trevas. A Rainha Kettricken devolvera o Jardim da Rainha ao seu esplendor original. Aquele retiro elevado era o seu território privado. A atual simplicidade do local refletia as raízes montanheiras da rainha, mas a sua existência era uma muito mais antiga tradição de Torre do Cervo.

Dei uma volta irrequieta pelo caminho perimétrico, e depois forcei-me a ficar quieto. O rapaz não estava atrasado. Fora eu que chegara cedo. Os minutos arrastarem-se não era culpa dele. A expectativa guerreava com a relutância enquanto eu aguardava o meu primeiro encontro em privado com Veloz, o filho de Castro. A minha rainha entregara-me a responsabilidade pela instrução de Veloz, tanto nas letras como nas armas. Eu temia a tarefa. O rapaz não só era Manhoso, como era inegavelmente obstinado. Essas duas coisas, conjugadas com a sua inteligência, podiam metê-lo em sarilhos. A Rainha decretara que os Manhosos deviam ser tratados com respeito, mas muitos ainda acreditavam que a melhor cura para a Magia dos Animais era uma corda, uma faca e uma fogueira.

Eu compreendia os motivos da rainha para me confiar Veloz. O pai dele, Castro, expulsara-o de casa quando o rapaz se recusara a abdicar da Manha. Mas o mesmo Castro dedicara anos a criar-me quando eu era rapaz e fora abandonado pelo meu régio pai por ser um bastardo que ele não se atrevia a reconhecer. Era adequado que agora fizesse o mesmo pelo filho de Castro, mesmo que nunca pudesse informar o rapaz de que fora em tempos FitzCavalaria e protegido do pai dele. E assim me vi à espera de Veloz, um rapazinho magricela de dez verões, tão nervoso como se enfrentasse o seu pai. Inspirei profundamente o ar fresco da manhã. O odor dos botões das árvores de fruto adoçava-o. Fiz lembrar a mim próprio que a minha tarefa não duraria muito tempo. Muito em breve, iria acompanhar o príncipe na sua demanda até Aslevjal, nas Ilhas Externas. Decerto que conseguiria aguentar ser o instrutor do rapaz até lá.

A Magia da Manha torna-nos conscientes da vida alheia, e

por isso eu virei-me mesmo antes de Veloz abrir a pesada porta. Fechou-a silenciosamente atrás de si. Apesar da longa subida pela íngreme escada de pedra, não estava a respirar pesadamente. Permaneci parcialmente oculto pelo anteparo das flores e estudei-o. Estava vestido com o azul de Torre do Cervo, com trajes simples adequados a um pajem. Breu tinha razão. Daria um belo machadeiro. O rapaz era magro, à maneira dos rapazes ativos daquela idade, mas os nós dos ombros sob o seu justilho prometiam a força do pai. Duvidei que viesse a ser alto, mas seria suficientemente largo para compensar. Veloz tinha os olhos negros e o cabelo escuro e encaracolado do pai, mas havia algo de Moli na linha do maxilar e na posição dos olhos. Moli, o meu amor perdido e a mulher de Castro. Inspirei longa e profundamente. Aquilo podia vir a ser mais difícil do que tinha imaginado.

Vi-o a tomar consciência de mim. Fiquei imóvel, deixando que os seus olhos me procurassem. Durante algum tempo ficámos os dois quietos, sem falar. Depois, ele abriu passagem pelos meandros dos caminhos até parar na minha frente. A sua vénia fora treinada com demasiado cuidado para ser graciosa.

“Senhor, sou Veloz Manhoso. Disseram-me para me apresentar a vós, portanto aqui estou.”

Vi que ele fizera um esforço para aprender as medidas da corte. Mas a sua ostensiva inclusão da Magia dos Animais no nome que dava a si próprio parecia quase um desafio malcriado, como se estivesse a verificar se a proteção que a rainha dera aos Manhosos se mantinha ali, sozinho comigo. Enfrentou o meu olhar de uma forma decidida que a maioria dos nobres teria achado presunçosa. Por outro lado, lembrei a mim próprio, eu não era um nobre. Disse-lhe isso mesmo. “Não sou ‘senhor’ para ninguém, rapaz. Sou Tomé Texugo, um homem-de-armas na Guarda da Rainha. Podes chamar-me Mestre Texugo, e eu chamo-te Veloz. De acordo?”

Ele pestanejou por duas vezes, e depois acenou com a cabeça. Subitamente, lembrou-se de que isso não era correto. “Sim, senhor. Mestre Texugo.”

“Muito bem. Veloz, sabes porque me foste enviado?”

Ele mordeu duas vezes o lábio superior, rápidas dentadas sucessivas, após o que respirou fundo e falou, de olhos baixos. “Suponho que desagradei a alguém.” Depois voltou a fazer saltar o olhar para os meus olhos. “Mas não sei o que fiz ou a quem.” Quase num desafio,

acrescentou: “Não posso evitar o que sou. Se for por ser Manhoso, bem, então não é justo. A nossa Rainha disse que a minha magia não devia fazer nenhuma diferença quanto ao modo como sou tratado.”

Fiquei com a respiração presa na garganta. O pai dele olhava-me por aqueles olhos escuros. A honestidade sem compromissos e a determinação em falar verdade eram inteiramente de Castro. E, no entanto, na sua pressa imoderada, ouvi os humores rápidos de Moli. Por um momento faltaram-me as palavras.

O rapaz interpretou o meu silêncio como desagrado e baixou os olhos. Mas a posição dos ombros continuava firme; ele não sabia de nenhuma falta que tivesse cometido, e não mostraria qualquer arrependimento até saber.

“Não desagradaste a ninguém, Veloz. E vais descobrir que para algumas pessoas em Torre do Cervo, a tua Manha não importa nada. Não foi por isso que te separámos das outras crianças. Na verdade, esta mudança é para teu benefício. O que sabes das letras ultrapassa as outras crianças da tua idade. Não quisemos enfiar-te num grupo de jovens muito mais velhos do que tu. Também foi decidido que podias beneficiar de instrução no uso de um machado de batalha. Foi por isso, creio, que eu fui escolhido para te servir de mentor.”

A cabeça dele deu um salto, e olhou para mim, confuso e desalentado. “Um machado de batalha?”

Anuí, tanto a ele como a mim próprio. Breu voltara aos seus velhos truques. Era claro que o rapaz não fora consultado sobre se tinha algum interesse em aprender a brandir uma tal arma. Pus um sorriso bem-educado na cara. “Um machado de batalha, com certeza. Os homens-de-armas de Torre do Cervo lembram-se de que o teu pai era excelente a combater com o machado. Como tu, além de herdares as suas feições, herdaste a sua constituição, parece natural que a arma que ele preferiu deva ser a tua.”

“Eu não me pareço em nada com o meu pai. Senhor.”

Quase ri alto, não de alegria, mas porque o rapaz nunca se parecera tanto com o pai como naquele momento. Era estranho olhar de cima para alguém que me dirigia a carranca negra de Castro. Mas uma atitude como aquela não era apropriada a um rapaz da idade dele, portanto disse com frieza: “És suficientemente parecido, na opinião da Rainha e do Conselheiro Breu. Contestas o que eles decidiram para ti?”

Tudo baloiçou nos pratos da balança. Vi o instante em que ele tomou a decisão, e quase li o funcionamento da sua mente. Podia recusar. Nesse caso podia ser visto como ingrato e ser enviado para casa, para junto do pai. Era melhor baixar a cabeça perante uma tarefa desagradável e ficar. E foi o que disse, em voz baixa: “Não, senhor. Aceito o que eles decidiram.”

“Isso é bom,” disse eu, com falsa animação.

Mas antes de ter tempo de prosseguir, ele informou-me: “Mas já tenho perícia com uma arma. O arco, senhor. Ainda não tinha falado nisso, porque não achei que interessasse a alguém. Mas se, além de treinar para pajem, vou treinar para combatente, já tenho uma arma favorita.”

Interessante. Observei-o em silêncio por um momento. Vira o suficiente de Castro nele para suspeitar de que não se vangloriaria disparatamente de uma capacidade que não possuísse. “Então muito bem. Podes mostrar-me o que sabes fazer com um arco. Mas esta hora foi destinada a outras lições. Para esse fim, foi-nos dada autorização para usarmos rolos da biblioteca de Torre do Cervo. É uma honra bastante grande para ambos.” Esperei uma resposta.

Ele fez um aceno com a cabeça e depois, lembrando-se das maneiras: “Sim, senhor.”

“Muito bem. Então vem cá ter comigo amanhã. Teremos uma hora de rolos e escrita, e depois descemos ao pátio das armas.” E de novo esperei a sua resposta.

“Sim, senhor. Senhor?”

“Que é?”

“Eu sou um bom cavaleiro, senhor. Agora estou um bocado enferrujado. No último ano o meu pai recusou-se a deixar-me andar perto dos cavalos. Mas também sou um bom cavaleiro.”

“É bom saber disso, Veloz.” Eu sabia qual fora a esperança dele. Observei-lhe a cara e vi a luz dessa esperança atenuar-se perante a minha resposta neutra. Reagira quase por reflexo. Um rapaz da idade dele não devia estar a pensar vincular-se a um animal. No entanto, quando ele baixou a cabeça, desiludido, senti a minha antiga solidão ecoar pelos anos fora. Castro também fizera todos os possíveis para me proteger do vínculo com um animal. Conhecer a sabedoria que nisso havia não calava a memória do meu monótono isolamento. Pigarreei e tentei manter a voz suavemente segura quando falei. “Então

muito bem, Veloz. Vem cá ter comigo amanhã. Oh, e amanhã traz roupa velha. Vamos ficar sujos e suados.”

Ele pareceu magoado.

“Então? O que é, rapaz?”

“Eu... senhor, não posso. Eu, quer dizer, eu já não tenho a roupa velha. Só os dois conjuntos que a Rainha me deu.”

“O que aconteceu à velha?”

“Eu... queimei-a, senhor.” De súbito soou desafiador. Enfrentou o meu olhar, com o queixo atirado para a frente.

Pensei perguntar-lhe porquê. Não precisava. Era óbvio pela sua postura. Montara para si próprio um espetáculo, destruindo todas as coisas que o ligavam ao seu passado. Interroguei-me sobre se devia obrigá-lo a admitir o facto em voz alta, mas decidi que nada se lucraria com isso. Decerto que um tal desperdício de vestuário útil era algo que devia envergonhá-lo. Perguntei a mim próprio quão amargas teriam sido as suas divergências com o pai. De súbito, o dia pareceu apresentar um azul um pouco menos brilhante. Encolhi os ombros, pondo o assunto de lado. “Então usa o que tiveres,” disse de forma abrupta, e esperei não ter soado demasiado ríspido.

Ele ficou ali, a fitar-me e eu apercebi-me de que não o tinha mandado embora. “Agora podes ir, Veloz. Vemo-nos amanhã.”

“Sim, senhor. Obrigado, Mestre Texugo.” Fez uma vénia, sacudidamente correta, e depois voltou a hesitar. “Senhor? Posso fazer-vos uma última pergunta?”

“Com certeza.”

Ele olhou a toda a volta, quase desconfiado. “Porque é que nos encontramos aqui em cima?”

“É sossegado. É agradável. Quando tinha a tua idade, detestava ser mantido dentro de casa num dia de primavera.”

Aquilo trouxe-lhe um sorriso hesitante à cara. “Eu também detesto, senhor. E também não gosto de ser mantido tão isolado dos animais. É a minha magia a chamar por mim, suponho.”

Desejei que ele tivesse deixado o assunto em paz. “Talvez seja. E talvez devas pensar bem antes de lhe responderes.” Desta vez quis que ele ouvisse a censura na minha voz.

Ele vacilou, depois fez um ar indignado. “A Rainha disse que a minha magia não devia fazer diferença para ninguém. Que ninguém me pode tratar mal por causa dela.”

“É verdade. Mas as pessoas também não te vão tratar bem por causa dela. Aconselho-te a conservar a tua magia um assunto privado, Veloz. Não a exibas à frente das pessoas até as conheceres. Se quiseres saber como melhor lidar com a tua Manha, sugiro que passes tempo com o Teio Manhoso, quando ele conta as suas histórias em frente da lareira, à noite.”

Ele já estava a franzir o sobrolho antes mesmo de eu terminar. Mandei-o embora com brusquidão, e ele foi. Achava que o tinha lido bastante bem. O facto de possuir a Manha fora a linha de batalha traçada entre ele e o pai. Desafiara Castro com sucesso e fugira para Torre do Cervo, determinado a viver abertamente como Manhoso na corte tolerante da Rainha Kettricken. Mas se o rapaz julgava que ser Manhoso era tudo aquilo de que necessitava para conquistar o seu lugar, bem, depressa lhe tiraria essa teia de aranha da cabeça. Não tentaria privá-lo da sua magia. Mas a exibição desta, como quem sacode um trapo à frente de um *terrier* para ver que reacção obtém, preocupava-me. Mais tarde ou mais cedo, encontraria um jovem nobre feliz por o desafiar por causa da desprezada Magia dos Animais. A tolerância era uma coisa ordenada, concedida a contragosto por muitos que ainda aderiam ao antigo desagrado pelo nosso dom. A atitude de Veloz deixava-me duplamente determinado a impedir que ele descobrisse que eu era Manhoso. Já era suficientemente mau que exibisse arrogantemente a sua magia; não permitiria que denunciasse a minha.

Voltei a estender o olhar pelo vasto espetáculo de mar e céu. Era uma vista entusiasmante, ao mesmo tempo de perder o fôlego e tranquilizadamente familiar. E depois forcei-me a baixar o olhar, por cima do muro baixo que se interpunha entre mim e um mergulho para a morte certa, lá em baixo. Forcei-me a descer o olhar. Um dia, espancado tanto física como mentalmente por Galeno, o Mestre do Talento, tentara dar esse mergulho precisamente daquele parapeito. Fora a mão de Castro que me puxara para trás. Levara-me para os seus aposentos, tratara-me dos ferimentos, e depois vingara-os no Mestre do Talento. Ainda tinha uma dívida para com ele por causa disso. Ensinar o seu filho e mantê-lo em segurança na corte talvez fosse o único pagamento que poderia oferecer-lhe. Prendi esse pensamento no coração para sustentar o entusiasmo que a tarefa esmorecera e abandonei o topo da torre. Tinha de me apressar para outro encontro, e o Sol disse-me que já estava quase atrasado para ele.

Breu fizera constar que andava agora a instruir o jovem príncipe na Magia do Talento que era sua herança. Eu sentia-me ao mesmo tempo grato e desgostoso por aquele desenvolvimento. O anúncio queria dizer que o Príncipe Respeitador e Breu já não precisavam de se encontrar em segredo para esse fim. Que o príncipe levasse consigo o seu criado atrasado mental para tais encontros era visto como uma espécie de excentricidade. Ninguém na corte teria adivinhado que Obtuso era um estudante, tal como o príncipe, e muito mais forte na magia ancestral dos Visionário do que qualquer Visionário atualmente vivo. O desgosto provinha do facto de eu, o verdadeiro instrutor de Talento, ser o único que ainda tinha de ocultar as suas idas e vindas àquelas reuniões. Eu agora era Tomé Texugo, e esse humilde guarda não tinha nada que saber fosse o que fosse sobre a magia dos Visionário.

E assim se deu que desci as escadas que vinham do Jardim da Rainha e depois me apressei a atravessar o castelo. Nas zonas dos criados havia seis possíveis pontos de entrada no oculto labirinto para espiar quem meandrava pelas entranhas do Castelo de Torre do Cervo. Eu tinha o cuidado de usar todos os dias uma entrada diferente da do dia anterior. Naquele dia, selecionei a que ficava perto da despensa da cozinha. Esperei até não haver ninguém no corredor quando entrei no armazém. Abri caminho por entre três suportes de salsichas penduradas antes de abrir o painel e penetrar na escuridão que agora me era familiar.

Não perdi tempo à espera que os olhos se me ajustassem. Aquela parte do labirinto não tinha iluminação de qualquer espécie. Das primeiras vezes que a explorara, transportara uma vela. Agora julgava que a conhecia suficientemente bem para a atravessar no escuro. Conteí os passos, depois segui às apalpadelas até uma escada estreita. No topo da escada, descrevi uma curva apertada à direita, e vi finos dedos de luz primaveril a infiltrar-se no interior do corredor poeirento. Dobrado sobre mim próprio, apressei-me a percorrê-lo e depressa cheguei a uma parte mais familiar daquela coelheira. Pouco tempo mais tarde, saí do lado da lareira na Torre do Mar. Voltei a colocar o painel no lugar, após o que me imobilizei quando ouvi alguém a erguer a tranca da porta. Mal tive tempo de procurar um fraco abrigo nas longas cortinas que cobriam as janelas da torre antes de alguém entrar.

Sustive a respiração, mas era apenas Breu, Respeitador e Obtuso que chegavam para as aulas. Esperei até a porta estar firmemente

fechada atrás deles antes de sair para o interior da sala. Sobressaltei Obtuso, mas Breu limitou-se a observar: “Tens teias de aranha na bochecha esquerda. Sabias?”

Limpei aquela coisa peganhenta. “Surpreende-me que seja só na bochecha esquerda. A primavera parece ter despertado uma legião de aranhas.”

Breu respondeu à minha observação com um aceno grave. “Eu costumava trazer comigo um espanador de penas, brandindo-o à minha frente enquanto avançava. Ajudava. Um pouco. Claro, nesses tempos pouco importava o aspeto que eu tinha quando chegava ao meu destino. Simplesmente não gostava da sensação de ter pernihas a correr-me pela parte de trás do pescoço abaixo.”

A ideia de ver o imaculadamente trajado e penteado conselheiro da rainha a correr pelos corredores levou o Príncipe Respeitador a soltar um risinho abafado. Houvera um tempo em que Dom Breu fora um residente oculto do Castelo de Torre do Cervo, apenas o assassino real, um homem que escondia a cara marcada pelas be-xigas e executava nas sombras a justiça do rei. Mas já não. Agora, caminhava majestosamente pelos corredores, louvado abertamente quer como diplomata, quer como conselheiro da rainha, digno de confiança. O seu traje elegante em tons de azul e verde refletia esse estatuto, e o mesmo faziam as pedras preciosas que lhe decoravam a garganta e os lobos das orelhas. O cabelo branco como a neve e os penetrantes olhos verdes pareciam ornamentos cuidadosamente escolhidos para o seu guarda-roupa. As cicatrizes que tanto o afligiam tinham-se desvanecido com os anos. Nem invejava nem me ressentia da qualidade dos seus atavios. O velho que compensasse agora as privações da juventude. Não fazia mal a ninguém, e era frequente os que ficavam deslumbrados com ele não repararem na mente penetrante que era a sua verdadeira arma.

Em contraste, o príncipe estava vestido quase tão simplesmente como eu. Atribuí-o às austeras tradições que a Rainha Ketricken trouxera do Reino da Montanha e à sua parcimónia natural. Aos quinze anos, Respeitador estava a dar um salto. Que sentido fazia criar vestuário fino para usar no dia-a-dia quando ele crescia até a roupa deixar de lhe servir, ou lhe rasgava as mangas enquanto treinava no pátio das armas? Estudei o jovem sorridente que tinha na frente. Os seus olhos escuros e o cabelo negro que encaracolava eram um espelho dos do pai, mas quer a sua altura como o queixo

em desenvolvimento me faziam lembrar mais o retrato do meu pai, Cavalaria.

O homem atarracado que o acompanhava fazia um completo contraste. Estimava que Obtuso tivesse vinte e muitos anos. Possuía as orelhas pequenas e apertadas e a língua espetada de um simplório. O príncipe vestira-o com uma túnica azul e meias que combinavam com as suas, até ao pormenor do brasão do cervo ao peito, mas a túnica esticava-se na barriga de barril do homenzinho e as meias pendiam-lhe comicamente dos joelhos e tornozelos. Era uma figura estranha, ao mesmo tempo divertida e ligeiramente repelente para aqueles que não eram capazes de detetar, como eu era, a Magia do Talento que ardia nele como o fogo da forja de um ferreiro. Estava a aprender a controlar a música de Talento que lhe servia para substituir os pensamentos de um homem normal. Era menos penetrante do que fora em tempos, e portanto menos incómoda, mas a força da magia do homenzinho queria dizer que ele a partilhava com todos nós, constantemente. Eu podia bloqueá-la, mas isso também queria dizer bloquear a minha sensibilidade à maior parte do Talento, incluindo as emissões mais fracas de Breu e de Respeitador. Não conseguia bloqueá-lo e continuar a instruí-los, portanto por agora suportava a música de Obtuso.

Hoje era feita com os estalidos de tesouras e o ruído seco de um tear, e a risadinha aguda de uma mulher entretecia-se nela. “Então? Tivestes outra prova esta manhã, foi?”, perguntei ao príncipe.

Este não se deixou deslumbrar. Sabia como eu fizera a dedução. Anuiu com uma tolerância fatigada. “Tanto Obtuso como eu. Foi uma longa manhã.”

Obtuso confirmou enfaticamente com a cabeça. “Subir para o banco. Não coçar. Não mexer. Enquanto elas espetam alfinetes no Obtuso.” Acrescentou aquilo com severidade e um olhar de censura dirigido ao príncipe.

Respeitador suspirou. “Isso foi um acidente, Obtuso. Ela disse-te para ficares quieto.”

“Ela é má,” arriscou Obtuso em surdina, e eu suspeitei que não estivesse longe da verdade. Muitos dos nobres achavam difícil aceitar a amizade do príncipe com Obtuso. Por algum motivo, ela afrontava ainda mais alguns criados. Suspeitava que alguns arranjavam pequenas maneiras de dar vazão ao desagrado.

“Agora acabou, Obtuso,” disse Respeitador, consolando o homenzinho.

Ocupámos os lugares do costume em volta da imensa mesa. Desde que Breu anunciara que ele e o príncipe iam começar a ter aulas de Talento juntos, aquela sala da Torre do Mar passara a estar bem mobilada. Longas cortinas rodeavam as altas janelas, agora abertas para deixar entrar uma brisa agradável. As paredes de pedra e o chão do aposento tinham sido bem esfregados, e a mesa e as cadeiras oleadas e polidas. Havia estantes propriamente ditas para pergaminhos, a fim de conter a pequena biblioteca de Breu, bem como um armário trancado de forma robusta para os rolos que ele considerava altamente valiosos ou perigosos. Uma grande secretária oferecia tinteiros e penas cortadas de fresco, e uma generosa provisão quer de papel, quer de velo. Havia também um aparador com garrafas de vinho, copos e outras coisas necessárias ao conforto do príncipe. A sala tornara-se confortável, até indulgente, e refletia mais o gosto de Breu do que o do Príncipe Respeitador.

Eu gostava da mudança.

Passei os olhos pelas caras que me rodeavam. Respeitador estava a olhar-me, alerta. Obtuso procurava qualquer coisa dentro da narina esquerda. Breu estava sentado, direito como uma seta, quase a tremer de energia. O que quer que tivesse tomado para o deixar atento nada fizera pelos fios de sangue que tinha nos olhos. O contraste com o seu olhar verde era perturbador.

“O que eu gostava de fazer hoje... Obtuso. Por favor, para com isso.”

Ele olhou-me com uma expressão vazia, ainda com o dedo enfiado no nariz. “Não posso. Está-me a picar aqui.”

Breu esfregou a testa, afastando o olhar. “Dá-lhe um lenço,” sugeriu, a ninguém em especial.

Era o Príncipe Respeitador quem estava mais perto. “Toma. Assoa o nariz. Talvez saia.”

Entregou a Obtuso um quadrado de linho bordado. Obtuso olhou-o desconfiado durante vários segundos, e depois pegou nele. Por entre o ruído ensurdecedor das suas tentativas de limpar o nariz, perguntei: “Ontem à noite, cada um de nós devia tentar caminhar pelo Talento nos nossos sonhos.” Sentira-me nervoso com aquela sugestão, mas sentira que tanto Respeitador como Breu estavam prontos para tentar. Obtuso esquecia-se habitualmente do que devia

fazer à noite, portanto pouco me preocupara com ele. Quando se caminhava pelo Talento, abandonava-se o nosso corpo e experimentava-se a vida, durante algum tempo, através do corpo de outra pessoa. Eu conseguira fazê-lo várias vezes, normalmente por acidente. Os rolos de Talento sugeriam que essa era não só uma boa maneira de reunir informação, mas também de localizar aqueles que eram suficientemente abertos para serem usados como Homens do Rei, fontes de força para um utilizador de Talento. Os que o eram revelavam-se também por vezes possuidores de Talento. No dia anterior, Breu estivera entusiasmado, mas uma olhadela que lhe fosse hoje dirigida não mostrava nenhum do triunfo que teria exibido caso tivesse conseguido realizar o feito. Respeitador também parecia sombrio. “Então? Nenhum sucesso?”

“Consegui!”, exultou Obtuso.

“Caminhaste pelo Talento?” Eu estava espantado.

“Nã-ã-ão. Tirei-o. Vês?” Exibiu o troféu esverdeado encurralado no meio do lenço do príncipe. Breu virou a cara com uma exclamação de repugnância.

Respeitador, mostrando os seus quinze anos, riu alto. “Impressionante, Obtuso. Esse é dos grandes. Parece uma velha salamandra verde.”

“Pois,” concordou Obtuso com satisfação. A boca escancarou-se-lhe de prazer. “Ontem à noite sonhei com um grande lagarto azul. Maior do que isto!” O seu riso, semelhante aos arquejos irritados de um cão, juntou-se ao do príncipe.

“Meu Príncipe e futuro monarca,” fiz severamente lembrar a Respeitador, “temos trabalho a fazer.” Na realidade, estava a lutar por manter uma cara séria. Era bom ver Respeitador a rir livremente, mesmo de algo pueril. Desde que conhecera o rapaz, ele sempre parecera sobrecarregado pelo seu estatuto e pelos seus perpétuos deveres. Aquele era o primeiro momento em que o vira a agir como um jovem na primavera; arrependi-me da repreensão quando o sorriso se lhe sumiu tão abruptamente da cara. Com uma seriedade que excedia em muito a minha, virou-se para Obtuso, pegou no lenço e enrolou-o numa bola.

“Não, Obtuso. Para. Escuta-me. Sonhaste com um grande lagarto azul? Quão grande?”

A intensidade da pergunta do príncipe atraiu o olhar de Breu. Mas Obtuso estava confuso e ofendido pela rapidez com que o tom

e a atitude de Respeitador para com ele tinham mudado. A testa enrugou-se-lhe e tanto o lábio inferior como a língua se projetaram quando uma carranca se lhe instalou na cara. “Isso não foi simpático.”

Reconheci a frase. Tínhamos andado a trabalhar as maneiras de Obtuso à mesa. Se ele nos ia acompanhar na viagem a Aslevjal, tinha pelo menos de aprender um tudo-nada de cortesia. Infelizmente, só parecia lembrar-se das regras quando podia repreender outra pessoa com elas.

“Desculpa, Obtuso. Tens razão. Agarrar não é simpático. Agora fala-me do lagarto grande com que sonhaste.”

O príncipe estava a sorrir sinceramente a Obtuso, mas a mudança de tema foi demasiado rápida para o homenzinho. Obtuso abanou a pesada cabeça e virou-a. Cruzou os braços curtos ao peito. “Nã,” declarou, carrancudo.

“Por favor, Obtuso,” começou Respeitador, mas Breu interrompeu. “Isto não pode esperar, Respeitador? Não temos assim tantos dias até zarparmos, e ainda temos muito terreno a percorrer se quisermos funcionar como um círculo de Talento.” Eu conhecia a ansiedade do velho. Partilhava dela. O Talento podia vir a ser essencial para o sucesso do príncipe. Nenhum de nós dava grande crédito a ele realmente matar um dragão de gelo enterrado. O verdadeiro valor do Talento seria permitir que Breu e eu reuníssemos informação e a transmitíssemos a Respeitador para suavizar o caminho para as suas negociações nupciais. “Não. Isto é importante, Breu. Penso eu. Bem, talvez seja. Porque eu também sonhei com um grande lagarto azul ontem à noite. Na verdade, a criatura com que sonhei era um dragão.”

Um momento de silêncio prolongou-se enquanto refletíamos sobre aquilo. Depois, Breu sugeriu num tom hesitante: “Bem, não nos deve surpreender que tu e Obtuso partilhem o mesmo sonho. Estais tão frequentemente ligados pelo Talento durante o dia, porque não haveria isso de perdurar durante a noite?”

“Porque não me parece que estivesse a dormir quando aconteceu. Estava a tentar fazer a caminhada pelo Talento. O Fi... o Tomé diz que foi mais fácil para ele passar à caminhada a partir de um sono ligeiro. Por isso, eu estava na cama, a tentar estar adormecido mas não demasiado, enquanto sondava com o Talento. E depois senti-o.”

“O quê?”, perguntou Breu.

“Senti-o à minha procura. Com os seus grandes olhos redemoinhantes e prateados.” Fora Obtuso quem respondera.

“Sim,” confirmou lentamente o príncipe.

O coração afundou-se-me no peito.

“Não compreendo,” disse Breu com irritação. “Começa pelo princípio e apresenta um relatório como deve ser.” Isto foi dirigido a Respeitador. Eu compreendia a dupla picada da ira de Breu. Uma vez mais, os três tinham tentado executar um exercício, e tanto Obtuso como Respeitador haviam alcançado algum sucesso onde Breu falhara. A sublinhar isso havia a menção a um dragão. Houvera demasiadas menções a dragões nos últimos tempos: um dragão congelado para Respeitador desenterrar e decapitar, os dragões de que o contingente de Vilamonte se gabara (supostamente às ordens dos Mercadores de Vilamonte), e agora um dragão a intrometer-se no nosso exercício de Talento. Sabíamos muito menos do que devíamos sobre qualquer um deles. Não nos atrevíamos a pô-los de lado como lendas e mentiras; bem de mais nos lembrávamos dos dragões de pedra que tinham vindo em defesa dos Seis Ducados dezasseis anos antes, mas sabíamos pouco sobre qualquer um deles.

“Quase nem há o suficiente para um relatório,” respondeu Respeitador. Respirou fundo e, apesar das suas palavras, começou da forma ordeira com que Breu nos instruíra a ambos. “Tinha-me retirado para os meus aposentos, exatamente como se fosse dormir toda a noite. Estava na cama. Havia um fogo pouco intenso na lareira, e eu estava a observá-lo, desfocando a mente de uma maneira que esperava que convidaria ao sono mas me deixaria suficientemente consciente para projetar o Talento. Dormitei por duas vezes. De ambas me despertei e voltei a tentar abordar o exercício. À terceira, tentei inverter o processo. Projetei o Talento, mantive-me em prontidão, e depois tentei afundar-me no sono.” Pigarreou e olhou em volta, para nós. “Depois senti qualquer coisa grande. Mesmo grande.” Olhou para mim. “Como daquela vez, na praia.”

Obtuso estava a seguir a história com a boca entreaberta e os pequenos olhos redondos apertados em pensamento. “Um grande lagarto azul e gordo,” alvitrou.

“Não, Obtuso.” Respeitador manteve pacientemente a voz suave. “A princípio não. A princípio havia só uma imensa... presença. E eu ansiava por me aproximar, e no entanto temi fazê-lo. Não por causa de alguma ameaça deliberada da parte dela. Pelo contrário,

parecia... infinitamente benigna. Repousante e segura. Temi tocá-la por receio de... perder todo o desejo de regressar. Parecia o fim de alguma coisa. Uma borda, ou um lugar onde começa uma coisa diferente. Não. Como algo que vive num lugar onde algo de diferente começa.” A voz do príncipe silenciou-se.

“Não entendo. Fala de maneira a fazer sentido,” exigiu Breu.

“É o máximo de sentido que é possível aplicar àquilo,” intercedi eu em voz baixa. “Eu conheço o tipo de ser, ou de sensação, ou de lugar, de que o príncipe está a falar. Encontrei algo assim, uma ou duas vezes. Uma vez, uma dessas coisas ajudou-nos. Mas tive a sensação de que essa era uma exceção. Talvez outra pudesse ter-nos absorvido sem sequer reparar. É uma força incrivelmente atraente, Breu. Calorosa e tolerante, suave como o amor de uma mãe.”

O príncipe franziu ligeiramente o sobrolho e abanou a cabeça. “Este era forte. Protetor e sábio. Como um pai,” disse Respeitador.

Controlei a língua. Decidira havia muito que aquelas forças nos apresentavam aquilo por que mais ansiávamos. A minha mãe abria mão de mim quando eu era muito pequeno. Respeitador nunca conhecera o pai. Coisas dessas deixam grandes buracos num homem.

“Porque não falaste disto antes?,” perguntou Breu com irritação.

De facto, porquê? Porque esse encontro parecera demasiado pessoal para ser partilhado. Mas agora desculpei-me, dizendo: “Porque tu só me terias dito o que acabaste de dizer. Fala de maneira a fazer sentido. É um fenómeno que não consigo explicar. O que eu disse talvez seja apenas a minha racionalização daquilo por que passei. Contar um sonho; é com isso que se assemelha. Tentar fazer uma história a partir de uma série de acontecimentos que desafiam a lógica.”

Breu cedeu, mas não pareceu satisfeito. Resignei-me a ser espremido mais tarde em busca de mais factos, pensamentos e impressões.

“Quero falar do lagarto grande,” observou Obtuso, aborrecido, sem se dirigir a ninguém. Chegara a um ponto em que por vezes gostava de ser o centro das atenções. Era claro que sentia que a história do príncipe lhe roubara o palco.

“Fala lá, Obtuso. Conta o que sonhaste, e depois eu conto o que sonhei.” O príncipe cedeu-lhe todas as atenções.

Breu recostou-se na cadeira com um sonoro suspiro. Virei a

minha atenção para Obtuso e vi como a cara se lhe iluminava. Me-neou-se como um cachorrinho afagado, semicerrou os olhos com um ar pensativo, e depois, numa esmerada imitação do modo como ouvira Respeitador e eu apresentar relatórios a Breu, deu início ao seu relato. “Fui para a cama ontem à noite. E tinha a manta vermelha. Depois, o Obtuso estava quase a dormir, quase a entrar na música. Depois, percebi que Respeitador estava lá. Às vezes o Obtuso segue-o para os sonhos. Ele tem montes de sonhos bons, sonhos com raparigas...”

A voz de Obtuso silenciou-se por um momento enquanto ele respirava pela boca aberta, a refletir. O príncipe parecia intensamente desconfortável, mas tanto Breu como eu conseguimos conservar expressões suavemente interessadas.

Obtuso reatou a história de repente. “Depois, pensei, onde está ele? Se calhar é um jogo. Ele está a esconder-se de Obtuso. Portanto digo: ‘Príncipe’ e ele diz ‘Cala-te.’ De modo que eu me calo, e Obtuso fica pequenino, e a música dá-me a volta, dá-me a volta. Como estar escondido nas cortinas. Depois espreito, só uma espreitadelazinha de nada. E é um grande lagarto gordo, azul, azul como a minha camisa, mas brilhante quando se mexe, como as facas da cozinha. Depois ele diz: ‘Sai, sai. Podemos jogar um jogo.’ Mas o Príncipe diz: ‘Chiu, não, não saias,’ de modo que eu não saio, e depois ele fica zangado e maior. Fica com os olhos brilhantes e a girar, a girar como aquele pires que eu deixei cair. E depois o Obtuso pensa: ‘Mas ela está do lado do sonho. Vou para o outro lado.’ Portanto faço a música tornar-se maior e acordo. E não havia lagarto mas a minha manta vermelha estava no chão.”

Terminou o relato com um grande arquejo, visto que perdera o fôlego, e olhou-nos, um de cada vez. Dei por mim a dar a Breu a mais pequena das cotoveladas de Talento. Ele relanceou os olhos por mim, mas conseguiu fazer com que parecesse algo casual. Senti um tremendo orgulho no velho quando ele disse: “Um relatório excelente, Obtuso. Deste-me muito em que pensar. Ouçamos agora o Príncipe, e depois veremos se tenho alguma pergunta para ti.”

Obtuso sentou-se mais direito na cadeira, e o seu peito inchou com um tal orgulho que o tecido da camisa se esticou na barriga redonda. A língua ainda se lhe projetava do largo sorriso de rã, mas os olhinhos dançavam quando olhou para Respeitador e para mim, a fim de se assegurar de que tínhamos reparado no seu triunfo. Per-

guntei a mim próprio quando fora que impressionar Breu se tornara tão importante para ele, e depois apercebi-me de que também isso era uma imitação do seu príncipe.

Respeitador concedeu sabiamente a Obtuso um momento ou dois para se deliciar com a nossa atenção. “O Obtuso contou-vos a maior parte da história, mas deixai-me acrescentar um bocado. Falei-vos de uma grande presença. Eu estava... bem, não a observar... Estava a experimentá-la, e a ser lentamente puxado cada vez para mais perto. Não era assustador. Sabia que era perigoso, mas era difícil preocupar-me com a possibilidade de ser absorvido e ficar perdido para sempre. Isso simplesmente não parecia importar. Depois a presença começou a afastar-se. Quis segui-la, mas nesse momento tomei consciência de que outra coisa me observava. E não parecia tão benigna. A sensação que tive foi que enquanto estivera a contemplar a presença, esse outro ser se tinha aproximado sorratamente de mim.

»Olhei em volta e vi que estava na margem de um rio leitoso, numa praia de barro muito pequena. Uma grande floresta de árvores imensas estava atrás de mim. Eram mais altas do que torres e transformavam com a sua sombra o dia em crepúsculo. A princípio não vi mais nada. Depois reparei numa criatura minúscula, parecida com um lagarto, só que mais rechonchuda. Estava em cima da folha larga de uma árvore, a observar-me. Mas quando a vi, começou a crescer. Ou talvez tivesse sido eu a encolher. Não tenho a certeza. A floresta também se tornou maior, até que, quando o animal desceu para o barro, era um dragão. Azul e prateado, imenso e belo. E falou-me, dizendo: ‘Então. Viste-me. Bem, não me importa. Mas tu vais-te importar. És um dos dele. Diz-me. Que sabes tu sobre um dragão preto?’ Depois, e esta parte foi muito estranha, não consegui encontrar-me. Era como se tivesse olhado para a criatura com demasiada atenção e me tivesse esquecido de me lembrar de que eu existia. E depois decidi que estaria atrás de uma árvore, e estava.”

“Isto não soa a Talento,” interrompeu Breu com irritação. “Soa a sonho.”

“Exatamente. E por isso pu-lo de parte quando acordei. Sabia que tinha usado brevemente o Talento, mas achei que depois o sono me tinha dominado, e que tudo o que se seguiu tinha sido um sonho. Portanto, nesse sonho, à maneira estranha dos sonhos, de repente o Obtuso estava comigo. Não sabia se ele tinha visto o dragão, por-

tanto contactei-o e disse-lhe para ficar calado e se esconder dele. De modo que nos escondemos, e o dragão ficou muito zangado, acho que porque sabia que ainda lá estávamos, mas escondidos. Depois, de súbito, o Obtuso desapareceu. E isso sobressaltou-me tanto que abri os olhos.” O príncipe encolheu os ombros. “Estava no meu quarto. Julguei que tinha acabado de ter um sonho muito intenso.”

“E pode ter acontecido isso mesmo, um sonho que tivesses partilhado com o Obtuso,” respondeu Breu. “Julgo que podemos deixar isto por agora para nos dedicarmos à verdadeira tarefa que nos trouxe aqui.”

“Acho que não,” disse eu. Algo na indiferença fácil de Breu me avisou que o velho não queria que falássemos sobre aquilo, mas eu estava disposto a sacrificar parte do meu segredo para descobrir o que se passara. “Acho que o dragão é real. Além disso, penso que já tínhamos ouvido falar dele. Tintaglia, o dragão de Vilamonte. Aquele de que o rapaz mascarado falou.”

“Selden Vestrit.” Respeitador forneceu o nome em voz baixa. “Então os dragões conseguem usar o Talento? Porque exigiria ele saber o que nós sabíamos sobre um dragão preto? Refere-se a Fogo-jelo?”

“Quase de certeza que sim. Mas essa é a única das tuas perguntas a que eu consigo dar resposta.” Virei-me relutantemente para enfrentar o cenho franzido de Breu. “Tintaglia já antes tinha tocado os meus sonhos, com a mesma exigência. Que lhe dissesse o que sabia sobre um dragão preto e uma ilha. Sabe da nossa demanda, provavelmente por intermédio do contingente de Vilamonte que veio convidar-nos tão cordialmente a participar na sua guerra com Calcede. Mas julgo que só sabe o que eles ficaram a saber. Que há um dragão encurralado em gelo, e que Respeitador vai matá-lo.”

Breu fez um som que foi quase como um rosnido. “Então também há de saber o nome da ilha. Aslevjal. É só uma questão de tempo até que descubra onde isso fica. Os Mercadores de Vilamonte são famosos por fazerem isso mesmo: comércio. Se quiserem uma carta que mostre o caminho para Aslevjal, obtê-la-ão.”

Abri as mãos, exibindo uma calma que não sentia. “Não há nada que possamos fazer quanto a isso, Breu. Teremos de lidar com o que quer que aconteça.”

Ele empurrou a cadeira para trás. “Bem, eu poderia lidar com

isso melhor se soubesse o suficiente para esperar o que aí vem,” disse. A voz foi-se-lhe levantando à medida que ia falando. Dirigiu-se a passos largos para a janela e fitou o mar. Depois virou a cabeça para me fitar, furioso, por cima do ombro. “Que mais não me contaste?”

Se estivéssemos sozinhos naquele momento, talvez lhe tivesse contado o modo como o dragão ameaçara Urtiga e como ela mandara a criatura embora. Mas não desejava falar da minha filha na presença de Respeitador, portanto limitei-me a abanar a cabeça. Ele voltou a fitar o mar.

“Então poderemos ter outro inimigo a enfrentar, além do frio e do gelo de Aslevjal. Bom. Pelo menos diz-me que tamanho tem essa criatura. Que força tem?”

“Não sei. Só a vi em sonhos e, nos meus sonhos, mudava de tamanho. Não me parece que possamos ter a certeza de nada do que nos mostrou em sonhos.”

“Oh, bem, isso é útil,” respondeu Breu, desencorajado. Voltou para a mesa e deixou-se cair na cadeira. “Sentiste alguma coisa vinda desse dragão ontem à noite?”, perguntou-me de súbito.

“Não. Não senti.”

“Mas caminhaste pelo Talento.”

“Brevemente.” Visitara Urtiga. Não ia discutir isso ali. Ele não pareceu reparar na minha reticência.

“Eu não fiz nem uma coisa, nem outra. Apesar dos meus maiores esforços.” A sua voz estava tão angustiada como a de uma criança ferida. Olhei-o nos olhos e vi aí não apenas frustração, mas dor. Ele olhava-me como se eu o tivesse excluído de algum segredo precioso ou de uma maravilhosa aventura.

“Breu. Virá a seu tempo. Às vezes penso que tentas demasiado.” Proferia as palavras mas não tinha a certeza de serem verdadeiras. No entanto não me conseguia levar a afirmar aquilo de que suspeitava em segredo: que ele chegara tarde de mais àquelas lições e nunca dominaria a magia que durante tanto tempo lhe fora negada.

“É o que andas sempre a dizer,” disse ele com uma voz vazia.

E não pareceu haver nada para responder àquilo. Durante o que restou da nossa sessão, trabalhámos em vários exercícios obtidos num dos rolos, mas com um sucesso limitado. O desencorajamento de Breu parecia ter amortecido todas as suas capacidades naquele dia. De mãos dadas conseguia receber as imagens e palavras que eu lhe enviava, mas quando nos separámos e fomos para partes

diferentes da sala, não consegui alcançá-lo e ele tampouco foi capaz de tocar na mente de Respeitador ou na de Obtuso. A sua crescente frustração desencorajou-nos a todos. Quando Respeitador e Obtuso partiram para as respectivas tarefas, ele não só não tinha feito nenhum progresso, como falhara em igualar o nível de Talento do dia anterior.

“Mais um dia gasto, e não estamos mais perto de ter um círculo funcional,” observou amargamente Breu quando ficámos sozinhos na sala. Dirigiu-se ao aparador e serviu-se de brande. Quando me fez um gesto de interrogação, abanei a cabeça.

“Não, obrigado. Ainda nem sequer quebrei o jejum.”

“Nem eu.”

“Breu, pareces exausto. Acho que uma hora ou duas de repouso e uma boa refeição te fariam melhor do que brande.”

“Arranja-me duas horas vazias no meu dia, e eu ficarei feliz por dormir,” contrapôs ele sem rancor. Breu foi até à janela com a taça e olhou para a água. “Está tudo a fechar-se sobre mim, Fitz. Temos de obter esta aliança com as Ilhas Externas. Com Calcede e Vilamonte a guerrear, o nosso comércio com o Sul reduziu-se a um fiozinho. Se Calcede derrotar Vilamonte, como pode perfeitamente acontecer, virará de seguida as espadas contra nós. Temos de nos aliar com as Ilhas Externas antes de Calcede o fazer.

»E no entanto não são só os preparativos para a viagem. São todas as salvaguardas que tenho de instalar para me assegurar de que em Torre do Cervo as coisas correm calmamente enquanto eu andar por fora.” Bebeu da taça e acrescentou: “Dentro de doze dias partimos para Aslevjal. Doze dias, quando seis semanas quase não seriam tempo suficiente para tudo o que tenho de organizar para que as coisas corram bem na minha ausência.”

Eu sabia que ele não estava a falar de coisas como as provisões de Torre do Cervo, os impostos ou o treino da guarda. Havia outros que administravam rotineiramente todos esses sistemas e estavam sob a alçada direta da rainha. Breu preocupava-se com a sua rede de espões e informadores. Ninguém sabia ao certo qual seria a duração da nossa missão diplomática às Ilhas Externas; já para não falar de quanto tempo seria consumido pela demanda do príncipe a Aslevjal. Eu ainda nutria uma esperança cada vez menos sólida de que “matar o dragão” fosse um qualquer ritual estranho dos ilhéus, mas Breu estava convencido de que havia uma verdadeira carcaça de dragão

encerrada em gelo glacial e de que Respeitador teria de a desenterar o suficiente para lhe cortar a cabeça e presentear publicamente a narcheska com ela.

“Decerto que a tua aprendiz pode lidar com esses assuntos na tua ausência.” Mantive a voz átona. Nunca confrontara Breu a propósito da sua escolha de aprendiz. Ainda não estava pronto para confiar na Dama Rosamaria como membro da corte da rainha, muito menos como aprendiz de assassina. Em criança, ela fora ferramenta de Majestoso, e o Pretendente usara-a implacavelmente contra nós. Mas agora seria má altura para revelar a Breu que descobrira quem a sua nova aprendiz era. O seu ânimo já estava baixo.

Abanou a cabeça com irritação. “Alguns dos meus contactos só confiam em mim. Não apresentarão relatórios a mais ninguém. E a verdade é que metade do meu truque está em saber quando devo fazer mais perguntas e quais dos rumores há que investigar melhor. Não, Fitz, tenho de me resignar ao facto de que, embora a minha aprendiz possa tentar gerir os meus assuntos, haverá falhas na informação recolhida quando eu regressar.”

“Já uma vez abandonaste o Castelo de Torre do Cervo, durante a Guerra dos Navios Vermelhos. Como foi que te arranjaste nessa altura?”

“Ah, essa foi uma situação muito diferente. Nessa altura, eu segui a ameaça, perseguindo as intrigas até aos seus corações. Desta vez, na verdade, estarei presente numa negociação muito crítica. Mas ainda há muitas coisas a acontecer aqui em Torre do Cervo que têm de ser vigiadas.”

“Os Pigarços,” completei.

“Exatamente. Entre outros. Mas esses ainda são aqueles que mais temo, embora tenham estado silenciosos nos últimos tempos.”

Eu sabia o que ele queria dizer. A ausência de atividade pigarça não era tranquilizadora. Eu matara o cabecilha da organização, mas temia que outro se erguesse para ocupar o lugar de Louvovinho. Tínhamos ido até muito longe para conquistar o respeito e cooperação da comunidade manhosa. Era possível que essa suavização drenasse a ira e o ódio sobre os quais medravam os extremistas Pigarços. A nossa estratégia baseara-se na ideia de que ao oferecer amnistia aos Manhosos, talvez conseguíssemos roubar a força que impulsionava os Pigarços. Se os Manhosos fossem bem recebidos pela rainha Visionário na sociedade comum, se fosse bem-vindo e até encorajado

que assumissem abertamente a sua magia, então teriam menos interesse em derrubar o reinado Visionário. Fora essa a nossa esperança, e parecia estar a resultar. Mas se não resultasse, eles ainda podiam vir a atacar o príncipe, tentando desacreditá-lo junto dos seus próprios nobres, mostrando-o como manhoso. A proclamação régia de que a Magia da Manha já não devia ser considerada uma mácula não conseguia desfazer gerações de preconceito e desconfiança. Isso, esperávamos, cairia perante a presença benigna de Manhosos na corte da própria rainha. Não só rapazes como Veloz, mas homens como o Teio Manhoso.

Breu ainda olhava para a água, com os olhos perturbados.

Estremeci ao dizê-las, mas não pude conter as palavras. “Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?”

Ele desviou o olhar para o cruzar com o meu. “Fazes essa oferta sinceramente?”

O seu tom de voz foi um aviso. “Penso que sim. Porquê? Que me queres pedir?”

“Deixa-me mandar buscar Urtiga. Não precisas de a reconhecer como tua filha. Deixa-me apenas voltar a abordar Castro a respeito de a trazer para a corte e ensinar-lhe o Talento. Acho que ainda resta no seu coração o suficiente do velho juramento prestado aos Visionários para que, se lhe disser que o seu príncipe precisa dela, a deixe vir. E certamente seria reconfortante para Veloz ter a irmã por perto.”

“Oh, Breu.” Abanei a cabeça. “Pede-me qualquer outra coisa. Mas deixa a minha filha em paz.”

Ele abanou a cabeça e manteve-se em silêncio. Fiquei a seu lado por mais algum tempo, mas por fim aceitei que o silêncio era um pedido para que me fosse embora. Deixei-o ali em pé, com o olhar perdido por sobre a água, olhando para leste e para norte, na direção das Ilhas Externas.



CAPÍTULO II

Filhos



Tomador foi o primeiro homem a chamar a si próprio rei no Castelo de Torre do Cervo. Chegou a estas costas vindo das Ilhas Externas, como pirata e saqueador, como tantos outros tinham chegado antes dele. Viu no forte de madeira no topo das falésias que dominavam o rio uma localização ideal para estabelecer uma base permanente em terra. É o que alguns afirmam. Outros dizem que ele era um marinheiro com frio, molhado e enjoado, ansioso por sair da barriga oscilante do oceano e voltar a terra. Qualquer que possa ter sido a sua motivação inicial, teve sucesso em atacar e capturar o castelo de madeira construído sobre as suas antigas fundações de pedra e tornou-se o primeiro rei Visionário em Torre do Cervo. Abriu caminho para o interior do castelo através do fogo; desse momento em diante, construiu todas as fortificações adicionais de Torre do Cervo com a pedra preta que tão abundante é nesse local. E assim, desde os dias iniciais, a família reinante dos Seis Ducados tem raízes que se estendem até às Ilhas Externas. Nisto não estão sozinhos, bem entendido. Os povos dos Seis Ducados e das Ilhas Externas misturaram os sangues tão frequentemente como os derramaram.

— “HISTÓRIAS”, DE VENTURNE

Quando só faltavam cinco dias para a data da nossa partida, a viagem começou a parecer-me real. Até esse ponto, eu conseguira afastá-la da cabeça e pensar nela como uma coisa abstrata. Fizera preparativos, mas só como uma eventualidade. Estudara os símbolos que eles usavam para escrever, e passara muitas das minhas noites numa taberna frequentada por mercadores e marinheiros ilhéus. Aí, dedicara-me a aprender o máximo da língua que conseguisse. Escutar era a melhor técnica que possuía. O ilhéu tinha muitas raízes em comum com a nossa língua e, após algumas noites, deixara de me ressoar tão estranhamente nos ouvidos. Não conseguia falar bem o idioma, mas era capaz de me fazer entender e, mais importante do que isso, compreendia a maior parte do que ouvia. Esperei que fosse suficiente.

As minhas aulas com Veloz tinham progredido bem. Em parte, teria saudades do rapaz quando zarpássemos. Noutra parte, ficaria igualmente contente por me ver livre dele. Fiel à sua palavra, era um soberbo arqueiro para um rapaz de dez anos. Depois de eu ter alertado Poçodagrião para este facto, o Mestre-de-Armas ficara muito feliz por o tomar a cargo. “Ele tem instinto para o arco. Não é moço para fazer pontaria longa e demorada. Com este, a seta voa tanto do olho como do arco. Seria um desperdício se se dedicasse ao machado. Em vez disso, vamos fortalecê-lo e fazê-lo passar para arcos mais longos e mais poderosos à medida que for crescendo.” Foi assim que Poçodagrião o avaliou e, quando transmiti as suas palavras a Breu, o velho assassino concordou em parte.

“Vamos também começar a instruí-lo no machado,” ordenou-me Breu. “Não lhe pode fazer mal.”

Menos tempo com o rapaz era um alívio maior do que eu queria admitir. Ele era um moço inteligente, e era agradável lidar com ele em tudo menos dois aspetos: fazia-me lembrar tanto Moli como Castro muito mais do que eu gostaria, e não era capaz de deixar em paz a questão da sua magia. Fosse qual fosse a lição que eu comesse, arranjava maneira de a transformar numa discussão sobre a Manha. A profundidade da sua ignorância horrorizava-me, e no entanto não me sentia confortável a corrigir os seus equívocos. Decidi trocar ideias com Teio a respeito dele.

Encontrar Teio sozinho foi a dificuldade inicial. Desde que chegara à corte de Torre do Cervo como porta-voz e defensor do seu povo e da sua malafamada magia, ganhara o respeito de muitos que

tinham em tempos desprezado a Manha e aqueles que a praticavam. Agora era frequente referirem-se-lhe como o Mestre da Manha. O título que fora em tempos uma troça da aceitação da magia proscrita por parte da rainha estava a tornar-se rapidamente bem aceite. Muitos eram agora os que procuravam os seus conselhos, e não só em assuntos relativos à sua magia ou ao povo de Sangue Antigo. Teio era um homem afável, interessado em toda a gente e capaz de conversar animadamente sobre quase todos os assuntos; mas, apesar disso, era menos tagarela do que um ouvinte ativo. As pessoas reagem bem a um homem que fica suspenso das suas palavras. Mesmo se não tivesse sido o embaixador oficioso do povo Manhoso do reino, julgo que se teria transformado num favorito da corte. Aquela estranha ligação, porém, punha-o ainda mais no foco das atenções, pois que melhor maneira haveria para se demonstrar à rainha que se partilhava a sua política relativamente aos Manhosos do que convidar Teio para jantar ou participar noutros entretenimentos? Muitos nobres procuravam conquistar os favores da rainha dessa forma. Tenho a certeza de que nada na experiência anterior de Teio o preparara para ser uma tal novidade social, e no entanto ele lidava bem com o facto, como parecia fazer com tudo. E, tanto quanto eu conseguisse ver, isso tampouco o mudara. Continuava a mostrar-se tão arrebatado pela tagarelice de uma criada como pelas discussões sofisticadas do mais elevado dos nobres. Raramente o via sozinho.

Mas ainda há alguns locais onde a sociedade bem-educada não segue um homem. Eu estava à espera de Teio quando ele saiu de uma retrete. Cumprimentei-o e acrescentei: “Queria pedir os vossos conselhos sobre um assunto. Tendes tempo para uma ou duas palavrinhas e um passeio calmo pelos Jardins das Mulheres?”

Ele ergueu uma sobrancelha grisalha com curiosidade, e depois anuiu. Sem palavras, seguiu-me enquanto eu mostrava o caminho, igualando facilmente a rapidez da minha caminhada com o seu passo de marinheiro. Eu sempre gostara dos Jardins das Mulheres, desde rapaz. No verão fornecem a maior parte das ervas e das verduras frescas às cozinhas de Torre do Cervo, mas estão dispostos por forma a, para além de fornecerem recompensas práticas, passear por lá ser um prazer. Chamam-se Jardins das Mulheres por nenhum motivo além de serem principalmente mulheres a cuidar deles; ninguém olharia de esguelha a nossa presença. Colhi de passagem várias frondes novas e folhosas de funcho e ofereci uma a Teio. Acima

de nós, uma bétula estava a desenrolar as folhas. Havia canteiros de ruibarbo em volta do banco que escolhemos. Grossos caules vermelhos projetavam-se da terra. Nalgumas plantas, as folhas engelhadas estavam a abrir-se para a luz. As plantas precisariam em breve de ser apoiadas se se quisesse que os caules crescessem o suficiente para serem úteis. Fiz menção disso a Teio.

Ele coçou pensativamente a barba grisalha e bem aparada. Havia um toque de divertimento nos seus olhos claros quando me perguntou: “E foi sobre o ruibarbo que me quiseste consultar?” Pôs a ponta do caule de funcho entre os dentes e mordiscou-o enquanto esperava a minha resposta.

“Não, claro que não. E sei que sois um homem ocupado, portanto não vos deterei mais tempo do que o indispensável. Estou preocupado com um rapaz que foi posto ao meu cuidado para lhe dar instrução e treino com as armas. O seu nome é Veloz, e é filho de um homem que foi em tempos Mestre dos Estábulos aqui em Torre do Cervo, Castro. Mas ele afastou-se do pai numa disputa sobre o uso da Manha por parte de Veloz, e por isso chama agora a si próprio Veloz Manhoso.”

“Ah!” Teio fez um grande aceno com a cabeça. “Sim, conheço o rapaz. Vem frequentemente à periferia do círculo quando estou a contar histórias à noite, mas não me lembro de alguma vez ter falado comigo.”

“Estou a ver. Bem, eu incentivei-o não só a ouvir-vos, mas a falar convosco também. O modo como vê a sua magia perturba-me. E o modo como fala dela também. Não está treinado nela, uma vez que o pai não aprovava de todo a Manha. Mas a ignorância, em vez de o tornar cauteloso, torna-o imprudente. Revela a Manha a todas as pessoas que conhece, enfiando-a sob os seus narizes e insistindo que a reconheçam. Já o avisei de que, com decreto régio ou sem ele, há muitas pessoas em Torre do Cervo que ainda acham a Manha desagradável. Ele não parece entender que uma mudança numa lei não pode forçar uma mudança nos corações das pessoas. Exibe a sua Manha de um modo que pode ser um perigo para ele. E em breve terei de o deixar sozinho, quando partir com o Príncipe. Restam-me cinco dias para incutir nele alguma cautela.”

Esgotou-se-me o fôlego e Teio manifestou compreensão. “Percebo como isso te deixaria muito desconfortável.”

Não era o comentário que eu esperava, e por um momento

vi-me apanhado de surpresa. “Não é só sentir que ele se põe em perigo quando revela a sua magia,” desculpei-me. “Há mais. Ele fala abertamente de escolher um animal com quem se vincular, e em breve. Procurou a minha ajuda para isso, perguntando se o levava a percorrer os estábulos. Disse-lhe que não me parecia que essa fosse a maneira própria de o fazer, que deve haver mais do que isso num tal vínculo, mas ele não me dá ouvidos. Sacode-me, dizendo que se eu tivesse a Magia da Manha compreenderia melhor a necessidade que sente de pôr fim ao seu isolamento.” Tentei manter a irritação afastada da voz quando acrescentei este último bocado.

Teio soltou uma pequena tosse e fez um sorriso irónico. “E também percebo como isso seria muito vexatório para ti.”

As palavras dele fizeram com que as minhas costas fossem percorridas por um arrepio. Estavam carregadas com o peso de conhecimentos não expressos. Tentei ignorá-las. “Foi por isso que vim ter convosco, Teio. Falareis com ele? Acho que poderíeis ensinar-lhe melhor como aceitar a sua magia sem deixar que ela o dominasse. Podíeis falar-lhe sobre a razão porque ele devia esperar antes de se vincular, e porque devia ser mais cauteloso com a velocidade com que partilha a informação de que é Manhoso. Em suma, podíeis ensinar-lhe a transportar a sua magia como um homem, com dignidade e privacidade.”

Teio recostou-se no banco. As folhas do seu funcho dançaram quando as mastigou pensativamente. Depois disse em voz baixa: “Podias ensinar-lhe todas essas coisas, FitzCavalaria, tão bem como eu, se te decidisses a fazê-lo.” Olhou-me firmemente, e naquele luminoso dia de primavera, o azul parecia predominar sobre o cinzento nos seus olhos. O seu olhar não era frio, e no entanto eu senti-me perfurado por gelo. Inspirei lentamente, procurando a estabilidade. Mantive-me imóvel, esperando não me denunciar enquanto refletia sobre como ele poderia saber. Quem lhe dissera? Breu? Kettricken? Respeitador?

A sua lógica era implacável quando acrescentou: “Claro, as tuas palavras só teriam peso junto dele se lhe dissesse que também tu eras Manhoso. E teriam efeito máximo se o informasses também sobre o teu nome e a tua relação com o seu pai. Mas ele pode ser um pouco novo de mais para ficar completamente ao corrente desse segredo.”

Olhou-me durante mais dois ciclos respiratórios, após o que afastou o olhar. Julguei que isso fosse uma misericórdia até que

acrescentou: “O teu lobo ainda olha através dos teus olhos. Julgas que estando perfeitamente imóvel, ninguém te verá. Isso não resultará comigo, meu jovem.”

Levantei-me. Ansiava por negar o meu nome, mas a certeza dele era tal que sabia que só pareceria um idiota aos seus olhos se o fizesse. E não queria que o Mestre Teio me achasse tolo. “Difícilmente pensaria em mim como um jovem,” censurei-o. “E talvez tenhais razão. Falarei eu próprio com Veloz.”

“És mais novo do que eu,” disse Teio para as minhas costas, que se afastavam. “E em mais do que nos anos, Mestre Texugo.” Parei e olhei-o de relance. “Veloz não é o único que precisa de instrução na sua magia,” disse ele, numa voz colocada apenas para os meus ouvidos. “Mas eu não ensinarei ninguém que não venha ter comigo para pedir instrução. Diz também isso ao rapaz. Que ele tem de vir ter comigo e pedir. Não lhe imporei a aprendizagem.”

Percebi que a conversa terminara e de novo me afastei dele. Depois voltei a ouvir a sua voz a erguer-se, como que numa observação casual. “A Azevinha adoraria um dia como este. Céus limpos e um vento ligeiro. Como o seu falcão voaria!”

E ali estava a resposta à pergunta que eu não fizera, e suspeitei que isso era uma verdadeira exibição de misericórdia. Ele não quisera deixar que eu me interrogasse sobre quem, em Torre do Cervo, denunciara o meu segredo, e dissera-me claramente que o meu nome verdadeiro lhe chegara de outra fonte. Azevinha, viúva do Rolfe Preto que tentara ensinar-me a Manha havia tantos anos. Continuei a caminhar como se as suas palavras não passassem de conversa de circunstância, mas agora tinha de me interrogar sobre algo mais perturbador. Teria Azevinha transmitido os seus conhecimentos diretamente a Teio, ou teriam eles viajado de boca em boca para chegar até ele? Quantos Manhosos também saberiam quem eu realmente era? Quão perigoso seria esse conhecimento? Como poderia ele ser usado contra o trono Visionário?

Tratei dos meus afazeres nesse dia com um ar distraído. Tive treino com armas com a minha companhia de guardas, e a preocupação que sentia significou ter saído dele com mais nódoas negras do que era hábito. Também houve uma última prova dos novos uniformes que usaríamos. Tornara-me recentemente membro da Guarda do Príncipe, acabada de criar. Breu arranjava maneira não só de eu ser aceite neste grupo de elite, como de ser sorteado para

acompanhar o príncipe na sua demanda. O uniforme da Guarda do Príncipe era azul sobre azul, com a insígnia do cervo Visionário ao peito. Esperei que o meu estivesse acabado a tempo de lhe adicionar em privado os pequenos bolsos extra de que precisaria. Declarara que já não era assassino em prol do reinado Visionário. Isso não queria dizer que tivesse abdicado das ferramentas desse ofício.

Tive a sorte de não ter reuniões com Breu ou Respeitador à tarde, pois qualquer um deles teria imediatamente sentido que havia algo de errado. Eu sabia que acabaria por contar a Breu; era informação que ele precisava com toda a certeza de possuir. Mas ainda não desejava divulgá-la. Primeiro, queria tentar analisá-la com a minha mente, e ver como se desdobrava.

E a melhor maneira de fazer isso, bem o sabia, era dedicar os pensamentos a outros assuntos. Quando descí à Cidade de Torre do Cervo nessa noite, decidi conceder a mim próprio um adiamento da taberna dos Ilhéus e passar algum tempo com Zar. Precisava de dizer ao meu filho adotivo que eu fora “escolhido” para acompanhar o príncipe, e de me despedir antecipadamente dele, para o caso de não haver tempo para uma despedida mais tardia. Já não via o rapaz há algum tempo, e já havia bem poucos dias até à partida, de modo que decidi que se justificava pedir ao Mestre Gindaste uma noite completa na companhia de Zar. Andava muito contente com os progressos que ele mostrava no treino desde que se instalara no alojamento dos aprendizes e se dedicara a sério à aprendizagem. O Mestre Gindaste era um dos melhores carpinteiros da Cidade de Torre do Cervo. Ainda me achava afortunado por ele ter concordado, com um empurrãozinho de Breu, aceitar Zar como aprendiz. Se o rapaz se portasse bem aí, tinha um futuro brilhante em qualquer parte dos Seis Ducados em que decidisse instalar-se.

Ceguei mesmo na hora em que os aprendizes estavam a preparar-se para a refeição da noite. O Mestre Gindaste não se encontrava presente, mas um dos seus principais empregados libertou Zar ao meu cuidado. O modo ríspido com que me concedeu o desejo deixou-me curioso, mas atribuí-o a algum problema pessoal que o homem tivesse. Zar levou muito tempo a ir buscar o manto e, quando saímos, caminhou em silêncio a meu lado.

“Zar, está tudo bem?”, perguntei-lhe por fim.

“Eu acho que sim,” respondeu ele em voz baixa. “Mas sem dúvida que tu vais discordar. Dei ao Mestre Gindaste a minha palavra

de que me controlaria a respeito deste assunto. Insulta-me que mesmo assim ele tenha achado que precisava de te mandar uma mensagem para vires também censurar-me.

“Não faço ideia do que estás a falar,” disse-lhe, tentando manter a voz sem expressão apesar de o coração se me afundar até às botas. Não consegui evitar pensar que teria de partir dentro de um punhado de dias. Seria o-que-quer-que-fose algo que eu pudesse consertar em tão pouco tempo? Perturbado, dei apressadamente as novidades que viera dar. “O meu nome foi escolhido entre os guardas. Em breve partirei com o Príncipe, para o acompanhar na sua missão às Ilhas Externas. Vim dizer-te isso, e passar uma noite contigo antes de ter de partir.”

Ele soltou uma fungadela de descontentamento, mas creio que o seu alvo era ele próprio. Denunciara os seus problemas perante mim, ao passo que, se tivesse sido um pouco mais discreto, poderia tê-los conservado privados. Creio que isso se sobrepôs à reação inicial às minhas novidades. Continuei a andar a seu lado, à espera do que diria. As ruas da Cidade de Torre do Cervo estavam razoavelmente calmas naquela noite. A luz começara a demorar-se mais ao fim dos dias luminosos de primavera, mas as pessoas também andavam a levantar-se mais cedo e a trabalhar durante mais horas, portanto era mais provável procurarem o sono quando ainda havia luz no céu. Quando Zar se manteve em silêncio, acabei por sugerir: “O Cão e Assobio é por aqui. É um sítio agradável para arranjar comida e boa cerveja. Vamos lá?”

Os seus olhos não se encontraram com os meus quando me contrariou com: “Preferia ir ao Porco Entalado, se não fizer diferença para ti.”

“Mas faz,” disse eu, numa voz determinadamente agradável. “É demasiado perto da casa de Gina, e tu sabes que há noites em que ela lá vai. Também sabes que ela e eu seguimos caminhos separados. Prefiro não a encontrar esta noite, se puder evitá-lo.” Também descobrira, tardiamente, que o Porco Entalado era visto como local de reunião de gente Manhosa, embora ninguém fizesse abertamente tal acusação. Ela explicava parte da fraca reputação da taberna; o resto devia-se a ser, na verdade, um sítio bastante sujo e mal gerido.

“A tua objeção não se deverá na realidade a saberes que Esvânia vive ali perto?”, perguntou-me ele sem rodeios.

Suprimi um suspiro. Virei os passos na direção do Porco Entalado. “Julguei que ela te tinha trocado pelo marinheiro e pelos presentes bonitos que ele lhe dava.”

Zar estremeceu, mas manteve a voz firme quando respondeu: “A mim também me pareceu. Mas depois de Gornirém voltar para o mar, ela ficou livre para ir ter comigo e me contar a verdade. Os pais combinaram e aprovam essa união. Foi por causa da combinação que gostaram tão pouco de mim.”

“Quer dizer que pensaram que sabias que ela estava prometida, e que continuaste a encontrar-te com ela mesmo assim?”

“Suponho que sim.” De novo, aquele tom de voz neutro.

“Uma pena que ela nunca tenha pensado em dizer aos pais que te estava a enganar. Ou em falar-te desse Gornirém.”

“Não foi assim, Tomé.” Um rosnido baixo de fúria insinuou-se-lhe na voz. “Ela não decidiu enganar ninguém. Pensou, a princípio, que seríamos só amigos, e por isso não havia motivo para me dizer que estava comprometida. Depois de começarmos a gostar um do outro, teve medo de falar, por temer que eu a achasse infiel para com ele. Mas na realidade nunca lhe tinha entregue o coração; tudo o que ele recebeu foi a palavra dos pais dela.”

“E quando voltou?”

O meu rapaz respirou fundo e recusou-se a perder as estribeiras. “É complicado, Tomé. A saúde da mãe dela não é boa, e tem o coração posto naquela união. Gornirém é filho de uma amiga de infância. E o pai não quer ter de retirar a palavra dada depois de concordar com o casamento. É um homem orgulhoso. Portanto, quando Gornirém voltou à cidade, ela achou melhor fingir que estava tudo bem durante o breve período que ele passou cá.”

“E agora que se foi embora, voltou para ti.”

“Sim.” Expulsou a palavra à dentada, como se não houvesse mais a dizer.

Pus-lhe a mão no ombro enquanto caminhávamos. Os músculos, aí, estavam contraídos, duros como pedra. Fiz a pergunta que tinha de fazer: “E que acontecerá quando ele regressar ao porto, com presentes e ideias crédulas sobre ela ser sua namorada?”

“Nessa altura dir-lhe-á que me ama e que agora é minha,” disse ele em voz baixa. “Ou então digo eu.” Durante algum tempo caminhamos em silêncio. Ele não se descontraiu sob a minha mão, mas pelo menos não a sacudiu. “Achas que eu sou parvo,” disse por fim

quando virámos para a rua que passava pelo Porco Entalado. “Achas que ela está a brincar comigo, e que, quando Gornirém regressar, vai voltar a pôr-me de parte.”

Tentei obrigar a voz a dizer as palavras duras com suavidade. “Isso realmente parece-me possível.”

Ele suspirou, e o ombro descaiu sob a minha mão. “A mim também. Mas que posso eu fazer, Tomé? Amo-a. A Esvânia e a mais ninguém. Ela é a outra metade de mim, e quando estamos juntos, fazemos um todo de que não posso duvidar. A caminhar agora contigo e a falar-te disso, soo ingénuo, mesmo aos meus ouvidos. Por isso dou voz a dúvidas, como as tuas. Mas quando estou com ela e me olha nos olhos, sei que me está a dizer a verdade.”

Avançámos mais um pouco em silêncio. À nossa volta, a cidade estava a mudar de ritmo, a descontrair-se dos labores do dia num momento de refeições partilhadas e companheirismo familiar. Mercadores estavam a fechar as portadas para a noite. Cheiros a cozinha escapavam-se das casas. As tabernas chamavam por gente como eu e Zar. Desejei em vão que fôssemos simplesmente sentar-nos para comermos juntos uma refeição substancial. Julgara-o em águas seguras, e reconfortara-me com essa ideia sempre que pensava em abandonar Torre do Cervo. Fiz uma pergunta que era ao mesmo tempo inevitável e tola: “Há alguma hipótese de parares de estar com ela durante algum tempo?”

“Não.” Ele respondeu sem mesmo inspirar. Olhou em frente enquanto falava. “Não posso, Tomé. Não sou mais capaz de a pôr de lado do que de abdicar de respirar, de água ou de comida.”

Então expressei honestamente o meu medo. “Preocupo-me com a possibilidade de, enquanto eu estiver por fora, tu te meteres em sarilhos por causa disto, Zar. Não só andares ao murro com Gornirém por causa da rapariga, embora isso já fosse suficientemente mau. O Mestre Hasteveado não tem qualquer amizade por nenhum de nós. Se julgar que lhe comprometeste a filha, pode procurar vingar-se de ti.”

“Eu consigo lidar com o pai dela,” disse ele com brusquidão, e senti os seus ombros voltarem a enrijecer.

“Como? Sendo espancado por ele? Ou deixando-o sem sentidos? Lembra-te de que eu lutei com ele, Zar. O homem nem gritará por misericórdia, nem ta dará. Se a Guarda da Cidade não tivesse intervindo, a nossa luta podia ter continuado até um de nós estar

inconsciente, ou morto. Mas mesmo se não se chegar a tanto, haverá outras coisas que ele pode fazer. Pode ir falar com Gindaste e queixar-se de que ao seu aprendiz falta moralidade. Gindaste veria isso com seriedade, não é verdade? Por aquilo que disseste, o teu patrão não está contente contigo neste momento. Podia expulsar-te. Ou Hasteveado podia simplesmente pôr a própria filha na rua. E depois?”

“Depois eu acolhia-a,” respondeu Zar em tom sombrio. “E tomava conta dela.”

“Como?”

“De alguma maneira. Não sei como, só sei que tomava!” A ira na sua resposta furiosa não se dirigia a mim, mas a si próprio, por não conseguir pensar numa maneira de refutar a questão. Achei que aquele era um bom momento para me manter em silêncio. O meu rapaz não podia ser dissuadido de seguir o seu caminho. Se procurasse fazê-lo, ele iria apenas virar-me as costas para ir atrás dela.

Continuámos a caminhar e, quando nos aproximámos do Porco Entalado, eu tive de perguntar: “Não te encontras abertamente com ela, pois não?”

“Não,” respondeu ele com relutância. “Passo pela casa dela. Ela fica à espreita, mas fingimos não reparar um no outro. Mas se me vir, arranja uma desculpa qualquer mais tarde, à noite, para vir ao meu encontro.”

“No Porco Entalado?”

“Não, claro que não. Há um sítio que descobrimos, onde podemos estar sozinhos.”

E assim senti-me parte do esquema deles quando passei com Zar pela casa de Esvânia. Não soubera onde ela vivia até àquele momento. Quando passámos pela casa, Esvânia estava sentada no degrau com um rapazinho. Não me apercebera de que ela tinha irmãos. Levantou-se de imediato e foi para dentro com a criança, como se estivesse a desprezar-nos. Continuámos a caminhar até ao Porco Entalado.

Relutei em entrar, mas Zar foi à minha frente e portanto segui-o. O estalajadeiro dirigiu-nos um aceno brusco. Surpreendeu-me ele não me ordenar a sair. Da última vez que ali estivera, tivera uma rixa com Hasteveado e a Guarda da Cidade fora chamada. Talvez um acontecimento desses não fosse assim tão fora do comum por ali. Pelo modo como o empregado cumprimentou Zar, o meu ra-

paz tornara-se cliente regular. Escolheu uma mesa de canto como se fosse o seu lugar do costume. Pus moedas sobre a mesa e, em resposta, depressa tínhamos duas canecas de cerveja e dois pratos de um medíocre estufado de peixe. O pão que vinha com ele estava duro. Zar não pareceu reparar. Conversámos pouco enquanto comíamos, e eu senti-o a controlar o tempo, estimando quanto faltaria até que Esvânia arranjasse uma desculpa e se esgueirasse para o local onde se encontravam.

“Tinha a ideia de dar a Gindaste algum dinheiro para guardar por ti, para que fosses tendo fundos próprios à medida que te fossem fazendo falta enquanto eu andar por fora.”

Zar abanou a cabeça, de boca cheia. Um momento mais tarde disse em voz baixa: “Isso não vai resultar. Porque se ele estivesse descontente comigo por algum motivo, retinha-me o dinheiro.”

“E tu esperas que o teu mestre venha a estar descontente contigo?”

Durante algum tempo, ele não respondeu. Depois disse: “Ele julga que tem de regular o que faço como se eu tivesse dez anos. As minhas noites deviam ser minhas, para fazer o que quisesse. Pagaste o meu aprendizado e eu executo o meu trabalho durante o dia. Isso devia ser tudo o que lhe diz respeito. Mas não, quer que fique com os outros aprendizes, a remendar meias até que a mulher nos grite para pararmos de desperdiçar velas e irmos dormir. Não preciso desse tipo de supervisão, e não a tolerarei.”

“Estou a ver.” Comemos mais comida insípida em silêncio. Lutei com uma decisão. Zar era demasiado orgulhoso para me pedir diretamente para lhe dar o dinheiro. Eu podia recusar, para expressar desaprovação. Era verdade que não gostava do que ele andava a fazer. Previa que o meteria em sarilhos... e se esses sarilhos chegassem durante a minha ausência, poderia precisar de dinheiro para sair deles. Era bem certo que eu vira o suficiente do cárcere da Cidade de Torre do Cervo para saber que não queria que o meu rapaz lá passasse algum tempo, sem poder pagar uma multa. Mas se lhe deixasse dinheiro, não lhe estaria talvez a dar corda suficiente para com ela se enforcar? Iria todo para presentes para impressionar a queridinha e para refeições e bebida na taberna? Era possível.

Tudo se resumia a isto: confiaria eu naquele rapaz que criara durante os últimos sete anos? Ele já pusera de parte muito do que lhe ensinara. E no entanto, o mesmo teria Castro dito de mim naquela

idade, se tivesse sabido o quanto eu usava a Manha. O mesmo teria Breu dito, se soubesse das minhas idas privadas à cidade. E no entanto, ali estava eu, ainda em grande medida o homem em que eles me tinham transformado. Tanto que não mostraria uma bolsa cheia de moedas numa taberna de tão má reputação como aquela. “Então irei simplesmente dar-te o dinheiro a ti e confiar que sejas sensato com ele,” disse em voz baixa.

A cara de Zar iluminou-se, e eu soube que foi pela confiança que lhe estava a dar, não pelas moedas. “Obrigado, Tomé. Eu terei cuidado com ele.”

Depois disso, a nossa refeição correu de forma mais agradável. Conversámos sobre a minha futura viagem. Ele perguntou quanto tempo andaria por fora. Disse-lhe que não sabia. Zar perguntou se a minha viagem seria perigosa. Todos tinham ouvido dizer que o príncipe ia partir para matar um dragão em honra da narcheska. Eu ridicularizei brandamente a ideia de que encontraríamos algum animal desse género no gelo das Ilhas Externas. E disse-lhe, sem mentir, que esperava passar a maior parte da viagem aborrecido e desconfortável, mas não em risco. Afinal de contas, eu não passava de um guarda de baixa patente, honrado por ter sido escolhido para acompanhar o príncipe. Sem dúvida que passaria a maior parte do meu tempo à espera que alguém me dissesse o que fazer. Rimos juntos por causa disso, e esperei que ele tivesse percebido o que eu queria dizer: que obedecer aos nossos superiores não era um limite infantil, mas um dever com que qualquer homem podia contar na vida. Mas se ele viu as coisas a essa luz, não fez qualquer menção ao facto.

Não nos demorámos na refeição. A comida não o merecia, e eu senti que Zar estava na expectativa do seu encontro com Esvânia. Sempre que pensava nisso, o coração afundava-se-me, mas sabia que não havia forma de o demover. Portanto, quando a nossa apressada refeição terminou, afastámos os pratos gordurosos e abandonámos o Porco Entalado. Caminhámos juntos durante algum tempo, vendo a noite insinuar-se pela Cidade de Torre do Cervo. Quando eu era rapaz, as ruas estariam quase vazias àquela hora. Mas a Cidade de Torre do Cervo crescera e os ofícios mais sombrios da cidade tinham aumentado. Num cruzamento muito frequentado, mulheres demoravam-se pelas ruas, caminhando lentamente. Olhavam para os homens que passavam, conversando entrecortadamente umas

com as outras enquanto esperavam por alguém que as abordasse. Foi aí que Zar parou. “Agora tenho de ir,” disse ele em voz baixa.

Acenei com a cabeça, abstendo-me de fazer qualquer comentário. Tirei do justilho a bolsa que preparara e enfiei-lha na mão. “Não andes com todo, só com o que achares que te vai fazer falta nesse dia. Tens algum lugar seguro onde pôr o resto?”

“Obrigado, Tomé.” Ele aceitou o dinheiro gravemente, enfiando-o dentro da camisa. “Tenho. Pelo menos, a Esvânia tem. Vou dar-lho para mo guardar.”

Precisei de todos os bocadinhos de controlo e representação que aprendera na vida para evitar que as desconfianças que sentia se me mostrassem nos olhos ou na cara. Anuí, como se não tivesse qualquer dúvida de que tudo ficaria bem. Depois dei-lhe um breve abraço, ele pediu-me para ser cuidadoso durante a viagem e separámo-nos.

Descobri que não queria regressar ainda ao Castelo de Torre do Cervo. O dia, entre as palavras de Teio e as novidades de Zar, fora inquietante. E a comida que ingerira no Porco Entalado consternara-me a barriga mais do que a satisfizera. Suspeitei de que não ficaria muito tempo comigo. Portanto virei numa direção diferente da de Zar, não fosse ele pensar que o seguia, e vagueei durante algum tempo pelas ruas de Torre do Cervo. A inquietação competia com a solidão. Dei por mim a passar pela alfaiataria que fora em tempos uma velaria onde Moli trabalhara. Abanei a cabeça a mim próprio e dirigi-me deliberadamente para as docas. Percorri-as durante algum tempo, de um lado para o outro, contando mentalmente quantos navios eram das Ilhas Externas, quantos de Vilamonte ou de Jamália ou de locais mais distantes, e quantas embarcações eram nossas. As docas eram mais longas e estavam mais cheias do que a recordação de infância que delas tinha, e o número de navios estrangeiros era igual ao dos nossos. Ao passar por uma embarcação, ouvi um ilhéu gritar um gracejo grosseiro aos companheiros, e as suas respostas roufenhas. Fiquei contente comigo próprio por conseguir compreender as palavras deles.

Os navios que nos levariam às Ilhas Externas estavam amarrados nas docas principais. Abrandei para fitar o seu cordame nu. O carregamento cessara para a noite, mas havia homens de guarda nos conveses, à luz de lanternas. Agora, os navios pareciam grandes; eu sabia quão pequenos se tornariam após alguns dias no mar. Além

do navio que levaria o príncipe e a comitiva que selecionara, havia três navios que transportariam nobres de menor estatuto e as respectivas bagagens, e uma carga de presentes e objetos de comércio. O navio em que o Príncipe Respeitador viajaria chamava-se *Sorte da Donzela*. Era um navio com alguma idade, que se mostrara veloz e capaz para aguentar o mar. Agora que fora escovado e a tinta e as velas tinham sido completamente renovadas, parecia uma nova criação. Como navio mercante, construído para transportar carga, a rapidez fora trocada por capacidade e estabilidade: o seu casco era tão arredondado como a barriga duma porca grávida. O castelo de proa fora alargado para fornecer alojamento adequado para os seus nobres hóspedes. Parecia-me demasiado pesado na parte de cima, e perguntei a mim próprio se o capitão aprovaria as mudanças que tinham sido feitas para conforto de Respeitador. Eu viajaria a bordo, bem como o resto da Guarda do Príncipe. Perguntei indolentemente a mim próprio se Breu me arranjaría alojamento, ou se teria de me arranjar com o espaço que conseguisse tomar para mim, como os guardas normalmente faziam. Disse a mim próprio que a curiosidade era inútil. O que acontecesse, aconteceria, e eu teria de lidar com os acontecimentos à medida que fosse deparando com eles. Desejei amargamente que não houvesse nenhuma viagem a fazer.

Lembrava-me de uma época em que uma viagem a qualquer lado era algo que esperava ansiosamente. Acordava de madrugada no dia da partida, cheio de entusiasmo pela aventura que aí vinha. Ficava pronto a partir ainda os outros estavam a gatinhar sonolentemente para fora das mantas.

Não sabia quando perdera aquela efervescência pelas viagens, mas desaparecera mesmo. Não sentia excitação, mas sim um temor crescente. Bastava a ideia da viagem marítima que aí vinha, dos dias passados em aposentos exíguos enquanto velejávamos para leste e para norte, para me fazer desejar poder renunciar à expedição. Nem sequer deixava a mente divagar para lá da viagem marítima, até ao duvidoso acolhimento dos Ilhéus e à nossa estadia prolongada na sua região fria e rochosa. Encontrar um dragão encurralado em gelo e cortar-lhe a cabeça estava para lá da minha imaginação. Quase todas as noites resmungava com os meus botões por causa da estranha escolha que a narcheska fizera daquela tarefa para o príncipe se mostrar digno da sua mão. Uma e outra vez, tentara encontrar um motivo que a tornasse compreensível. Nenhum me ocorrera.

Agora, enquanto caminhava pelas ruas ventosas de Torre do Cervo, voltei a sondar o meu maior temor. Acima de tudo, temia o momento em que o Bobo descobriria que eu revelara os seus planos a Breu. Embora tivesse feito o melhor possível por pôr fim à minha querela com o Bobo, passara pouco tempo com ele desde então. Em parte, evitava-o para que nenhum olhar ou gesto meu denunciasse a minha traição. Mas a maior parte do motivo era obra do Bobo.

Dom Dourado, como ele agora chamava a si próprio, alterara recente e consideravelmente o seu comportamento. Antes, a sua riqueza permitira-lhe a posse de um guarda-roupa extravagante e de objetos da melhor qualidade. Agora exibia-a de formas mais vulgares. Desfazia-se de dinheiro como um criado a sacudir pó de um espanador. Além dos seus aposentos no castelo, agora arrendava todo o andar superior da Chave Prateada, uma estalagem na cidade, muito bem vista pelos remediados. Esse estabelecimento da moda agarrava-se como uma lapa a um sítio íngreme que teria sido visto como fraco local de construção nos dias da minha infância. Contudo, daquele poleiro elevado, podia-se ver até bem longe, quer sobre a cidade quer sobre a água que se estendia mais adiante.

Dentro desse estabelecimento, Dom Dourado tinha o seu próprio cozinheiro e o seu pessoal. Rumores sobre os vinhos raros e pratos exóticos que servia tornavam a sua mesa claramente superior à da própria rainha. Enquanto jantava com os amigos preferidos, os melhores dos menestréis e artistas dos Seis Ducados competiam pela sua atenção. Não era invulgar ouvir dizer que ele convidara um menestrel, um acrobata e um malabarista para atuar em simultâneo, em cantos diferentes da sala de jantar. Tais refeições eram invariavelmente precedidas e seguidas por jogos de azar, com apostas suficientemente elevadas para que só os mais ricos e perdulários dos jovens nobres pudessem acompanhá-lo. Começava os dias tarde e as noites terminavam com a aurora.

Também havia rumores de que o palato não era o único sentido que satisfazia. Sempre que acostava um navio que tivesse escalado Vilamonte, Jamaíla ou as Ilhas dos Piratas, havia a certeza de que lhe traria um visitante. Cortesãs tatuadas, antigos escravos jamailianos, rapazes esguios com olhos pintados, mulheres que usavam vestuário de batalha e marinheiros de olhos duros vinham à sua porta, ficavam fechados nos seus aposentos durante duas ou três noites, e depois voltavam a partir nos navios. Alguns diziam que lhe traziam as me-

lhores ervas de Fumo, bem como cindim, um vício jamailiano que chegara recentemente a Torre do Cervo. Outros diziam que vinham fornecer satisfação para os seus outros “gostos jamailianos.” Aqueles que se atreviam a fazer perguntas sobre os seus convidados recebiam apenas um olhar malicioso ou uma recusa afetada em responder.

Estranhamente, os seus excessos pareciam só aumentar a sua popularidade junto de um certo segmento da aristocracia dos Seis Ducados. Muitos jovens nobres foram severamente chamados a casa, ou receberam a visita de um pai subitamente preocupado com a quantidade de dinheiro que a manutenção de um jovem na corte estava a exigir. Entre os mais conservadores, havia resmungos sobre o estrangeiro estar a desencaminhar a juventude de Torre do Cervo. Mas aquilo de que eu me apercebia, mais do que desaprovação, era um impudico fascínio com os excessos e imoralidade de Dom Dourado. Podia seguir-se o bordado das histórias acerca dele à medida que iam passando de boca em boca. No entanto, na base de cada árvore de mexericos, havia uma raiz que não podia ser negada. Dourado mudara-se para um território de excessos de que nenhum outro se aproximara desde que o Príncipe Majestoso estivera vivo.

Não conseguia compreendê-lo, e isso perturbava-me grandemente. No meu papel subalterno de Tomé Texugo, não podia visitar abertamente uma criatura de tão alta categoria como Dom Dourado, e ele não me procurava. Mesmo quando passava a noite nos aposentos que conservava no Castelo de Torre do Cervo, enchia-os com convidados e artistas até o céu começar a clarear. Havia quem dissesse que se mudara para a Cidade de Torre do Cervo para estar mais perto dos locais que organizavam jogos de azar e entretenimentos depravados, mas eu suspeitava que ele mudara de covil para estar longe das observações de Breu, e que os convidados estrangeiros com que passava a noite não tinham como objetivo divertimentos físicos, mas eram espões e mensageiros dos seus amigos do Sul. Que notícias lhe trariam, perguntava a mim próprio, e qual o motivo para ele estar tão decidido a aviltar a sua reputação e a gastar a sua fortuna? Que novidades lhes daria para levarem para Vilamonte e Jamaília?

Mas essas questões eram como as minhas considerações sobre as motivações da narcheska para levar o Príncipe Respeitador a matar o dragão Fogojelo. Não havia respostas claras, e só me mantinham as ideias a rodopiar cansativamente durante horas que teriam sido mais bem gastas a dormir. Ergui o olhar para as janelas

gradeadas da Chave Prateada. Os meus pés tinham-me trazido até ali sem serem guiados pela cabeça. Os aposentos superiores estavam bem iluminados naquela noite, e vislumbrei convivas a passar no interior das opulentas salas. Na única varanda, uma mulher e um jovem conversavam animadamente. Ouvi a lamúria nas suas vozes. A princípio falavam em voz baixa, mas depois as vozes ergueram-se-lhes em altercação. Ajoelhei como quem ata os sapatos e pus-me à escuta.

“Tenho uma oportunidade maravilhosa para esvaziar a bolsa de Dom Verdejante, mas só se tiver dinheiro para pôr na mesa e apostar. Dá-me o que me deves, já!”, exigiu o jovem à mulher.

“Não posso.” A mulher falava com a dicção cuidadosa de alguém que se recusa a estar bêbado. “Não o tenho, rapazola. Mas terei em breve. Quando Dom Dourado me pagar o que me deve do jogo de ontem, eu arranjo-te o teu dinheiro. Se soubesse que ias ser um usurário tão grande com ele, nunca to teria pedido emprestado.”

O jovem soltou um pequeno grito, entre a consternação e o ultraje. “Quando Dom Dourado te pagar a aposta? Isso é o mesmo que dizer nunca. Todos sabem que ele se atrasou no pagamento das dívidas. Se soubesse que estavas a pedir-me emprestado para apostar contra ele, nunca teria emprestado o dinheiro.”

“Exibes a tua ignorância,” repreendeu ela após um momento de silêncio chocado. “Toda a gente sabe que a sua riqueza não tem fundo. Quando o próximo navio chegar de Jamaíla, ele terá dinheiro suficiente para nos pagar a todos.”

Oculto nas sombras ao canto da estalagem, observei e escutei atentamente.

“Se o próximo navio chegar de Jamaíla... o que duvido, com a maneira como a guerra vai andando para eles... terá de ser do tamanho duma montanha para trazer dinheiro suficiente para pagar tudo o que ele agora deve! Não ouviste dizer que até está atrasado na renda, e que o senhorio só o deixa ficar por causa do resto do negócio que atrai para cá?”

Perante aquelas palavras, a mulher virou-lhe as costas, com ar zangado, mas ele estendeu a mão para lhe pegar no pulso. “Escuta, minha estúpida mulherzinha! Estou a avisar-te: não esperarei durante muito tempo por aquilo que me é devido. É melhor arranjares maneira de me pagar, e esta noite.” Olhou-a de cima a baixo e acrescentou com a voz rouca: “Nem tudo tem de ser em dinheiro.”

“Ah, Dama Heliotrópia. Aí estais. Tenho andado à vossa procura, sua sirigaita! Tendes andado a evitar-me?”

O tom calmo de Dom Dourado pairou até mim quando ele saiu para a varanda. A luz vinda de trás ricocheteou no seu cabelo reluzente e delineou a sua silhueta esguia. Dirigiu-se à borda da varanda. Apoiando-se levemente no parapeito, passou os olhos pela cidade abaixo de si. O homem libertou imediatamente o pulso da mulher e ela afastou-se dele com um abanão de cabeça e foi-se juntar a Dom Dourado no seu ponto de observação. Inclinou a cabeça para ele e soou como uma criança tagarela quando se queixou: “Querido Dom Dourado, Dom Capaz acabou de me dizer que há poucas hipóteses de me pagardes a aposta. Dizei-lhe como se engana!”

Dom Dourado ergueu um ombro elegante. “Como os rumores voam, se uma pessoa está nem que seja um dia atrasada no pagamento de uma aposta amigável. Decerto que nunca se devia apostar mais dinheiro do que o que se pode perder... ou sem o qual se pode passar até que seja pago. Não concordais, Dom Capaz?”

“Ou, talvez, que não se devia apostar mais do que se pode pagar de imediato,” sugeriu Dom Capaz com cinismo na voz.

“Ora, ora. E isso não limitaria os nossos jogos àquilo que um homem pode transportar nos bolsos? Pequenas apostas. Em qualquer caso, querida dama, porque julgais que eu andava à vossa procura, se não fosse para pagar a nossa aposta? Aqui, julgo, ireis encontrar uma boa parte do que vos devo. Espero que não vos importeis por ser em pérolas e não em moedas.”

Ela deu uma sacudidela com a cabeça, pondo de parte o carancudo Dom Capaz. “Não me importo nada. E se houver alguém que se importe, bem, devia simplesmente contentar-se em esperar por moedas grosseiras. O jogo não devia ser sobre o dinheiro, querido Dom Dourado.”

“Claro que não. O risco é o deleite, como eu costume dizer, e ganhar o prazer. Não concordais, Capaz?”

“E se não concordar, isso servir-me-á de alguma coisa?”, perguntou Capaz, mal-humorado. Tanto ele como eu reparámos que a mulher não fez qualquer esforço imediato para pagar aquilo que *lhe* era devido.

Dom Dourado soltou uma sonora gargalhada, cortando com o som melódico o ar fresco da noite de primavera. “Claro que não,

querido companheiro. Claro que não! E agora espero que ambos volteis para dentro e proveis comigo um vinho novo. Se ficar aqui fora com este vento gelado, um homem pode apanhar um resfriado capaz de o levar à morte. Decerto que amigos podem encontrar um lugar mais quente para conversar em privado, sim?”

Os outros já se tinham virado para voltar a entrar na sala bem iluminada. Mas Dom Dourado parou durante mais um momento e olhou pensativamente para o local onde eu me julgara tão bem oculto. Depois, inclinou-me ligeiramente a cabeça antes de se virar e se ir embora.

Esperei mais alguns momentos, após o que saí das sombras. Senti-me aborrecido com ele por ter reparado em mim tão facilmente e por causa da oferta de se encontrar comigo noutra sítio ser demasiado vaga para eu a compreender. Mas por mais que ansiasse por me sentar e conversar com ele, era maior o temor que me causava a possibilidade de ele descobrir a minha traição. Era melhor, decidi, evitar o meu amigo do que ter de me confrontar com isso nos seus olhos. Caminhei mal-humorado pelas ruas escuras, sozinho. O vento noturno na parte de trás do pescoço enregelava-me enquanto me puxava de regresso ao Castelo de Torre do Cervo.

Trepidação



Então Hoquim ficou enfurecido com aqueles que questionavam o modo como tratava a sua Catalisadora, e decidiu exibir a sua autoridade sobre ela. “Pode ser uma criança,” declarou. “E no entanto, o fardo é seu e tem de ser carregado. E nada pode levá-la a questionar o seu papel, ou influenciá-la para se salvar à custa da condenação do mundo.”

E depois exigiu-lhe que fosse ter com os pais e os renegasse a ambos dizendo: “Não tenho mãe, não tenho pai. Sou só a Catalisadora do Profeta Branco Hoquim.” E tinha de dizer também: “Devolvo-vos o nome que me destes. Já não sou Reda, mas sim Olho-Rebelde, como Hoquim me fez.” Pois ele chamara-lhe assim devido ao olho que espreitava sempre para um lado.

Ela não queria fazê-lo. Chorou à ida, chorou enquanto proferia as palavras, e chorou no regresso. Ao longo de dois dias e duas noites, as lágrimas não pararam de lhe jorrar dos olhos, e ele permitiu-lhe essa dor. Depois Hoquim disse-lhe: “Olho-Rebelde, para com as lágrimas.”

E ela fê-lo. Porque tinha de o fazer.

— ESCRIBA CATERENO,
SOBRE O PROFETA BRANCO HOQUIM

Quando uma viagem está a doze dias de distância, isso pode parecer tempo com fartura para deixar tudo preparado. Mesmo a sete dias de distância, parece possível que todos os preparativos estejam completados a tempo. Mas à medida que os dias se vão reduzindo a cinco e a quatro e depois a três, as horas que passam rebentam como bolhas, e tarefas que pareciam simples de repente tornam-se complexas. Eu tinha de embalar tudo aquilo de que precisaria para ser assassino, espião e Mestre do Talento, enquanto parecia levar apenas o equipamento normal de um guarda. Tinha despedidas a fazer, algumas simples e algumas difíceis.

A única parte da viagem que podia antecipar com prazer era o regresso a Torre do Cervo. O temor pode fatigar mais um homem do que trabalho honesto, e o meu acumulava-se a cada dia que passava. Três noites antes de zarparmos, senti-me exausto e meio doente com ele. Essa tensão despertou-me muito antes da alvorada e negou-me mais sono. Sentei-me na cama. As brasas na lareira da sala da torre iluminavam pouco mais do que a pá e o atizador encostados a um lado da abertura da lareira. Depois, os olhos ajustaram-se-me lentamente à fraca iluminação do quarto desprovido de janelas. Era um lugar que me era familiar desde os dias de aprendiz de assassino. Não me passara pela cabeça que algum dia o tornaria meu. Levantei-me da antiga cama de Breu, deixando para trás as mantas desordenadas por pesadelos e o calor do sono.

Dirigi-me à lareira e acrescentei-lhe um pequeno lenho. Pendurei uma caçarola de água no gancho e girei-o para cima das chamas baixas. Pensei em pôr uma chaleira ao lume, para fazer chá, mas sentia-me ainda demasiado fatigado. Estava demasiado preocupado para dormir e demasiado cansado para admitir que não voltaria a dormir naquela noite. Era uma situação miserável, uma situação que se tinha vindo a tornar dolorosamente familiar à medida que a data da nossa partida se fora aproximando. Acendi um círio nas chamas dançarinas do fogo. Acendi as velas que o aguardavam no candelabro ramificado sobre a velha e marcada mesa de trabalho. Senti a cadeira fria debaixo de mim quando me sentei com um gemido.

Sentei-me à mesa de camisa de dormir e fitei as várias cartas que reunira na noite anterior. Eram todas originárias das Ilhas Externas, mas tinham tamanhos e composições tão variáveis que era difícil entender a relação entre elas. É peculiar costume dos Ilhéus que as suas cartas dos mares só possam ser feitas de pele de mamí-

fero marinho ou de peixe. Eu suspeitava que aquelas cartas tinham sido curadas em urina, pois possuíam um odor peculiar e persistente. O costume ilhéu também decreta que cada ilha tenha de ser apresentada como uma das runas divinas daquele povo, na sua própria carta. Isto quer dizer que havia curiosos floreados e desenhos decorativos nas representações que nada tinham a ver com as características físicas das ilhas. Estas adições possuíam grande significado para um ilhéu, indicando os ancoradouros e as correntes que poderiam estar presentes, e se a “sorte” de uma ilha era boa, má ou neutra. Para mim, os embelezamentos eram apenas confusos. Os quatro rolos que obtivera tinham sido desenhados por mãos diferentes e em diferentes escalas. Eu abrira-os na mesa na sua relação aproximada uns com os outros, mas ainda só me davam uma ideia nebulosa sobre a distância que atravessaríamos. Tracei a nossa rota de carta em carta, com as queimaduras e círculos no velho tampo da mesa a representar os perigos e mares desconhecidos que haveria entre elas.

Primeiro velejaríamos entre a Cidade de Torre do Cervo e Ceurrene. Não era a maior das Ilhas Externas, mas podia gabar-se de possuir o melhor porto e a terra mais arável das ilhas, e por conseguinte a população mais numerosa. Peotre, irmão-de-mãe da narcheska, falara de Zilig com desdém. Explicara a Breu e a Kettricken que Zilig, o mais movimentado porto das Ilhas Externas, se tornara refúgio para todos os tipos de gente. Estrangeiros iam lá de visita ou para fazer negócio e, na opinião de Peotre, eram muito em demasia os que ficavam, trazendo consigo os seus costumes grosseiros. Era também porto de abastecimento para as embarcações que vinham para Norte caçar animais marinhos a fim de obter peles e óleo, e essas tripulações rudes tinham corrompido muitos jovens e donzelas ilhéus. Fizera com que Zilig parecesse uma cidade portuária sórdida e perigosa, com uma população composta em boa parte pelos párias da humanidade.

Seria aí que aportaríamos primeiro. A casa da mãe de Arcão Espadarrubra ficava do outro lado de Ceurrene, mas tinham uma casa fortificada em Zilig para quando lá iam de visita. Seria aí que nos encontraríamos com o Hetgurd, uma aliança pouco firme de chefes ilhéus, para discutir a nossa demanda. Tanto Breu como eu estávamos desconfiados desse acontecimento. Breu antevia resistências à aliança de casamento, e talvez à nossa demanda. Para alguns

ilhéus, Fogojelo era um espírito guardião daquelas ilhas. A nossa demanda para lhe cortar a cabeça podia não ser bem acolhida.

Quando a reunião em Zilig estivesse concluída, transferir-nos-íamos da nossa embarcação dos Seis Ducados para um navio ilhéu, mais adequado às águas pouco profundas por onde teríamos de navegar em seguida, com um capitão e uma tripulação que conhecessem os canais. Levar-nos-iam a Vilfundita, em Maile, a ilha natal de Eliânia e do Clã Narval de Peotre. Respeitador seria apresentado à família dela e dar-lhe-iam as boas-vindas à casa da sua mãe. Haveria celebrações de noivado, e seriam dados conselhos ao príncipe a respeito da tarefa que iria desempenhar. Após a visita ao povoado natal deles, regressaríamos a Zilig e aí embarcaríamos para Aslevjal e para o dragão encurralado num glaciar.

Impulsivamente, empurrei as cartas para o lado. Dobrando os braços, pousei a testa nos pulsos cruzados e fitei as trevas aí encurraladas. Doía-me a barriga de medo. Não era só a viagem que se aproximava. Havia outros perigos a serem ultrapassados antes mesmo de pormos os pés no navio. O círculo de Talento ainda não dominara a sua magia. Suspeitava que, apesar dos meus avisos, Respeitador e o amigo Dom Cortês andavam a usar a Magia da Manha, e temia que o príncipe fosse apanhado. Por aqueles dias, era demasiado frequente que os seus companheiros fossem os abertamente Manhosos. Mesmo que a rainha tivesse decretado que não havia vergonha em possuir tal magia, a gente comum e os seus nobres ainda desprezavam os praticantes da Magia dos Animais. Ele punha-se a si próprio em risco, e talvez também às negociações de noivado. Eu não fazia a mínima ideia sobre o que os Ilhéus sentiam a respeito da Magia da Manha.

Os meus pensamentos perseguiram-se, às voltas, sem conseguirem fugir da preocupação. Zar ainda andava atrás de Esvânia, e eu temia deixá-lo entregue a si próprio. Das poucas vezes que os meus sonhos se tinham roçado com os de Urtiga, ela parecera tão cheia de segredos como ansiosa. Veloz parecia tornar-se mais intratável todos os dias. Ficaria aliviado por abandonar essa responsabilidade, mas preocupava-me com o que lhe aconteceria na minha ausência. Ainda não dissera a Breu que Teio sabia quem eu era, nem discutira essa informação com Teio. A minha desesperada ânsia por ter alguém a quem fazer confidências só me deixava mais consciente de quão isolado me tornara. Sentia a falta do meu lobo Olhos-de-Noite como sentiria a falta do bater do meu coração.

Quando a minha testa bateu com força na mesa, voltei a despertar de repente. O sono que me fugira na cama capturara-me sentado à mesa de trabalho. Com um suspiro, endireitei-me na cadeira, rolei os ombros, e resignei-me ao dia. Havia coisas a fazer, e pouco tempo para as fazer. Depois de estarmos no navio teria tempo com fartura para dormir, e ainda mais para preocupações infrutíferas. Para mim, poucas coisas eram tão aborrecidas como uma viagem prolongada por mar.

Levantei-me e espreguicei-me. Depressa seria alvorada. Era tempo de me vestir e de ir ao Jardim da Rainha para a lição matinal com Veloz. A água na caçarola fervera quase por completo enquanto eu dormitava. Misturei-lhe água fria tirada da bacia para lavagens, fiz as minhas abluções, e vesti-me para o dia. Uma túnica simples de couro foi envergada por cima da camisa e das calças do azul de Cervo. Calcei botas moles e forcei o cabelo curto a formar um pequeno e espetado rabo-de-cavalo de guerreiro.

Após a sessão com Veloz, iria reunir-me com o círculo de Talento para outra lição em comum. Não a aguardava com prazer. À medida que os dias iam passando, fazíamos melhorias, mas não eram suficientes para satisfazer Breu. Ele via o seu progresso lento como um falhanço. A sua frustração transformara-se numa força palpável e discordante sempre que nos juntávamos. No dia anterior, eu reparara que Obtuso temia olhar o velho nos olhos e que a expressão agradável de Respeitador tinha em si uma fixidez desesperada. Eu falara em privado com Breu, pedindo-lhe para se perdoar melhor a si próprio e para ser mais tolerante com as vulnerabilidades do resto do círculo. Ele entendera o meu pedido como uma censura, e só se tornara mais sombrio e autocontido na sua fúria. Isso não diminuía em nada a tensão.

“Fitz,” disse alguém em voz baixa, e eu rodopiei, sobressaltado. O Bobo estava ali, enquadrado pela porta que era normalmente escondida pela estante de vinhos. Era capaz de se deslocar mais silenciosamente do que qualquer outra pessoa que eu tivesse conhecido. Além disso, era indetetável pelo meu sentido da Manhã. Sensível como eu era à presença de outros seres vivos, só ele tinha a capacidade de me apanhar completamente de surpresa. Ele sabia-o, e julgo que gostava do facto. Sorriu como quem pede perdão enquanto avançava para dentro da sala. O seu cabelo dourado estava alisado e preso atrás, e a cara estava limpa da tinta de Dom Dourado. Nua, a

sua cara estava mais bronzada do que eu alguma vez a vira. Usava o aperaltado roupão de Dom Dourado, mas este parecia uma fantasia bizarra quando o Bobo largava os elaborados maneirismos do nobre.

Nunca antes ouvira dizer que ele se tinha aventurado até ali sem convite. “Que estás tu a fazer aqui?”, exclamei, e depois acrescentei com mais educação: “Embora esteja contente por te ver.”

“Ah. Perguntava a mim próprio se ficarias. Quando te vi à espreita debaixo da minha janela, julguei que querias um encontro. No dia seguinte enviei a Breu uma mensagem dissimulada para ti, mas não tive resposta. Portanto decidi facilitar-te as coisas.”

“Sim. Bem. Entra.” O seu súbito aparecimento, combinado com a revelação de que Breu não me transmitira a mensagem dele, abalou-me. “Não é a melhor altura para mim; tenho de ir em breve ao encontro de Veloz, no Jardim da Rainha. Mas tenho alguns momentos livres. Hm, queres que ponha ao lume uma chaleira para o chá?”

“Sim, por favor. Se tiveres tempo. Não quero incomodar. Sei que temos todos muito a fazer nestes últimos dias.” Depois, as suas palavras pararam de repente e ele fitou-me, com o sorriso a desvanecer-se-lhe no rosto. “Ouve só como nos tornámos acanhados. Tão bem-educados e tão cuidadosos para não nos ofendermos.” Inspirou longamente, e depois falou com uma frontalidade pouco característica. “Depois de enviar uma mensagem e não ouvir nada em resposta, o silêncio começou a incomodar-me. Sei que tivemos as nossas divergências nos últimos tempos. Julguei que as tínhamos ultrapassado, mas comecei a ter dúvidas. Esta manhã, decidi que as ia enfrentar. Portanto aqui estou. Querias ver-me, Fitz? Porque foi que não respondeste à minha mensagem?”

A sua súbita mudança de tom transtornou-me mais. “Não recebi a tua mensagem. Breu talvez tenha entendido mal ou se tenha esquecido; ele tem tido muitas preocupações nos últimos tempos.”

“E na outra noite, quando vieste à minha janela?” Dirigiu-se à lareira, despejou mais água do balde na chaleira e voltou a pô-la em cima das chamas. Quando se ajoelhou para atizar o fogo e acrescentar um pouco de lenha, senti-me grato por não ter de enfrentar o seu olhar.

“Estava só a passear pela Cidade de Torre do Cervo, a remoer os meus problemas. Não tinha realmente planeado tentar ver-te. Os pés simplesmente levaram-me naquela direção.”

Soava desajeitado e estúpido, mas ele fez um aceno calmo com a cabeça. A consciência do nosso desconforto mútuo era um muro entre nós. Eu fizera o melhor possível para remediar a nossa querela, mas a memória dessa desavença ainda estava fresca em ambos. Julgaria ele que eu evitava os seus olhos para esconder dele alguma ira oculta? Ou adivinharia a culpa que eu tentava esconder?

“Os teus problemas?”, perguntou em voz baixa enquanto se levantava, sacudindo as mãos, e eu senti-me contente por agarrar esse tema. Falar-lhe das minhas atribulações com Zar parecia ser, de longe, a coisa mais segura que podíamos discutir.

E assim confidenciei-lhe as aflições que o meu filho me causava, e nesse relato voltámos a conquistar a nossa familiaridade. Arranjei ervas de chá para deitar na água borbulhante, e torrei um pouco de pão que tinha sobrado do repasto da noite anterior. Ele escutou bem, enquanto empilhava as minhas cartas e notas numa ponta da mesa. Quando se me esgotaram as palavras, estava ele a despejar chá fumegante em duas chávenas que eu pusera na mesa. O ritual de pôr comida na mesa fez-me lembrar a facilidade com que sempre tínhamos trabalhado juntos. Mas, de alguma forma, isso esvaziava-me ainda mais quando pensava no modo como o enganara. Desejava mantê-lo longe de Aslevjal porque ele julgava que morreria aí; Breu ajudava-me porque não queria que o Bobo interferisse na demanda do príncipe. Mas o resultado era o mesmo. Quando o dia da nossa partida chegasse, o Bobo descobriria de súbito que não faria parte do grupo. E isso era obra minha.

E assim os meus pensamentos envolveram-me e o silêncio caiu quando ocupámos os nossos lugares. Ele ergueu a chávena, bebeu dela, e depois disse: “Não é culpa tua, Fitz. Ele tomou uma decisão e não há palavras ou atos teus que agora a alterem.” Por um breve instante, pareceu estar a responder aos meus pensamentos, e fiquei com os cabelos na parte de trás do pescoço em pé por ele me conhecer tão bem. Mas então acrescentou: “Às vezes, tudo o que um pai pode fazer é pôr-se de lado e assistir ao desastre, e depois apanhar do chão os bocados.”

Encontrei a língua e respondi: “A minha preocupação, Bobo, é que eu não esteja cá para assistir ao desastre ou para apanhar os bocados. E se ele se mete em sarilhos sérios e não houver ninguém para intervir em seu nome?”

Ele segurou na chávena com ambas as mãos e olhou-me por cima dela. “Não há ninguém que fique cá e a quem possas pedir para o vigiar?”

Suprimi uma vontade impulsiva de dizer: “Então e tu?” Abanei a cabeça. “Ninguém que conheça suficientemente bem. Kettricken estará cá, claro, mas dificilmente seria apropriado pedir à Rainha para desempenhar um tal papel junto do filho de um guarda. Mesmo se Gina e eu ainda fôssemos amigos, eu já não confio no seu discernimento.” Consternado, acrescentei: “Às vezes é um pouco desencorajador aperceber-me de quão poucas são as pessoas em que realmente confio. Ou até que conheço bem, enquanto Tomé Texugo, quero eu dizer.” Caí no silêncio por um momento, refletindo sobre aquilo. Tomé Texugo era uma fachada, uma máscara que eu usava diariamente, e no entanto nunca me sentira verdadeiramente confortável sendo ele. Embaraçava-me enganar boas pessoas como Uime ou Loureira. Isso criava uma barreira a qualquer verdadeira amizade. “Como é que tu fazes?”, perguntei de súbito ao Bobo. “Mudas quem és de ano para ano, e de lugar para lugar. Nunca sentes pena por ninguém te conhecer verdadeiramente como a pessoa que eras ao nascer?”

Ele abanou lentamente a cabeça. “Eu não sou a pessoa que era ao nascer. E tu também não. Não conheço ninguém que o seja. Realmente, Fitz, tudo o que conhecemos são facetas uns dos outros. Talvez sintamos que conhecemos bem uma pessoa se conhecermos várias facetas dessa pessoa. Pai, filho, irmão, amigo, amante, marido... um homem pode ser todas estas coisas, mas nenhuma pessoa o conhece em todos esses papéis. Eu vejo-te a seres pai de Zar, e no entanto não te conheço como conheci o meu pai, tal como não conheci o meu pai como o irmão o conheceu. Portanto, quando me mostro a uma luz diferente, não estou a fingir. Em vez disso, desnudo perante o mundo um aspeto diferente do que ele tinha visto antes. Há realmente um lugar no meu coração em que serei para sempre o Bobo e o teu companheiro de brincadeiras. E dentro de mim existe um genuíno Dom Dourado, amante de boa bebida, de comida bem preparada, de roupa elegante e de conversas espirituosas. E por isso, quando me mostro como ele, não estou a enganar ninguém, estou apenas a partilhar uma parte diferente de mim.”

“E Âmbar?”, perguntei em voz baixa. Depois admirei-me por me ter atrevido a fazer a pergunta.

Ele enfrentou-me firmemente o olhar. “Ela é uma faceta de mim. Nada mais do que isso. E nada menos.”

Desejei não ter trazido o assunto à baila. Voltei a dirigir a conversa para o sentido que ela seguia antes. “Bem. Isso não me resolve nada no que toca a encontrar alguém para vigiar Zar por mim.”

Ele anuiu, e voltou a haver um pequeno silêncio hirto. Detestava termo-nos tornado tão inibidos um com o outro mas não conseguia imaginar nenhuma maneira de alterar esse facto. O Bobo continuava a ser o meu velho amigo dos tempos de juventude. E não era. Saber que possuía outras “facetas” reordenava todas as ideias que tinha sobre ele. Senti-me encurralado, desejando ficar e voltar a colocar a nossa amizade no seu antigo canal, mas desejando também fugir. Ele sentiu-o e libertou-me.

“Bem, lamento ter vindo em má altura. Sei que tens de ir em breve ter com Veloz. Talvez tenhamos oportunidade de voltar a conversar antes de zarparmos.”

“Ele pode esperar por mim,” ouvi-me a dizer de súbito. “Não lhe fará mal nenhum.”

“Obrigado,” disse ele.

E depois, a nossa conversa voltou a silenciar-se. Ele salvou-a pegando numa das cartas enroladas. “Isto é Aslevjal?”, perguntou enquanto a desenrolava sobre a mesa.

“Não. Isso é Ceurrene. O primeiro porto que iremos escalar é Zilig.”

“O que é isto aqui?” Apontou para uns arabescos espiralados na costa da ilha.

“Ornamentação ilhoa. Acho. Ou talvez indique um remoinho, ou uma corrente mutável, ou campos de algas. Não sei. Creio que eles veem as coisas de modo diferente de nós.”

“Sem dúvida que sim. Tens uma carta de Aslevjal?”

“A mais pequena, com a mancha castanha numa das pontas.”

Ele desenrolou-a ao lado da primeira, e fez saltar o olhar entre ambas. “Estou a ver o que queres dizer,” murmurou, percorrendo com o dedo uma costa impossivelmente rendada. “Que julgas que isto é?”

“Glaciar em derretimento. Pelo menos é o que Breu pensa.”

“Pergunto a mim próprio porque foi que ele não te entregou a minha mensagem.”

Fingi ignorância. “Como já disse, talvez se tenha esquecido. Quando o vir hoje, pergunto-lhe.”

“Na verdade, eu também gostava de falar com ele. Em privado. Talvez possa ir hoje contigo à vossa aula de Talento.”

Senti-me extremamente desconfortável, mas não consegui arranjar maneira de me escapar a convidá-lo. “Isso hoje só está marcado para a tarde, depois das lições de Veloz e do treino com armas.”

Ele acenou com a cabeça, despreocupado. “Não haverá problema. Tenho coisas a arrumar no meu quarto lá em baixo.” Como que a convidar-me a perguntar porquê, acrescentou: “Já quase me mudei por completo para fora desses aposentos. Não restará muito para incomodar alguém.”

“Então pretendes mudar-te permanentemente para a Chave Prateada?”, perguntei.

Por um momento, a sua cara perdeu a expressão. Surpreendera-o. Depois abanou lentamente a cabeça, sorrindo gentilmente. “Nunca acreditas em nada do que te digo, pois não, Fitz? Ah, bem, isso talvez nos tenha protegido a ambos durante muitas tempestades. Não, meu amigo. Vou deixar os meus aposentos de Torre do Cervo vazios quando partir. E a maior parte dos maravilhosos objetos e móveis que tenho na Chave Prateada já pertencem a outros, aceites como garantia das minhas dívidas. As quais não pretendo pagar, claro. Assim que parta da Cidade de Torre do Cervo, os meus credores descerão como corvos e limparão esses aposentos à bicada. E isso será o fim de Dom Dourado. Não regressarei a Torre do Cervo. Não regressarei a lado nenhum.”

A sua voz não falhou nem tremeu. Falou calmamente, e os seus olhos cruzaram-se com os meus. Mas as suas palavras deixaram-me a sentir-me como se um cavalo me tivesse escoiceado. Ele falava como um homem que sabia que ia morrer, um homem que punha em ordem todas as pontas soltas da sua vida. Passei por uma mudança de perspectiva. O meu embaraço com ele devia-se à nossa recente querela, e a eu saber que o estava a enganar. Não temia a sua morte, porque sabia que já a evitara. Mas o desconforto dele tinha uma raiz diferente. Falava-me como um homem que sabia que enfrentava a morte falaria a um velho amigo que parecesse indiferente a esse facto. Como lhe devia ter parecido insensível, ao evitá-lo durante todos aqueles dias. Ele talvez tivesse julgado que eu estava a ter o cuidado de cortar o contacto entre nós antes que a sua morte o fizesse súbita e dolorosamente. As palavras jorraram de mim, a única coisa completamente verdadeira que lhe dissera naquele dia. “Não sejas estúpido! Eu não

te vou deixar morrer, Bobo!” A garganta fechou-se-me de súbito. Peguei na chávena de chá que arrefecia e bebi dela à pressa.

Ele susteve a respiração, e depois riu-se, um som que foi como vidro a partir. Havia lágrimas nos seus olhos. “Tu acreditas completamente nisso, não acreditas? Ah, Amado. De todas as coisas de que tenho de me despedir, tu serás a mais difícil de perder. Perdoa-me por te ter evitado. É melhor, talvez, que abramos um espaço entre nós e nos habituemos a ele antes que o destino no-lo imponha.”

Bati com a chávena na mesa. Chá salpicou-a entre nós. “Para de falar assim! Eda e El num novelo, Bobo! É por isso que tens andado a desbaratar a fortuna e a viver como um jamailiano degenerado? Por favor, diz-me que não gastaste toda a tua herança, que resta alguma coisa para... para quando regressares.” E aí as minhas palavras pararam, pois vacilava à beira de me denunciar.

Ele fez um sorriso estranho. “Foi-se, Fitz. Foi-se tudo, e o que não se foi está preparado para ser oferecido. E livrar-me de tanta riqueza não só foi um desafio como um prazer muito maior do que possuí-la alguma vez tenha sido. Deixei papéis para que Malta seja dada a Castro. Imaginas a cara dele quando alguém lhe entregar as rédeas dela? Sei que lhe dará valor e cuidará dela. E para Paciência, oh, devias tê-la visto antes de lha enviar! Uma carroça cheia de rolos e livros sobre todos os temas imagináveis. Ela nunca imaginará de onde vieram. E garanti a vida de Gareta, a minha jardineira. Comprei-lhe uma casinha e um bocado de terra, a que possa chamar sua, e também lhe deixei dinheiro para se manter bem. Isso deve causar um pequeno escândalo; as pessoas terão curiosidade de saber por que motivo Dom Dourado deixou uma jardineira tão bem dotada. Mas que a tenham. Ela compreenderá e não se importará. E quanto a Jofron, a minha amiga de Jhaampe? Enviei-lhe uma seleção de boas madeiras e todas as minhas ferramentas de entalhar. Ela dar-lhes-á valor, e recordar-me-á com amizade, apesar de a ter deixado tão abruptamente. Arranjou reputação como fabricante de brinquedos. Sabias?”

Enquanto ele me informava sobre as suas generosas travessuras, sorria, e a sombra da morte iminente quase abandonou os seus olhos. “Por favor, para de falar assim,” supliquei-lhe. “Prometo-te, não te deixarei morrer.”

“Não me faças promessas que nos possam quebrar a ambos, Fitz. E além disso...” Respirou fundo. “Mesmo que consigas manter-me vivo, contra todo o predeterminado esmerilar do destino,

bem, Dom Dourado terá de desaparecer na mesma. Viveu até ao fim da sua utilidade. Quando partir daqui, não voltarei a ser ele.”

Enquanto ele falava de como dismantelara a sua fortuna e de como o seu nome se desvaneceria na obscuridade, senti-me doente. Fora determinado e exaustivo. Quando o deixássemos para trás nas docas, estaríamos a deixá-lo numa situação difícil. Que Kettricken podia dar-lhe o suficiente para viver, por mais completamente que ele tivesse desbaratado a sua riqueza, eu não duvidava. Decidi ter uma conversa discreta com ela antes de partirmos, para a preparar para o salvar se necessário. Depois puxei os pensamentos de volta à conversa, pois o Bobo estava a olhar-me de uma forma estranha.

Pigarreei e tentei pensar em palavras sensatas. “Acho que és demasiado pessimista. Se te resta uma ou duas moedas em teu nome, é melhor seres frugal com elas. Só para o caso de eu ter razão e te manter vivo. E agora tenho de me ir embora, que o Veloz deve estar à minha espera.”

Ele acenou com a cabeça, levantando-se quando eu o fiz. “Vens lá abaixo aos meus antigos aposentos quando estiver na hora de irmos ter com Breu para a aula de Talento?”

“Suponho que sim,” concedi, tentando não soar relutante.

Ele fez um ténue sorriso. “Boa sorte com o filho de Castro,” disse, e foi-se embora.

As chávenas e as cartas ainda estavam na mesa. De súbito senti-me demasiado cansado para as arrumar, quanto mais para me apressar para a aula com Veloz. Mas fi-lo e, quando cheguei ao jardim no topo da torre, ele estava à minha espera num quadrado ameadado de luz do Sol, com as costas encostadas a um muro de pedra gelida, tocando indolentemente uma pequena flauta. A seus pés, várias pombas bamboleavam-se e debicavam e, por um momento, o coração afundou-se-me no peito. Quando me aproximei, todas levantaram voo, e a mancha de grãos que as tinha atraído espalhou-se no vento que provocaram. Veloz reparou no alívio no meu rosto. Tirou a flauta dos lábios e ergueu o olhar para mim.

“Julgastes que eu estava a usar a Manha para as atrair, e assustei-vos,” observou.

Obriguei-me a fazer uma pausa antes de lhe responder. “Fiquei assustado por um momento,” concordei. “Mas não com a ideia de poderes estar a usar a Manha. O que temi foi que estivesse a tentar estabelecer um vínculo com uma delas.”

Ele abanou lentamente a cabeça. “Não. Com uma ave, não. Já toquei com a mente nas de aves, e os meus pensamentos resvalam nas suas mentes como uma pedra a ressaltar em água em movimento.” Depois sorriu com condescendência e acrescentou: “Não que eu espere que entendais o que quero dizer.”

Refreei-me e mantive-me em silêncio. Passado algum tempo perguntei-lhe: “Acabaste de ler o pergaminho sobre o Rei Exterminador e a aquisição de Vigas?”

Ele disse que sim com a cabeça e avançámos para as aulas do dia, mas a sua atitude continuava a irritar-me. Dei vazão à irritação no terreno de treinos, insistindo que pegasse num machado e testasse as forças contra mim antes de o deixar ir para a lição de arco. Os machados eram mais pesados do que eu recordava, e mesmo com as cabeças bem cobertas por faixas de couro, as nódoas negras de uma lição como aquela eram formidáveis. Quando ele deixou de conseguir manter a arma erguida, deixei-o ir ter com Poçodagrião para a lição de arco. Depois puni-me por fazer cair o meu mau génio sobre o rapaz arranjando um novo parceiro, um que fosse experiente com o machado. Quando fiquei bem e verdadeiramente consciente de quão enferrujadas as minhas técnicas estavam, abandonei o pátio e fiz uma breve visita aos banhos.

Limpo de suor e frustração, comi uma refeição apressada de pão e sopa na casa da guarda. Aí, as conversas eram ruidosas e concentravam-se na expedição, e nas mulheres e na bebida das Ilhas Externas. Ambas foram aclamadas como fortes e saborosas. Tentei rir-me dos gracejos, mas as ideias fixas dos guardas mais novos fizeram-me sentir velho e fiquei feliz por sair e me apressar a regressar à minha sala de trabalho.

Segui a passagem secreta que ia daí ao quarto que ocupara quando fora criado de Dom Dourado. Escutei cuidadosamente antes de acionar o trinco da porta oculta. Tudo estava sossegado do outro lado, e esperei que o Bobo não estivesse lá. Mas assim que fechei a entrada do acesso escondido, ele abriu a porta do quarto. Olhei-o, pestanejando. Usava uma túnica e umas calças simples, todas em negro, com sapatos rasos e negros. A luz que vinha da janela dourava-lhe o cabelo. A luz do dia ultrapassava-lhe a silhueta e penetrava no minúsculo quarto, revelando a minha velha enxerga coberta com uma pilha de objetos que eu abandonara quando deixara o seu serviço. A maravilhosa espada que ele

me dera estava aninhada no topo dum monte de trajas coloridos e extravagantes, cortados à medida para mim. Dirigi ao Bobo um olhar confuso. “Essa roupa é tua,” disse ele em voz baixa. “Devias ficar com ela.”

“Duvido que alguma vez volte a ter ocasião para me vestir assim,” disse eu, e depois ouvi quão dura parecia essa rejeição.

“Nunca se sabe,” disse ele em voz baixa, afastando o olhar. “Um dia, talvez Dom FitzCavalaria volte a percorrer os salões do Castelo de Torre do Cervo. Se o fizesse, aquelas cores e cortes ficar-lhe-iam notavelmente bem.”

“Duvido que alguma dessas coisas venha alguma vez a acontecer.” Também esta frase parecia fria, portanto temperei-a com: “Mas agradeço-te na mesma. E fico com a roupa, para o caso de me enganar.” Todo o embaraço voltou a cair sobre mim como uma cortina sufocante.

“E a espada,” fez-me ele lembrar. “Não te esqueças da espada. Sei que é um pouco exibicionista para o teu gosto, mas...”

“Mas continua a ser uma das melhores armas que desembai-nhei na vida. Estimá-la-ei.” Tentei amaciar a descortesia da recusa inicial. Via agora que, ao deixá-la para trás quando mudara de covil, lhe ferira os sentimentos.

“Oh. E isto. É melhor que isto também te seja agora devolvido.” Ergueu a mão para tirar o brinco de madeira esculpida que Dom Dourado usava sempre. Eu sabia o que estava escondido lá dentro: o brinco de liberdade que fora transmitido da avó de Castro a Castro, ao meu pai e, a seu tempo, a mim.

“Não!” Agarrei-lhe no pulso. “Para com este rito funerário! Já te disse, não tenho nenhuma intenção de te deixar morrer.”

Ele ficou imóvel. “Rito funerário,” sussurrou. Depois riu-se. Senti o cheiro a brande de alperce no seu hálito.

“Toma conta de ti, Bobo. Isto é tão incaracterístico que já mal sei como falar contigo,” exclamei, aborrecido, sentindo a ira que o desconforto pode despoletar num homem. “Não podemos simplesmente descontrair-nos e ser nós próprios nos dias que nos restam?”

“Nos dias que nos restam,” ecoou ele. Com uma torção de pulso, libertou-se sem esforço da minha mão. Segui-o para dentro do seu quarto, grande e arejado. Despido das posses do Bobo, parecia ainda maior. Ele foi até à licoreira do brande, serviu mais para si, e depois encheu um pequeno copo para mim.

“Nos dias que nos restam antes de zarpamos,” expandi as minhas palavras para seu benefício enquanto pegava no copo. Observei a sala em volta. O que era necessário fora deixado no lugar: uma mesa, cadeiras, uma secretária. Tudo o resto ou já desaparecera, ou estava no processo de ser levado. Tapeçarias e tapetes enrolados eram salsichas gordas encostadas à parede. A sua sala de trabalho estava aberta, nua e vazia, depois de todos os seus segredos terem sido levados. Entrei no aposento, de brande na mão. A minha voz reverberou estranhamente quando disse: “Erradicaste todos os sinais de ti.”

Ele seguiu-me e ficámos juntos a olhar pela janela. “Gosto de deixar as coisas em ordem. Temos de deixar tantas coisas incompletas na vida que me apraz terminar as que posso terminar.”

“Nunca te tinha visto a entregares-te assim à emoção. Quase parece que estás a gostar disto.” Tentei não soar desgostoso com ele.

Um estranho sorriso torceu-lhe a boca. Depois respirou fundo como se se tivesse libertado de qualquer coisa. “Ah, Fitz, no mundo inteiro só tu me dirias uma coisa dessas. E talvez tenhas razão. Há drama em enfrentar um fim preciso; eu nunca antes tinha deparado com estas sensações... no entanto, numa situação semelhante, julgo que tu não te deixarias tocar por elas. Um dia tentaste explicar-me como o lobo sempre viveu no presente e te ensinou a obteres todo o prazer que pudesses do tempo de que dispusesse. Aprendeste isso bem. Enquanto eu, que sempre vivi a tentar definir o futuro antes de lá chegar, vejo de súbito um lugar para além do qual tudo é negro. Negrume. É com isso que sonho à noite. E quando me sento deliberadamente e tento alcançar o que está na minha frente, para ver para onde o meu caminho poderá ir, é só isso que vejo. Negrume.”

Não soube o que lhe responder. Via-o a tentar libertar-se do desespero como um cão poderia tentar sacudir da garganta os dentes de um lobo. Bebi do brande. Fui inundado por alperces e pelo calor entontecedor de um dia de verão. Lembrei-me dos dias que passámos na minha casa de campo, com o brande na minha língua a redespertar o prazer desse tempo mais simples. “Isto é muito bom,” disse-lhe sem pensar.

Surpreendido, ele fitou-me. Depois pestanejou de repente para afastar as lágrimas e o sorriso que me dirigiu era genuíno. “Sim,” disse em voz baixa. “Tens razão. Este brande é muito bom, e nada do que está para vir poderá alterar isso. O futuro não nos pode roubar os dias que nos restam... a menos que nós deixemos.”

Passara no seu íntimo por alguma espécie de encruzilhada e estava mais em paz. Bebi mais um gole de brande enquanto fitava as colinas por trás de Torre do Cervo. Quando lhe deitei uma olhadela, ele estava a olhar-me tão afetuosamente que não consegui suportá-lo. Não me teria olhado com tanta amizade se soubesse como eu o enganava. E no entanto, o terror que sentia pelos dias que aí vinham só tornava mais firme em mim a ideia de que tomara a melhor decisão para ele. “É uma pena apressar isto, mas Breu e os outros devem estar à espera.”

Ele anuiu gravemente, ergueu o copo num pequeno brinde a mim e depois emborcou o brande. Segui-lhe o exemplo e depois tive de ficar quieto enquanto o álcool espalhava calor por mim. Respirei fundo, cheirando e saboreando alperces. “É muito bom,” voltei a dizer-lhe.

Ele fez um pequeno sorriso. “Vou deixar-te todas as garrafas que me restam”, ofereceu muito baixinho, e depois riu-se quando o olhei furioso. Mas os seus passos pareceram mais leves quando me seguiu pelo labirinto de corredores e escadas que abria caminho por entre as paredes de Torre do Cervo. Enquanto avançava pelas sombras, perguntei a mim próprio como me sentiria realmente se conhecesse o dia e a hora da minha morte. Ao contrário de Dom Dourado, haveria muito poucas posses de que dispor. Enumerei para os meus botões os meus tesouros, pensando que não possuía nada que tivesse significado para alguém além de mim; depois apercebi-me de repente de que não era verdade. Com uma picada de desgosto egoísta, decidi corrigir o facto. Chegámos à entrada oculta da Torre do Mar. Desencaixei o painel e saímos da lareira.

Os outros já se tinham reunido, portanto não tive oportunidade de ter uma conversa privada com Breu para o preparar. Em vez disso, quando saímos, o príncipe exclamou deliciado e avançou para dar as boas-vindas a Dom Dourado. Obtuso mostrou-se mais cauteloso, franzindo o sobrolho, desconfiado. Breu enviou-me um olhar cheio de censura, e depois alisou a cara e trocou cumprimentos com o Bobo. Mas após esse primeiro momento de boas-vindas, seguiu-se o embarço. Obtuso, abalado por ter um estranho no nosso seio, pôs-se a deambular pela sala em vez de se instalar no seu lugar à mesa. Quase conseguia ver o príncipe a tentar enquadrar Dom Dourado, mesmo vestido daquela maneira simples, no papel de Bobo do Rei Sagaz que desempenhava na história que a rainha lhe contara.

Por fim, Breu disse, quase bruscamente: “Então, meu caro amigo, o que te traz por cá, para junto de nós? É maravilhoso ver-te, claro, mas ainda temos muito a aprender e pouco tempo para a aprendizagem.”

“Compreendo,” respondeu o Bobo. “Mas também há pouco tempo para eu partilhar convosco o que sei. Por isso vim, na esperança de obter um pouco do vosso tempo, em privado, depois da aula.”

“Acho que é uma maravilha que tendes vindo,” interrompeu o príncipe ingenuamente. “Acho que devíeis ter sido incluído desde o início. Fostes vós quem nos permitiu ligarmos as nossas forças e entrarmos em Tomé através de vós para o curarmos. Tendes tanto direito a serdes membro deste círculo como qualquer um que aqui esteja.”

O Bobo pareceu sensibilizado pelo comentário de Respeitador. Baixou o olhar para as mãos, bem enluvadas de negro, esfregou as pontas dos dedos quase preguiçosamente, e depois admitiu: “Não tenho nenhum verdadeiro Talento meu. Só usei o que ficou do toque que obtive de Veracidade. E o meu conhecimento de... Tomé.”

À menção do nome do pai, o príncipe endireitara-se como um cão de caça após captar um rasto de odor. Inclinou-se para o Bobo, como se aquilo que este sabia do Rei Veracidade fosse algo que pudesse ser absorvido. “Seja como for,” assegurou a Dom Dourado, “guardo com expectativa a viagem convosco. Julgo que podeis vir a ser um membro valioso deste círculo, independentemente do vosso nível de Talento. Não quereis juntar-vos a nós para a lição do dia e deixar-nos explorar a dimensão das vossas capacidades?”

Vi Breu dilacerado. O Bobo oferecia uma possibilidade de aumentar o poder do círculo, algo por que Breu suspirava; mas temia a oposição do Bobo à nossa missão básica de cortar a cabeça do dragão. Perguntei a mim próprio se haveria um elemento de ciúme no modo como os seus olhos saltavam entre mim e o Bobo. O Bobo e eu sempre tínhamos sido chegados, e Breu sabia que ele detinha a influência de um amigo sobre mim. Mas agora, mais do que nunca, Breu desejava governar-me.

A sua avidez de Talento venceu. Acrescentou a voz à de Respeitador. “Por favor, Dom Dourado, senta-te connosco. Pelo menos poderás achar os nossos esforços divertidos.”

“Bem, nesse caso será o que farei,” declarou o Bobo, quase ale-

gremente. Puxou por uma cadeira e sentou-se, na expectativa. Perguntei a mim próprio se algum dos outros conseguiria ver as marés mais escuras que corriam por trás da plácida afabilidade que lhes apresentava. Breu e eu ocupámos as cadeiras de ambos os lados dele, enquanto Respeitador persuadia Obtuso a vir juntar-se-nos à mesa. Quando se instalou, quatro de nós respirámos profundamente ao mesmo tempo e procurámos alcançar aquele estado de abertura onde todos conseguíamos atingir o Talento. Enquanto o fazíamos, apercebi-me de algo que era uma confirmação ao mesmo tempo que me alarmava. O Bobo era ali um intruso. No curto tempo que passámos a tentar transformar-nos num círculo, tínhamos alcançado uma unidade. Não me apercebera disso até que o Bobo a interrompera. Ao juntar a minha consciência à de Respeitador e à de Obtuso, senti Breu a esvoaçar como uma borboleta frenética na periferia da nossa união. Obtuso estendeu uma mão animadora para o puxar para um contacto mais firme com o resto de nós. O seu lugar era connosco, mas o do Bobo não era.

Ele não era tanto uma presença como uma ausência. Eu reparara há anos que era invisível ao meu sentido da Manha. Agora, quando tentava deliberadamente contactá-lo com o Talento, era como tentar arrancar o encadeamento do Sol de uma lagoa parada.

“Dom Dourado, estás a evitar-nos?”, perguntou Breu muito baixinho.

“Estou aqui,” respondeu ele. As suas palavras pareceram ondu- lar suavemente pela sala, como se além de as ouvir, as sentisse.

“Dá-me a tua mão,” sugeriu Breu. Pôs a sua na mesa, de palma para cima, estendida para o meu amigo. Pareceu ser tanto desafio como convite.

Senti uma minúscula cócega de medo. Percorreu, trémula, a ligação de Talento que havia entre mim e o Bobo, informando-me de que esta ainda existia. Depois, o Bobo ergueu a mão enluvada e pousou-a na de Breu.

Nessa altura consegui senti-lo, mas não de uma forma que seja fácil de descrever. Se o nosso Talento combinado fosse uma lagoa pa- rada, então o Bobo era uma folha a flutuar nela. “Tentai contactá-lo,” sugeriu Breu, e todos o fizemos. A consciência que eu tinha do em- baração do Bobo tornou-se mais forte por via da nossa conexão, mas não me parece que os outros conseguissem detetá-lo. Conseguiam quase tocá-lo, mas ele abria-se à sua frente e voltava a juntar-se de-

pois deles, como se movessem os dedos através de água. O esforço perturbava a presença do Bobo sem a tornar acessível ao círculo. O medo dele intensificou-se. Avancei sub-repticiamente ao longo da nossa ligação, tentando descobrir o que o assustava.

Posse. Ele não desejava ser tocado de uma forma que pudesse permitir que outra pessoa o possuísse. Tardiamente, lembrei-me do que Majestoso e o seu círculo lhe tinham feito em tempos. Tinham-no encontrado, através da ligação que eu com ele partilhava, e haviam capturado um bocado da sua consciência, usando-a contra mim, para me espiar e ganhar informação sobre o paradeiro de Moli. Essa traição ainda o envergonhava e magoava. Ainda transportava esse fardo de culpa por algo que acontecera tanto tempo antes. Isso aprofundou a punhalada que eu sentia por em breve ele vir a saber que também eu o traíra.

Não foi culpa tua. Ofereci-lhe conforto através da nossa ligação. Ele recusou-o. Depois, como que vindos de algures à distância, e no entanto claros, os seus pensamentos contactaram os meus.

Eu sabia que ia acontecer. Eu próprio o predisse, quando era criança. Que aquele que te era mais próximo te trairia. E no entanto não consegui acreditar que fosse verdade. E assim cumpri a minha própria profecia.

Todos sobrevivemos.

Por pouco.

“*Estão a falar um com o outro pelo Talento?*”, perguntou Breu com irritação. Tanto ouvi como senti as suas palavras.

Respirei mais fundo e afundei-me mais no Talento. “Sim,” susurrei. “Consigno alcançá-lo. Mas mesmo à justa. E só porque já tínhamos estado ligados pelo Talento.

“Queres mais do que isto?” A voz do Bobo era menos que um sussurro. Discerni uma alteração nas suas palavras, mas não consegui compreendê-la.

“Sim, por favor. Tenta,” pedi-lhe.

Tive consciência do Bobo a fazer um pequeno movimento ao meu lado na mesa, mas a minha visão estava desfocada da sala e não tive aviso das suas intenções até que a mão dele me pousou no pulso. As pontas dos seus dedos encontraram sem errar as suas próprias dedadas desvanecidas, deixadas na minha pele tantos anos antes. O toque foi suave, mas a sensação foi uma seta no meu coração. Sofri um espasmo físico, como peixe trespassado, e depois imobilizei-me.

O Bobo correu-me pelas veias, quente como álcool, frio como gelo. No relampejo de um instante, partilhámos uma consciência física. A intensidade que ela mostrou ultrapassou qualquer união por que eu tivesse passado. Foi mais íntima que um beijo e mais profunda do que uma punhalada, sobrepôs-se a uma ligação pelo Talento e sobrepôs-se a uma união sexual, ultrapassou até o meu vínculo de Manha com Olhos-de-Noite. Não foi uma partilha, foi um passar a ser. Nem a dor nem o prazer poderiam abarcá-la. Pior, senti-me a virar-me e a abrir-me a ela, como se fosse a boca de uma amante na minha, mas não sabia se iria devorar ou ser devorado. Um segundo mais, e cada um de nós seria o outro, conheceria o outro mais perfeitamente do que dois seres separados deveriam conhecer.

Ele conheceria o meu segredo.

“Não!”, gritei antes de o Bobo ter tempo de descobrir o que eu conspirara contra ele. Libertei-me com um sacão, de mente e de corpo. Caí durante um longo tempo, até atingir o frio da pedra. Rolei para baixo da mesa para escapar a esse toque, arquejando. O tempo que passei nas trevas pareceu durar horas, mas passou-se só um instante até Breu puxar o meu corpo enrolado de debaixo da mesa. Encostou-me ao seu peito quando se ajoelhou a meu lado. De forma longínqua, tive consciência de ele perguntar: “Que aconteceu? Estás ferido? Que lhe fizeste, Bobo?”

Ouvi um soluço fugir a Obtuso. Só ele, talvez, detetara o que acontecera. Um arrepio percorreu-me o corpo. Não conseguia ver nada. Então compreendi que tinha os olhos fechados com força, o corpo aninhado numa bola. Mesmo sabendo essas coisas, precisei de algum tempo para me persuadir de que podia alterá-las. Precisamente quando estava a abrir os olhos, o pensamento do Bobo desenrolou-se na minha mente como uma folha a abrir-se ao sol.

E não ponho limites a esse amor.

“É demasiado,” disse, entrecortadamente. “Ninguém pode dar tanto. Ninguém.”

“Toma brande,” disse Respeitador perto de mim. Foi Breu que me içou para a posição de sentado e me levou o copo aos lábios. Emborqueei-o como se fosse água, após o que sufoquei de choque. Quando consegui virar a cabeça, o Bobo era o único que continuava sentado na sua cadeira, à mesa. Tinha outra vez as mãos enluvasadas, e o olhar que me dirigiu era opaco. Obtuso estava acorçado a um canto da sala, abraçado a si próprio e a tremer. A sua música

de Talento era a canção da mãe, uma tentativa desesperada para se reconfortar.

“Que aconteceu?”, perguntou Breu com uma voz feroz. Eu ainda estava encostado ao seu corpo, e consegui sentir a ira a emanar dele como calor. Sabia que ele dirigia o olhar acusador contra o Bobo, mas respondi mesmo assim.

“Foi demasiado intenso. Formámos uma ligação de Talento que foi tão completa que não me consegui encontrar a mim próprio. Como se nos tivéssemos tornado um só ser.” Chamava-lhe Talento, mas não tinha a certeza de que o nome era adequado. Era como chamar centelha ao Sol. Respirei mais profundamente. “Assustou-me. Portanto libertei-me dela. Não estava à espera de nada que se assemelhasse.” E aquelas palavras foram ditas tanto ao Bobo como aos outros. Vi-o a ouvi-las, mas julgo que retirou delas uma mensagem diferente da que eu pretendia transmitir.

“E não te afetou nada?”, perguntou-lhe Breu.

Respeitador ajudou-me a pôr em pé. Precisava da sua ajuda. Afundei-me quase de imediato numa cadeira. Mas o que sentia era menos cansaço do que uma energia desconjuntada. Poderia ter escalado a mais alta torre de Torre do Cervo se me conseguisse recordar de como se obrigava os meus joelhos a dobrar-se.

“Afetou-me,” disse o Bobo em voz baixa. “Mas de uma forma diferente.” Olhou-me nos olhos e disse: “Não me assustou.”

“Voltamos a tentar?”, propôs inocentemente Respeitador, e “Não!”, respondemos eu, Breu e o Bobo com vários graus de ênfase.

“Não,” repetiu o Bobo mais calmamente no minúsculo silêncio que se seguiu. “Pela parte que me toca, já aprendi hoje o suficiente.”

“Talvez todos tenhamos aprendido o suficiente,” concordou Breu com brusquidão. Pigarreou e prosseguiu: “Seja como for, está na hora de nos dispersarmos para tratar das nossas coisas.”

“Ainda temos tempo com fartura,” protestou Respeitador.

“Normalmente, sim, teríamos,” concordou Breu. “Mas agora os dias fogem de nós. Tendes muito a fazer para preparar a viagem, Respeitador. Voltai a ensaiar o discurso de agradecimento aos Ilhéus pelo seu acolhimento. Lembrai-vos de que o *ch* é pronunciado com a parte de trás da garganta.”

“Já o li cem vezes,” gemeu Respeitador.

“E quando chegar o momento, as palavras devem parecer vir do coração, não de um pergaminho.”

Respeitador concordou com a cabeça, a contragosto. Deitou um olhar desejoso ao dia luminoso e ligeiramente ventoso que fazia fora da janela.

“Então, ide lá, ambos,” disse-lhe Breu, e ficou subitamente claro que estava a mandar embora tanto Obtuso como Respeitador.

O desapontamento atravessou a cara do príncipe. Virou-se para Dom Dourado. “Quando estivermos no mar e tivermos mais tempo e menos tarefas a realizar, gostaria de vos ouvir falar do tempo que passastes com o meu pai. Se não vos importardes. Sei que cuidastes dele quando... no fim dos seus dias.”

“Cuidei,” respondeu o Bobo com suavidade. “E ficaria feliz por partilhar convosco as minhas recordações desses dias.”

“Obrigado,” respondeu Respeitador. Foi até ao canto e levou Obtuso gentilmente a levantar-se, perguntando-lhe o que diabo o tinha assustado, pois ninguém ficara magoado. Senti-me grato por Obtuso não ter resposta inteligível a dar a isso.

Estavam quase junto à porta quando me lembrei daquilo que decidira antes. “Príncipe Respeitador, quereis vir à minha sala de trabalho esta noite? Tenho algo para vos dar.”

Ele ergueu uma sobrancelha, mas quando eu nada mais disse, respondeu: “Arranjarei tempo. Até lá.”

Respeitador saiu, com Obtuso a arrastar-se logo atrás. Mas, à porta, Obtuso virou-se e dirigiu ao Bobo um olhar estranhamente avaliador antes de virar os olhos para mim. Perguntei a mim próprio, preocupado, quanto daquilo que fora transmitido entre mim e o Bobo teria ele detetado. Depois Obtuso foi-se embora, fechando a porta com demasiada firmeza atrás de si.

Por um momento, temi que Breu exigisse saber mais sobre o que acontecera. Mas antes de ele ter tempo para falar, o Bobo disse: “O Príncipe Respeitador não pode matar Fogojelo. Essa é a coisa mais importante que tenho de vos dizer, Breu. A qualquer custo, a vida do dragão tem de ser preservada.”

Breu dirigira-se às garrafas das bebidas alcoólicas. Selecionou uma, encheu um copo em silêncio, e depois voltou a virar-se para nós. “Visto que a criatura está congelada num glaciar, não te parece que talvez seja um pouco tarde para nos preocuparmos em preservar-lhe a vida?” Bebeu do copo. “Ou será que pensas mesmo que algum animal consegue sobreviver durante todo esse tempo, privado de calor, água e comida?”

O Bobo ergueu os ombros e abanou a cabeça. “Que sabe qualquer um de nós sobre dragões? Havia quanto tempo estavam os dragões de pedra a dormir antes de o Fitz os despertar? Se partilharem alguma da sua natureza com os dragões verdadeiros, então é possível que alguma centelha de vida ainda brilhe no interior de Fogojelo.”

“Que sabes tu sobre Fogojelo?”, perguntou Breu desconfiado. Voltou para a mesa e sentou-se. Permaneci de pé, a observá-los a ambos.

“Não sei mais sobre ele do que vós, Breu.”

“Então porque nos proibes de lhe cortar a cabeça, quando sabes que a narcheska o exigiu como condição para o casamento? Ou será que pensas que o mundo será posto num caminho melhor se os nossos dois reinos continuarem a tentar morder a garganta um do outro durante mais um ou dois séculos?”

Estremeci com o sarcasmo dele. Eu nunca teria troçado da mudança no mundo que o Bobo afirmava ser seu objetivo. Que Breu o fizesse chocou-me, e levou-me a aperceber-me da profundidade do seu antagonismo.

“Eu não tenho nenhum gosto pelo conflito, Breu Tombastrela,” respondeu o Bobo em voz baixa. “Mas nem uma guerra entre os homens é a pior coisa que pode acontecer. É preferível a guerra a causarmos danos mais profundos e mais graves ao nosso mundo, propriamente dito. Especialmente quando temos a mais breve das hipóteses de reparar um erro quase irreparável.”

“Que é?”

“Se Fogojelo estiver vivo... e eu concedo que será mais do que estranho se estiver... mas se ainda existir nele alguma centelha de vida, devemos abandonar todas as outras demandas para o libertarmos do gelo e o devolvermos a uma vida completa.”

“Porquê?”

“Não lhe disseste?” Ele virou um olhar acusador para mim. Não o enfrentei, e ele não esperou que eu respondesse. “Tintaglia, o dragão de Vilamonte, é a única fêmea adulta de dragão no mundo. A cada ano que passa fica mais claro que os jovens que emergiram dos casulos irão permanecer atrofiados e fracos, incapazes de caçar ou de voar. Os dragões acasalam em voo. Se as crias nunca voarem, nunca poderão acasalar. Os dragões desaparecerão do mundo. E desta vez será para sempre. A menos que ainda haja um dragão

macho completamente formado. Um dragão que possa levantar voo para acasalar com Tintaglia e gerar uma nova geração de dragões.”

Eu dissera a Breu todas aquelas coisas. Teria ele feito aquela pergunta para testar a franqueza do Bobo?

“Estás a dizer-me,” enunciou Breu com cuidado, “que temos de pôr em risco a paz entre as Ilhas Externas e os Seis Ducados para ressuscitarmos os dragões. E em que nos irá isso beneficiar?”

“Não beneficiará,” admitiu o Bobo. “Pelo contrário. Irá apresentar aos homens muitos inconvenientes. E exigirá muitos ajustamentos. Os dragões são uma espécie arrogante e agressiva. Ignoram fronteiras e não têm qualquer conceito de ‘posse.’ Se um dragão faminto vir uma vaca num curral, comê-la-á. Para eles, é simples. O mundo fornece, e apanha-se dele aquilo de que se necessita.”

Breu fez um sorriso malicioso. “Então eu talvez deva fazer o mesmo, em nome da humanidade. O mundo forneceu-nos um tempo livre de dragões. Acho que o vou aceitar.”

Observei o Bobo. Não estava consternado pelas palavras de Breu. Manteve o silêncio durante dois ciclos de respiração. Depois disse: “Como queirais, senhor. Mas quando o momento chegar, poderá não ser a vós que caberá tomar essa decisão. Poderá ser a mim. Ou ao Fitz.” Quando os olhos de Breu se incendiaram de ira, acrescentou: “E não é só o mundo, mas a própria humanidade, que precisa de dragões.”

“E porquê, pode-se saber?,” perguntou Breu com desdém.

“Para manter o equilíbrio,” respondeu o Bobo. Olhou-me de relance, depois olhou para trás de mim, pela janela, e os seus olhos tornaram-se distantes e pensativos. “A humanidade não teme rivais. Esqueceste-vos de como é partilhar o mundo com criaturas tão arrogantemente superiores como vós. Pensais organizar o mundo ao vosso gosto. Portanto mapeais a terra e traçais riscos por ela, reclamando a posse simplesmente porque sois capazes de desenhar uma imagem do terreno. Marcais como vossos as plantas que nele crescem e os animais que o percorrem, reclamando para vós não só o que está hoje vivo, como o que poderá crescer amanhã, para com isso fazer o que vos apetecer. Depois, na vossa presunção e agressão, travais guerras e matais-vos uns aos outros por causa das linhas que imaginastes na face do mundo.”

“E suponho que os dragões são melhores do que nós porque não fazem essas coisas, porque simplesmente apanham o que ca-

lham ver. Espíritos livres, criaturas da natureza, possuidoras de toda a superioridade que advém de não serem capazes de pensar.”

O Bobo abanou a cabeça, sorrindo. “Não. Os dragões não são melhores do que os seres humanos. São bem pouco diferentes dos homens. Erguerão um espelho para o egoísmo da humanidade. Far-vos-ão lembrar de que toda a vossa conversa sobre possuírem isto ou exigirem aquilo não é mais do que o rosnar de um cão acorrentado ou a canção de desafio de um pardal. A realidade dessas exigências não dura mais que o instante em que soam. Podeis chamar-lhe o que quiserdes, exigi-lo conforme vos apeteça, mas o mundo não pertence aos homens. São os homens que pertencem ao mundo. Não possuireis a terra em que o vosso corpo acabará por transformar-se, e tampouco recordareis o nome pelo qual respondeu em tempos.”

Breu não respondeu de imediato. Julguei que ele ficara atordoado pelas palavras do Bobo, que a sua visão da realidade fora reordenada por elas. Mas depois, ele soltou uma fungadela de desdém. “Bah. O que dizes só torna mais claro para mim que nenhum bem virá para ninguém de ressuscitar esse dragão.” Esfregou fadigadamente os olhos. “Oh, para que perdemos tempo com este estúpido debate? Nenhum de nós sabe o que encontraremos quando lá chegarmos. No ponto em que estamos, isto não passa de palavreado filosófico e histórias de embalar. Quando enfrentar o dragão, logo pensarei no que será melhor fazer. Pronto. Isto satisfaz-te?”

“Custa-me a crer que a *minha* satisfação vos importe.” E enquanto proferia estas palavras estranhas, o Bobo deitou-me um olhar de viés. Não foi, contudo, um olhar destinado a chamar-me a atenção, mas sim para me fazer notar a Breu.

“Tens razão,” concordou Breu sem aspereza. “O que me importa não é a tua satisfação, mas o acordo do Fitz. Mas sei que, se esta decisão lhe coubesse só a ele, ele daria à tua satisfação muito peso, chegando mesmo, talvez, a pôr em risco o destino dos Visionário.” O meu velho mestre deitou-me um olhar pensativo, como se eu fosse um cavalo esparavonado que poderia, ou não, aguentar mais uma batalha. O sorriso que me dirigiu era quase desesperado. “No entanto, espero que também dê ouvidos ao que me preocupa.” O seu olhar cruzou-se com o meu. “Quando confrontarmos o dragão, decidiremos. Nós. Até lá, as alternativas mantêm-se em aberto. É aceitável assim?”

“Quase,” respondeu o Bobo. A sua voz soou fria quando propôs: “Prometei-me, enquanto Visionário, que, quando o momento chegar, o Fitz poderá fazer o que a sua avaliação da situação lhe disser para fazer.”

“Prometer enquanto Visionário!” Breu estava encolerizado.

“Exato,” respondeu calmamente o Bobo. “A menos que as vossas palavras não passem de um osso que atirais ao Fitz para o manterdes no caminho de cumprir a vossa vontade.” Recostou-se, com os pulsos e mãos soltos e apoiados nos braços da cadeira, perfeitamente à vontade. Por um momento, reconheci aquele homem magro vestido de negro com o seu cabelo reluzente preso atrás da cabeça. Aquele era o rapaz que o Bobo fora, transformado num homem. Depois ele virou a cabeça para fitar Breu mais diretamente, e a familiaridade desapareceu. A sua cara era uma silhueta esculpida de determinação. Nunca vira ninguém desafiar Breu com tanta confiança.

Fiquei chocado com as palavras que Breu proferiu nesse momento. O seu sorriso era muito estranho, e os seus olhos saltaram de mim para o Bobo e do Bobo para mim. Foi o meu olhar que enfrentou quando disse: “Dou a minha palavra enquanto Visionário. Não lhe pedirei para fazer nada contra a sua vontade. Pronto. Estás satisfeito, homem?”

O Bobo confirmou lentamente com a cabeça. “Oh, sim. Estou satisfeito. Pois a decisão caberá a ele, e vejo isso tão claramente como qualquer outra coisa que me reste para ver.” Anuiu para os seus botões. “Ainda há coisas que temos de discutir, vós e eu, mas depois de estarmos a bordo do navio e a caminho, haverá tempo para elas. Mas o dia avança em corrida sem nós, e eu ainda tenho muito a fazer para me preparar para a partida. Bom-dia, Dom Tombastrela.”

Um sorriso muito ligeiro demorou-se na sua boca. O seu olhar saltou de mim para Breu. E depois fez um gesto muito curioso. Abrindo muito os braços, fez uma vénia graciosa a Breu, como se tivessem concedido um ao outro uma grande cortesia. Quando se endireitou, falou para mim. O seu tom era mais caloroso. “Foi bom ter passado hoje alguns momentos contigo, Fitz. Tive saudades tuas.” Depois soltou um suspirinho súbito, como se se tivesse lembrado de um dever desagradável. Suspeitei que a morte que previra abrisse caminho para o primeiro plano da sua mente. O sorriso desvaneceu-se-lhe. “Senhores, com a vossa licença,” murmurou. E foi-se

embora, saindo pelo apertado painel oculto no lado da lareira, tão elegantemente como se fosse um nobre a abandonar um banquete.

Fiquei a fitar o sítio por onde ele saíra. O nosso recente encontro pelo Talento ressoava-me na mente com as suas estranhas palavras e gestos ainda mais estranhos. Ele confrontara-se com Breu a respeito de alguma coisa, e triunfara. Mas eu não sabia bem o que ficara assente entre eles, se é que algo ficara.

O meu velho mentor falou como se conseguisse escutar-me os pensamentos. “Ele desafia-me pela tua lealdade! Como se atreve? A mim, que praticamente te criei! Como pode pensar que haveria alguma hipótese de nós discordarmos, quando ambos sabemos o quanto depende da conclusão bem-sucedida desta demanda? A minha palavra enquanto Visionário, francamente! E que pensa ele que és, no fim de contas?”

Virou-se e fez-me a pergunta a mim, como se esperasse um assentimento irrefletido da minha parte. “Talvez,” disse eu em voz baixa, “creia que ele é o Profeta Branco e que eu sou o seu Catalisador.” Depois respirei mais profundamente e dei voz a uma pergunta minha. “Como podeis vós os dois lutar pela minha lealdade, como se eu não tivesse nenhum pensamento meu a dedicar a qualquer decisão que venha a tomar?” Soltei uma fungadela de descontentamento. “Não encararia um cavalo ou um cão como uma peça do jogo tão acéfala como vós os dois pareceis julgar que eu sou.”

Ele estava a olhar para lá de mim, pela janela, quando falou, e não me parece que realmente tivesse pensado na importância das suas palavras. “Um cavalo ou um cão não, Fitz, não. Eu nunca pensaria em ti dessa forma. Não. Tu és uma espada. Foi aquilo em que foste transformado, por mim, numa arma para ser brandida. E ele julga que te ajustas melhor à mão dele.” O velho soltou uma fungadela de desprezo. “O homem continua a ser um bobo.” Olhou-me e acenou com a cabeça. “Tiveste razão em falar-me dos seus planos. É bom que o deixemos para trás.”

Não parecia haver nenhuma resposta a dar àquilo. Abandonei a Torre do Mar, saindo por onde entrara, pelo escuro labirinto oculto no interior das paredes de Torre do Cervo. Naquele dia, vira tanto o meu amigo como o meu mentor com mais clareza do que gostaria. Perguntei a mim próprio se o toque do Bobo no meu pulso teria sido uma demonstração da influência que tinha sobre mim, destinada tanto a Breu como a mim. E no entanto, e no entanto, não o sentira

assim. Não me tinha ele perguntado primeiro se eu o desejava? Ainda assim, sentira-o como se fosse algo que ele desejava exhibir perante mim. Contudo, teriam sido apenas as circunstâncias que o levaram a revelá-lo também a Breu? Ou teria sido sua intenção levar-me a ver com clareza como Breu me via, como partia do princípio de que poderia sempre contar comigo para cumprir a sua vontade? Abanei a cabeça. Poderia o Bobo imaginar que eu não o sabia ainda? Cerrei os dentes. Chegaria um momento em que o Bobo se aperceberia de que eu e Breu tínhamos conspirado contra ele, um momento em que saberia como eu controlara hoje a língua.

Voltei à minha sala de trabalho e não gostei de nenhum dos pensamentos que levei comigo para lá.

Ao abrir a porta, soube instantaneamente que o Bobo lá estivera antes de mim. Deixara o seu presente na mesa ao lado da minha cadeira. Dirigi-me a ele e percorri com um dedo o dorso de Olhos-de-Noite. O meu lobo estava no seu auge na escultura. Um coelho morto jazia entre as suas patas da frente. Tinha a cabeça erguida, e os seus olhos escuros olhavam-me com inteligência e paciência.

Peguei nele. Vira o Bobo dar início à escultura, sentado à mesa na minha cabana. Nunca adivinhara o que poderia ser, já quase esquecera que ele me prometera mostrá-la quando estivesse concluída. Toquei nas pontas das orelhas espetadas de Olhos-de-Noite. Depois, sentei-me na cadeira e fitei o fogo, com o meu lobo aninhado nas mãos.

Uma Troca de Armas



A Mestra-de-Armas Hode ascendeu a esse título após um longo serviço como subalterna do Mestre-de-Armas Crende. Os anos que passou nessa posição foram bem gastos, pois familiarizou-se não só com o uso de cada arma, mas com a manufatura de boas lâminas. De facto, há ainda quem diga que o seu talento principal residia na criação de boas armas, e que Torre do Cervo teria ficado mais bem servida dando a outra pessoa o título de Mestre-de-Armas e conservando-a na forja. O Rei Sagaz, contudo, não via as coisas dessa forma. Após a morte de Crende, foi imediatamente promovida à posição dele, e supervisionou o treino de todos os homens-de-armas de Torre do Cervo. Serviu bem o trono Visionário, acabando por dar a vida em batalha pelo então Rei Expectante Veracidade.

— “CRÓNICAS”, DE PENACARRIÇO

A liquidação cuidadosamente planeada das suas posses por parte do Bobo acendeu em mim um súbito desejo de pôr em ordem os meus próprios pertences. Nessa noite, em vez de fazer as malas, sentei-me no canto da velha cama de Breu, rodeado por tudo o que possuía. Se tivesse inclinação para a melancolia fatalista do Bobo, talvez tivesse ficado entristecido. Em vez disso, dei por mim a sorrir perante a escassez das minhas posses. Até Papadei-

ro, o furão, pareceu não ficar impressionado quando farejou o meu tesouro.

A pilha de roupa vinda do quarto do Bobo e a maravilhosa espada de cabo demasiado decorado abrangiam a maior parte. A minha roupa, dos tempos passados na cabana, tinha na sua maior parte sido entregue à pilha dos trapos, junto da mesa de trabalho. Possuía dois uniformes novos enquanto Guarda do Príncipe. Um já estava cuidadosamente arrumado num baú aos pés da cama com as minhas outras mudas de roupa. Uns quantos pequenos pacotes de venenos, sedativos e reconstituíntes que Breu e eu preparáramos estavam ocultos por baixo da roupa. Na cama, a meu lado, encontravam-se várias pequenas ferramentas, gazuas e outras miudezas úteis, num pequeno rolo que podia ser escondido no interior da camisa. Meti-o no baú. Vasculhei o resto da minha estranha coleção enquanto esperava por Respeitador.

A escultura de Olhos-de-Noite estava na prateleira por cima da lareira. Não a poria em risco levando-a comigo em viagem. Havia um colar de amuleto que Gina, a bruxa ambulante, me fizera na época em que éramos mais amigos. Nunca o voltaria a usar, e no entanto sentia-me estranhamente relutante em ver-me livre dele. Juntei-o à roupa que Dom Dourado me impusera. O pequeno alfinete da raposa que Kettricken me dera estava onde estava sempre, dentro da camisa, sobre o coração. Não tinha qualquer intenção de me separar dele. Pusera a um lado algumas coisas destinadas a Zar. Na sua maioria, eram coisas pequenas que eu fizera ou adquirira quando ele era criança: um pião, um boneco articulado, coisas do género. Guardei-as cuidadosamente numa caixa com uma bolota entalhada na tampa. Dar-lhas-ia quando lhe dissesse adeus.

No centro da cama estava o feixe de penas esculpidas que trouxera da praia dos Outros. Em tempos tentara dá-las ao Bobo, para ele experimentar encaixá-las na sua coroa de madeira esculpida. Tinha a certeza que serviriam. Mas ele deitara-lhes um único olhar e rejeitara-as. Desenrolei o couro suave em que as embrulhara, avaliei-as brevemente uma a uma, e depois voltei a enrolá-las. Debati durante algum tempo o que fazer com elas. Depois enfiei-as num canto do baú. Lá para dentro também foram as minhas agulhas e vários carretos de fio. Sapatos e roupa interior adicionais. Uma navalha. Caneca, tigela e colher para o navio.

E era tudo. Nada mais havia a emalar e, no mundo inteiro,

eram preciosamente poucas as coisas que me pertenciam. Havia a minha égua, Minhapreta, mas esta tinha por mim pouco interesse que ultrapassasse fazer o que tinha de fazer. Preferia os da sua espécie, e não sentiria nenhuma saudades minhas. Um moço de estrebaria exercitá-la-ia regularmente e, enquanto Mãos estivesse encarregue dos estábulos de Torre do Cervo, eu não tinha receio de que fosse negligenciada ou mal usada.

Papadeiro saiu da pilha de roupa e veio numa correria pela cama fora para me desafiar. “Também há poucas hipóteses de que tu tenhas saudades de mim,” disse-lhe enquanto ele me ameaçava a mão numa forma brincalhona. Havia fartura de ratos e ratazanas nas paredes de Torre do Cervo para o manterem bem alimentado. Ele provavelmente gostaria de ter toda a cama para si. Já julgava que a almofada lhe pertencia. O meu olhar percorreu a sala. Breu tomara posse de todos os pergaminhos que eu trouxera da minha cabana. Ordenara-os, acrescentando os inofensivos à biblioteca de Torre do Cervo e guardando nos seus armários todos os que contassem demasiadas verdades com demasiada clareza. Não sentia nenhum sentimento de perda.

Levei a braçada de roupa para um dos velhos guarda-fatos de Breu, pretendendo enfiá-la toda lá dentro. Depois, a consciência castigou-me, e eu sacudi e dobrei cuidadosamente cada peça antes de a guardar. Ao fazê-lo, apercebi-me de que, olhadas individualmente, a maior parte das peças de roupa não eram tão aparatosas como eu as imaginara. Acrescentei ao baú o manto provido de um forro quente. Quando toda a roupa ficou guardada ou emalada, pousei em cima do baú a espada decorada com joias. Iria comigo. Apesar do seu cabo vistoso, era bem feita e tinha um equilíbrio magnífico. Tal como acontecia com o homem que ma dera, a sua aparência cintilante obscurecia o seu verdadeiro propósito.

Soou uma batida cortês e o armário dos vinhos saiu do caminho. Quando Respeitador apareceu fatigadamente na sala, Papadeiro pulou da cama e saltou para o confrontar, ameaçando-o com dentes brancos enquanto fazia infrutíferas investidas contra os seus pés.

“Sim, também estou contente por te ver,” cumprimentou Respeitador e pegou no pequeno animal com uma mão. Coçou suavemente a garganta do furão e depois pousou-o no chão. Papadeiro atacou-lhe imediatamente os pés. Com cuidado para não o pisar, Respeitador entrou na sala, dizendo: “Tinhas mais uma coisa para eu pôr na mala?” Com um pesado suspiro, deixou-se cair na cama a

meu lado. “Estou tão cansado de fazer as malas,” confidenciou. “Espero que seja uma coisa pequena.”

“Está na mesa,” disse-lhe. “E não é pequena.”

Enquanto ele caminhava para a mesa de trabalho, passei por um momento de intenso arrependimento, e teria retirado o presente se pudesse. Como poderia ter para aquele rapaz o significado que tivera para mim? Ele olhou-o, depois ergueu o olhar para mim, com choque no rosto. “Não entendo. Estás a dar-me uma espada?”

Levantei-me. “É a espada do teu pai. Veracidade deu-ma, quando nos despedimos. Agora é tua,” disse em voz baixa.

A expressão que dominou a cara de Respeitador naquele momento apagou qualquer arrependimento que eu pudesse ter sentido. Estendeu uma mão para a espada, recolheu-a, e depois olhou para mim. Um espanto incrédulo brilhou-lhe na cara. Sorri.

“Eu disse que era tua. Pega nela e vê como a sentes. Acabei de a limpar e afiar, portanto tem cuidado.”

Ele estendeu a mão para baixo e pousou-a no cabo. Esperei, observando, que erguesse a espada e descobrisse o seu magnífico equilíbrio. Mas ele recolheu a mão.

“Não.” A palavra chocou-me. Depois: “Espera aqui. Por favor. Espera.” E depois virou-se e fugiu da sala. Ouvei o rumor dos seus passos em corrida a diminuir no corredor escondido.

A reação dele confundiu-me. Parecera a princípio tão delicioso. Aproximei-me e voltei a olhar para a arma. Acabada de olear e de limpar, reluzia. Era ao mesmo tempo bela e elegante, e no entanto nada havia na sua conceção que interferisse na função a que se destinava. Era uma ferramenta para matar outros homens. Fora feita para Veracidade por Hode, a mesma Mestra-de-Armas que me ensinara a manejar tanto a espada como o pique. Quando Veracidade partira na sua demanda, ela fora com ele, e morrera por ele. Era uma espada digna de um rei. Porque teria sido rejeitada por Respeitador?

Estava sentado em frente da lareira, com uma chávena de chá quente entre as mãos, quando ele regressou. Trazia consigo uma longa trouxa embrulhada. Quando cruzou a porta, vinha a falar e a desatar as tiras de couro que a atavam. “Não sei porque é que não pensava nisto há muito tempo, quando a minha mãe me disse quem tu eras. Suponho que tenha sido porque me foi dada há tanto tempo, e depois a minha mãe ma guardou. Toma!”

O embrulho caiu e ele fez um floreado com a espada er-

guida. Depois pegou-lhe pela lâmina e ofereceu-ma, com o cabo pousado no antebraço esquerdo. Sorriu-me, com os olhos a arder de deleite e antecipação. “Pega nela, FitzCavalaria Visionário. A espada do teu pai.”

Um arrepio percorreu-me, pondo-me em pé todos os pelos do corpo. Pus a chávena de chá de lado e levantei-me lentamente. “A espada de Cavalaria?”

“Sim.” Não julgara que o seu sorriso se pudesse abrir mais, mas abriu.

Fitei-a. Sim. Mesmo sem as palavras dele, eu tê-lo-ia compreendido. Aquela espada era a irmã mais velha daquela que Veracidade usara. Assemelhava-se à outra espada, mas aquela era ligeiramente mais ornamentada e mais longa, destinada a um homem mais alto do que Veracidade. Havia um cervo estilizado na guarda. Era, compreendi de súbito, uma espada feita para um príncipe que viria a ser rei. Soube que nunca poderia usá-la. Mesmo assim desejei-a. “Onde a arranjaste?”, perguntei sem fôlego.

“Era Paciência que a tinha, claro. Tinha-a deixado em Floresta Mirrada quando veio para Torre do Cervo. Depois, enquanto estava a ‘arrumar a tralha’, como ela diz, depois do fim da Guerra dos Navios Vermelhos, quando se mudou para Vaudefeira, encontrou-a. Num armário. ‘Ainda bem que nunca cheguei a levá-la para Torre do Cervo,’ disse-me quando ma deu. ‘Majestoso tê-la-ia roubado e vendido. Ou teria ficado com ela para si.’”

Aquilo era tão característico de Paciência que tive de sorrir. Uma espada de rei, no meio da sua “tralha.”

“Pega nela!”, ordenou-me Respeitador com ardência, e eu tive de o fazer. Tive de sentir, pelo menos uma vez, como a minha mão se ajustaria ao local onde a do meu pai repousara. Quando lha tirei das mãos, foi quase como se a espada não tivesse peso. Empoleirava-se na minha mão como uma ave. No momento em que libertei dela as mãos de Respeitador, ele foi até à mesa e pegou na espada de Veracidade. Ouvi a sua exclamação de satisfação, e sorri quando pegou nela com ambas as mãos e a brandiu no ar. Aquelas lâminas eram espadas como devia ser, tão capazes de cortar carne como de serem espetadas em algum ponto vulnerável. Durante algum tempo, comportámo-nos ambos como rapazes, brandindo as espadas de uma multiplicidade de formas, desde pequenos movimentos de mão e pulso que bloqueariam e afastariam a estocada de um oponente,

até um temerário golpe alto de Respeitador que parou a milímetros dos pergaminhos que estavam em cima da mesa.

A arma de Cavalaria ajustava-se-me. Havia nisso satisfação, mesmo apesar de eu compreender como a minha perícia era tristemente desadequada a uma arma como aquela. Eu pouco passava de competente com uma espada. Perguntei a mim próprio o que o rei abdicado sentiria se soubesse que o seu único filho era mais hábil com um machado do que com uma espada, e se inclinava mais para o uso de veneno do que de qualquer dessas armas. Era uma linha de pensamento desanimadora, mas antes de ter tempo de ceder a essa influência, Respeitador surgiu a meu lado, comparando a sua lâmina à minha.

“A de Cavalaria é mais comprida!”

“Ele era mais alto do que Veracidade. E no entanto, esta lâmina parece-me mais leve. Veracidade tinha a corpulência necessária para apoiar um golpe forte, e parece-me que foi assim que Hode fez a sua arma. Será interessante ver qual das espadas se te adequa melhor quando cresceres.”

Ele compreendeu instantaneamente o que eu queria dizer. “Fitz. Eu dei-te essa arma para ficares com ela. Estou a falar a sério.”

Anuí. “E eu agradeço-te por essa ideia. Mas terei de me contentar com a intenção em vez da realidade. Isto é uma espada de rei, Respeitador. Não é arma para um guarda, quanto mais um assassino, ou um bastardo. Vês? Olha aqui, no cabo. O cervo Visionário, grande e evidente. Também está no de Veracidade, mas aí é mais pequeno. Mesmo assim, eu enrolei o cabo em couro para o disfarçar durante os anos que se seguiram à Guerra dos Navios Vermelhos. Qualquer pessoa que o tivesse visto saberia que a espada não podia pertencer-me legalmente. Isto seria ainda mais óbvio.” Com pena e respeito, pousei-a na mesa de trabalho.

Respeitador depositou cuidadosamente a espada de Veracidade a seu lado. Uma expressão teimosa cobriu-lhe o rosto. “Como posso tirar-te a espada do meu pai se tu não queres ficar com a de Cavalaria? O meu pai deu-te essa arma. Queria que ficasses com ela.”

“Tenho a certeza que sim, naquele momento. E serviu-me bem durante muitos anos. Vê-la nas tuas mãos servir-me-á ainda melhor. Eu sei que Veracidade concordaria comigo. Por agora, poremos ambos de parte a espada de Cavalaria. Quando fores coroadado, os teus nobres contarão ver a espada do rei à tua anca.”

Respeitador franziu o sobrolho, pensativo. “O Rei Sagaz não tinha uma espada? Que lhe aconteceu?”

“Sem dúvida que tinha. Quanto ao que lhe aconteceu, não faço ideia. É possível que Paciência tenha razão; talvez Majestoso a tenha vendido ou a tenha levado para que outros saqueadores a roubassem depois de ele morrer. Seja como for, desapareceu. Quando chegar o momento de ascenderes ao trono, julgo que devias levar a espada do Rei. E quando partires para Aslevjal, julgo que devias usar a espada do teu pai.”

“Usarei. Mas as pessoas não vão ter curiosidade de saber onde a arranjei?”

“Duvido. Diremos a Breu para disseminar uma história qualquer sobre ter andado a guardá-la para ti. As pessoas adoram histórias desse género. Ficarão felizes por aceitá-la.”

Ele anuiu pensativamente, e depois disse devagar: “Tu não poderes usar a espada de Cavalaria tão abertamente como eu usarei esta retira parte do prazer de o fazer.”

“Para mim também,” respondi com uma honestidade dolorosa. “Bem gostaria de poder, Respeitador. Mas as coisas são simplesmente como são. Eu tenho uma espada que me foi dada por Dom Dourado, também de uma qualidade que ultrapassa a minha perícia. Usarei essa. Se alguma vez erguer uma lâmina para te defender, é melhor que seja um machado.”

Ele olhou para baixo, refletindo. Depois pôs a mão no cabo da espada de Cavalaria. “Até ao dia em que me devolveres esta espada, no dia em que for coroado, quero que ela fique aqui contigo.” Respirou fundo. “E quando te tirar a espada do teu pai, devolver-te-ei a espada do meu.”

Aquele era um gesto que eu não podia recusar.

Pouco depois, ele partiu por onde viera, levando consigo a espada de Veracidade. Fiz outra chávena de chá para mim e sentei-me, a examinar a lâmina do meu pai. Tentei pensar no que ela significava para mim, mas só encontrei uma curiosa ausência no meu íntimo. Até a recente descoberta de que ele não me ignorara mas me observara através dos olhos do irmão, por intermédio do Talento, não compensava a sua ausência física na minha vida. Ele talvez me tivesse amado de longe, mas fora Castro quem me disciplinara e fora Breu quem me instruíra. Olhei para a espada e tentei descobrir uma sensação de conexão, alguma espécie de emoção,

mas não consegui encontrar nada. Quando terminei o chá, continuava sem respostas, e nem sequer tinha total certeza sobre qual era a minha pergunta. Mas decidira que encontraria tempo para voltar a ver Zar antes de partir.

Fui para a cama, exigindo com sucesso a almofada a Papadeiro. Apesar disso, dormi mal, e até o fraco descanso foi interrompido. Urtiga enfiou-se-me nos sonhos como uma criança relutantemente em busca de conforto. Era um contraste peculiar. No meu sonho, eu atravessava uma encosta íngreme de cascalho solto proveniente da minha viagem pelas montanhas. Atravessara aquela ladeira propensa a avalanchas trazendo ao colo o corpo sem força do Bobo. Não tinha esse fardo no sonho, mas a vertente da montanha parecia mais íngreme e a queda eterna. Pedrinhas soltas mexiam-se traiçoeiramente sob os meus pés. Em qualquer momento, podia escorregar da face da montanha como as pequenas pedras que passavam por mim a matraquear. Os músculos doíam-me de tensão e suor escorria-me pelas costas. Então, vi um clarão de movimento pelo canto do olho. Virei lentamente a cabeça, pois não me atrevia a arriscar um movimento súbito. Descobri Urtiga calmamente sentada mais acima, a observar o meu progresso angustiante.

Estava sentada entre relva e flores bravias. O seu vestido era verde, e o seu cabelo estava enfeitado com minúsculas margaridas. Até aos meus olhos de pai, parecia mais mulher do que criança, mas estava sentada como uma rapariguinha, com os joelhos encolhidos sob o queixo e os braços abraçados às pernas. Os pés estavam nus, e os olhos perturbados.

Tal era a nossa dicotomia. Eu ainda lutava por manter o apoio na encosta instável. No sonho dela, contíguo com o meu, estava sentada num prado de montanha. A sua presença forçou-me a admitir que estava a sonhar, e no entanto não conseguia abdicar do esforço do meu pesadelo. Não sabia se temia ser empurrado para a morte ou atirado para fora do sono. Portanto gritei-lhe “O que é?” enquanto continuava o meu lento progresso pela face da montanha. Quantos passos dava não importava: o terreno sólido permanecia sempre distante, enquanto Urtiga se mantinha no mesmo sítio acima de mim.

“O meu segredo,” disse ela em voz baixa. “Atormenta-me. Portanto vim pedir o teu conselho.”

Fez uma pausa, mas eu não respondi. Não queria conhecer o segredo dela, nem dar-lhe conselhos. Não me podia comprometer a

ajudá-la. Apesar do sonho, sabia que ia em breve abandonar Torre do Cervo. Mesmo se ficasse, não podia aventurar-me a entrar na sua vida sem correr o risco de a destruir. Era melhor continuar a ser uma vaga coisa de sonho nas fronteiras da sua realidade. Apesar do meu silêncio, ela falou comigo.

“Se alguém promete manter o silêncio sobre uma coisa, sem se aperceber de quanta dor ela trará, não só a si mas a outros, continua obrigada a manter a promessa?”

Aquela era uma pergunta demasiado séria para ser deixada sem resposta. “Tu sabes qual é a resposta a essa pergunta,” arquejei. “A palavra de uma mulher é a sua palavra. Ou a mantém, ou não vale nada.”

“Mas eu não sabia os problemas que ia causar quando a dei. O Ági anda por aí como meia criatura. Não sabia que a mamã ia culpar o papá, ou que o papá começaria a beber por causa disto, culpando-se ainda mais do que ela.”

Parei. Era perigoso fazê-lo, mas virei-me para a encarar. As suas palavras tinham-me mergulhado num perigo mais profundo do que o precipício que se escancarava abaixo de mim. Falei com cuidado. “E tu achas que arranjaste maneira de contornar a palavra que deste. Dizendo-me a mim o que prometeste não lhes dizer a eles.”

Ela baixou a testa para os joelhos. A sua voz soou abafada quando falou. “Disseste que conhecestes o papá, há muito tempo. Não sei quem és na realidade; mas talvez ainda o conheças. Podias falar com ele. Da última vez que o Veloz fugiu, disseste-me que ele e o papá estavam em segurança e a caminho de casa. Oh, por favor, Lobo Sombrio! Não sei qual é a tua ligação com a minha família, mas sei que existe. Ao tentar ajudar o Veloz, quase nos dilacerei. Não tenho mais ninguém com quem contar. E nunca prometi a Veloz que não te contaria.”

Baixei os olhos para os pés. Ela transformara-me na imagem que de mim tinha. O seu sonho estava a devorar o meu. Agora, era um homem-lobo. As minhas garras negras enterraram-se no cascalho solto. Avançando de quatro, com o peso reduzido, abri caminho encosta acima na direção dela. Quando cheguei suficientemente perto para ver o rasto de sal seco que as lágrimas tinham traçado no seu rosto, rosnei: “Contar-me o quê?”

Era toda a permissão de que ela necessitava. “Eles pensam que

o Veloz fugiu para o mar, porque foi isso que fizemos com que parecesse, ele e eu. Oh, não olhes para mim assim! Não sabes como as coisas estavam por aqui! O papá era uma perpétua nuvem de tempestade, e o Veloz andava quase tão mau como ele. O pobre Ági andava por aí, enfiado como um cão chicoteado, com vergonha de receber elogios do papá porque o gémeo não podia partilhá-los. E a mamã, a mamã parecia uma louca, exigindo todas as noites saber o que os afligia, e os dois recusavam-se a responder. Já não havia paz em nossa casa, absolutamente nenhuma paz. Portanto, quando Veloz veio ter comigo e me pediu para o ajudar a escapular-se, pareceu ser a coisa sensata a fazer.”

“E que tipo de ajuda lhe deste?”

“Dei-lhe dinheiro, dinheiro que era meu para o usar como entendesse, dinheiro que eu própria tinha ganho a ajudar aos partos das ovelhas dos Rapez na primavera passada. A mamã enviava-o com frequência à vila, para fazer entregas de mel ou de velas. Eu arranjei-lhe o plano, que ele devia começar a fazer perguntas sobre barcos, pesca e o mar, a vizinhos e às pessoas da vila. E depois, por fim, escrevi uma carta e assinei com o nome do papá como me habituei a fazer por ele. Os olhos... o papá ainda consegue escrever, mas a mão vagueia, porque não consegue ver as letras que está a desenhar. Portanto, nos últimos tempos tenho escrito coisas por ele, os papéis quando vende um cavalo, coisas dessas. Toda a gente diz que a minha letra é igualzinha à dele; se calhar porque foi ele que me ensinou a fazer as minhas letras. Portanto...”

“Portanto escreveste para Veloz uma carta dizendo que o pai o libertou e que podia partir e fazer o que entendesse com a sua vida.” Falei lentamente. Cada palavra que ela proferia me sobrecarregava mais. Castro e Moli discutiam, e ele recomeçara a beber. A vista estava a falhar-lhe, e julgava que tinha afastado o filho. Ouvir aquelas coisas dilacerava-me, pois sabia que não havia nenhuma que eu pudesse reparar.

“Pode ser difícil para um rapaz encontrar qualquer espécie de trabalho se as pessoas julgarem que é um aprendiz fugido ou um moço cujo trabalho ainda pertence ao pai.” Ela articulou as palavras com hesitação, tentando desculpar a falsificação que levava a cabo. Não me atrevi a olhá-la. “A mamã embrulhou seis grades de velas e mandou Veloz à vila para as entregar e trazer o dinheiro de volta. Quando ele me disse adeus, percebi que tencionava aproveitar essa oportunidade. Nunca voltou.” À sua volta, as flores desabrocharam e

uma minúscula abelha esvoaçou zumbindo de umas para as outras, em busca de néctar.

Lentamente, absorvi o significado das palavras dela. “Ele roubou o dinheiro das velas para o usar na viagem?” A avaliação que eu fazia de Veloz caiu.

“Não foi... não foi exatamente um roubo. Ele sempre tinha ajudado com as colmeias. E precisava do dinheiro!”

Abanei lentamente a cabeça. Desapontava-me ela arranjar desculpas para o irmão. Por outro lado, eu nunca tivera um irmão mais novo. Talvez fosse algo que todas as irmãs faziam.

“Não me ajudas?”, perguntou ela numa súplica quando o meu silêncio se demorou.

“Não posso,” disse eu, impotente. “Não posso.”

“Porque não?”

“Como poderia ajudar-te?” Estava agora completamente no sonho dela. A relva do prado era firme sob os meus pés. Um dia de primavera nas colinas rodeava-me. A abelha zumbiu junto ao meu ouvido, e eu enxotei-a. Sabia que o meu pesadelo ainda aguardava por trás de mim. Se desse dois passos para trás, estaria de novo naquela encosta traiçoeira.

“Fala com o papá por mim. Diz-lhe que não foi por sua culpa que o Veloz se foi embora.”

“Não posso falar com o teu papá. Estou muito, muito longe. Só em sonhos podemos ultrapassar distâncias desta forma.”

“Não podes visitar os sonhos dele como fazes com os meus? Não podes falar com ele lá?”

“Não. Não posso.” Muito tempo antes, o meu pai isolara Castro de todos os outros utilizadores de Talento. Fora o próprio Castro que mo dissera. Cavalaria fora capaz de retirar forças dele para usar o Talento, e a ligação entre os dois queria dizer que Cavalaria ficaria vulnerável a outros utilizadores de Talento através de Castro. Senti uma vaga curiosidade de saber se isso queria dizer que em certa época Castro tivera alguma capacidade para o Talento. Ou significaria apenas que os dois homens eram tão chegados que Cavalaria podia obter dele força para usar o Talento?

“Porque não? Vens aos meus sonhos. E fostes amigos há muito tempo; foste tu que o disseste. Por favor. Ele não pode continuar assim. Isto está a matá-lo. E à minha mãe.” Acrescentou em voz baixa: “Acho que lhe deves isto.”

Uma das abelhas das flores de Urtiga passou-me a zumbir pela cara e atirei-lhe uma palmada. Decidi que precisava de pôr rapidamente fim àquele contacto. Ela estava a tirar demasiadas conclusões sobre mim e o pai. “Não posso ir aos sonhos do teu pai, Urtiga. Mas talvez haja algo que eu possa fazer. Talvez consiga falar com alguém, alguém que consiga encontrar Veloz e o mandar para casa.” Ao dizer aquelas palavras, o coração afundou-se-me no peito. Por mais irritante que Veloz fosse, sabia o que significaria para o rapaz ser enviado de volta a Castro; endureci a minha determinação. Na verdade, o problema não era meu. Veloz era filho de Castro, e os dois tinham de resolver as coisas entre eles.

“Então sabes onde Veloz está? Viste-o? Ele está bem, está em segurança? Pensei nele mil vezes, tão novo e sozinho no mundo. Nunca devia tê-lo deixado convencer-me a fazer isto! Fala-me dele.”

“Está ótimo,” disse eu, em poucas palavras. A abelha voltou a zumbir-me junto ao ouvido. Senti-a pousar na parte de trás do meu pescoço. Tentei sacudi-la com uma palmada mas, um instante mais tarde, vi-me vergado sob o peso de um animal de bom tamanho sobre as minhas costas. Gani e esbracejei, mas antes de conseguir inspirar, pendia das mandíbulas do dragão. Este deu-me um abanão, não para me matar, mas para me avisar. Parei de me debater e deixei-me ficar ali pendurado. Os seus dentes agarravam-me pelo cachaço, sem perfurar a carne ou a pele, mas paralisando-me.

Quando Urtiga se pôs em pé num salto indignado, estendendo um braço para mim, o dragão ergueu-me mais alto. Fiquei pendurado por cima de Urtiga, e depois fui posto por cima do precipício do pesadelo que tivera antes.

“Ah-ah!”, acautelou-nos o dragão a ambos. “Se resistires, eu deixo-o cair. Os lobos não voam.” As suas palavras não vinham da boca e garganta, mas penetravam nos meus pensamentos, um toque de mente com mente.

Urtiga imobilizou-se. “Que é que tu queres?”, rosnou. Os seus olhos escuros tinham-se tornado pétreos.

“Ele sabe,” respondeu Tintaglia, dando-me um pequeno abanão. Senti-o desencaixar cada osso da minha espinha. “Quero saber tudo o que sabeis sobre um dragão negro enterrado em gelo. Quero saber tudo o que sabeis sobre uma ilha a que os seres humanos chamam Aslevjal.”

“Não sei nada sobre essas coisas!”, respondeu Urtiga, zangada. As suas mãos tinham-se transformado em punhos. “Larga-o.”

“Muito bem.” O dragão largou-me e, por um instante de parar o coração, caí a pique. Então, a cabeça do dragão estendeu-se como a de uma serpente, e voltou a agarrar-me. Daquela vez, as suas mandíbulas rodearam-me as costelas. Apertou-me, demonstrando a facilidade com que poderia esmagar-me. Depois atenuou a pressão e perguntou-me: “E que sabes tu, coisinha lobo?”

“Nada!”, arquejei, e depois expirei todos os bocadinhos de ar que tinha nos pulmões quando o dragão me esmagou. Disse a mim próprio que seria rápido. Não teria de manter a mentira durante muito tempo. O dragão não era uma criatura paciente; matar-me-ia depressa. Relanceei os olhos para trás, para ver a minha filha uma última vez.

Urtiga estava em pé, de súbito maior do que fora. Depois abriu bem os braços. O seu cabelo foi soprado por um vento que só ela sentia, e de seguida formou um halo em volta do seu rosto. Atirou a cabeça para trás. “Isto é um *sonho!*”, gritou. “É o *meu* sonho! E eu expulso-te dele!” A última frase foi proferida como palavras isoladas, proferidas com todo o comando de uma rainha. Pela primeira vez compreendi a força do Talento da minha filha. A sua capacidade para dar forma a sonhos e determinar o que neles acontecia era uma manifestação das suas capacidades para o Talento.

Tintaglia atirou-me a rodopiar para um vácuo infinito. Vi abaixo de mim, não o precipício do meu sonho, mas um vasto vazio sem cor e sem fim. Tive apenas um vislumbre rodopiante do dragão a contorcer-se enquanto Urtiga o fazia minguar de volta ao tamanho de uma abelha. Depois cerrei bem os olhos contra a queda entontecedora. No momento preciso em que eu inspirava dolorosamente para gritar, Urtiga falou em voz baixa junto ao meu ouvido: “É só um sonho, Lobo Sombrio. E pertence-me. Nos meus sonhos, nunca te acontecerá mal nenhum. Abre agora os olhos. Desperta para o teu próprio mundo.”

Um instante antes de acordar, senti a reconfortante resistência do colchão debaixo do meu corpo e, quando abri os olhos para a escuridão da minha sala de trabalho, não estava em pânico. Urtiga retirara o terror do pesadelo. Durante um momento, senti alívio. Inspirei profundamente e, ao render-me de novo ao sono, senti um espanto sonolento pela estranha força que a minha filha possuía

para o Talento. Mas quando voltei a aconchegar a manta por cima do ombro e a recuperar metade da almofada das garras do furão, a porção anterior do sonho arrastou-me de volta ao estado de vigília. Veloz mentira. Castro não o tinha mandado embora. Pior, a sua partida deixara a família em desordem.

Fiquei imóvel, de olhos fechados, desejando em vão dormir. Em vez disso mapeei o que tinha de fazer. O rapaz tinha de ser mandado para casa, mas não queria ser eu a fazê-lo. Ele exigiria saber como eu sabia que mentira. Bom. Diria a Breu que Castro não afastara Veloz de sua casa. Isso implicaria admitir perante Breu que tivera mais contacto com Urtiga através do Talento. Bem, disse eu a mim próprio, de mau humor, era algo que não se podia evitar. Todos os meus segredos pareciam decididos a extravasar e a tornar-se conhecidos.

Portanto tomei a minha decisão e tentei persuadir-me de que era o melhor que podia fazer. Tentei não imaginar Castro a regressar à bebida todas as noites, ou Moli levada ao transtorno não só pelo mergulho do marido na garrafa, mas também pelo desaparecimento do filho. Tentei não perguntar a mim próprio até que ponto se teria desvanecido a visão de Castro. Já bastava que ele não tivesse tentado encontrar o filho ou tivesse falhado na tentativa.

À aurora, estava a pé. Arranjei pão, leite e bacon na sala da guarda, e levei a comida para a comer nos Jardins das Mulheres. Sentei-me a escutar os chamamentos das aves e a sentir o cheiro do calor do novo dia a tocar a terra. Essas coisas sempre tinham sido para mim profundamente reconfortantes. Naquela manhã, afirmaram que a bondade da terra continua sempre a existir e fizeram-me desejar poder ficar para ver o verão fortalecer-se e os frutos inchar nas árvores.

Senti-a antes de a ver. Esporana vestia um roupão matinal azul-claro. Trazia o cabelo solto sobre os ombros, e os graciosos pés estreitos estavam enfiados em sandálias simples. Trazia uma caneca fumegante entre as mãos. Observei-a e desejei que as coisas pudessem ter sido mais simples entre nós. Quando ela reparou em mim, ali sentado em silêncio no banco debaixo da árvore, abriu a boca num espanto fingido, após o que transformou a expressão num sorriso e veio juntar-se-me. Sentou-se, libertou os pés das sandálias com um pontapé, e dobrou as pernas no banco entre nós.

“Bem, bom-dia,” cumprimentou-me. Havia uma ténue surpre-

sa nos seus olhos. “Quase não te reconheci, Fitz. Pareces ter rejuvenescido dez anos.”

“Tomé,” fiz-lhe lembrar com suavidade, sabendo perfeitamente que ela atirara o meu antigo nome para me atrapalhar. “E sinto que talvez tenhas razão. É possível que a rotina diária de um guarda fosse aquilo de que sempre precisei.”

Ela fez um ruído cético com a garganta, e bebeu um gole da caneca. Quando ergueu o olhar, acrescentou com amargura: “Reparo que não pensas que o mesmo é verdade a meu respeito.”

“O quê, que te saírias melhor como guarda?”, perguntei-lhe com inocência. Depois, enquanto ela fingia pontapear-me, acrescentei: “Esporana, tu a mim pareces sempre a Esporana. Nem mais velha nem mais nova do que espero que sejas, mas sempre a Esporana.”

Ela franziu a testa por um momento, depois encolheu os ombros e riu-se. “Nunca sei se pretendes dizer as coisas que dizes como elogios ou não.” Depois aproximou-se mais de mim, farejando o ar à minha volta. “Almíscar? Andas agora a usar almíscar, Tomé Texugo? Se estás interessado em atrair companhia feminina...”

“Não, não ando a usar almíscar. Só tenho andado a dormir com um furão.”

Respondera com honestidade, e a gargalhada que ela soltou surpreendeu-me. Um momento mais tarde, estava a sorrir, enquanto ela abanava a cabeça. Mudou de posição no banco por forma a encostar à minha a sua coxa aquecida pelo sol. “Isto é tão característico de ti, Fitz. Tão característico de ti.” Soltou um suspiro de contentamento e depois perguntou com um ar indolente: “Então posso concluir que puseste fim ao luto e voltaste a vincular-te?”

As suas palavras tornaram a manhã de verão menos luminosa para mim. Pigarreei e falei com cuidado: “Não. Duvido que alguma vez o faça. Olhos-de-Noite e eu ajustávamo-nos como uma faca e uma bainha.” Estendi o olhar pelo canteiro de camomila e disse em voz baixa: “Depois dele, não pode haver outro. Seria um prejuízo para qualquer criatura com que me juntasse, pois seria apenas substituta, nunca genuinamente minha parceira.”

Ela leu mais nas minhas palavras do que eu pretendia. Pôs o braço ao longo das costas do banco. Apoiando a cabeça nele, olhou para o céu através dos ramos das árvores que nos forneciam sombra. Acabei o leite que trouxera comigo e pus o copo de parte. Prepara-

va-me para lhe pedir licença e partir para a lição matinal com Veloz quando ela perguntou: “Então alguma vez pensaste em recuperar Moli?”

“O quê?”

A menestrel ergueu a cabeça. “Tu amavas a rapariga. Pelo menos, sempre o disseste. E ela teve a tua filha, pagando um grande preço por isso. Sabes que podia tê-la expulsado do corpo se tivesse decidido fazê-lo. Não o ter feito significa que sentia algo de profundo por ti. Devias ir ter com ela. Recuperá-la.”

“Eu e Moli acontecemos há muito tempo. Está casada com Castro. Construíram uma vida juntos. Têm seis filhos seus,” fiz eu notar, constrangido.

“E daí?” Olhou-me nos olhos. “Eu vi-o quando veio a Torre do Cervo para levar Veloz para casa. Estava de poucas palavras e sombrio quando o cumprimentei. E estava velho. Caminha a coxear e os olhos estão a nublar-se-lhe.” Abanou a cabeça. “Se decidisses recuperar Moli, ele não te daria competição.”

“Eu nunca faria tal coisa!”

Esporana bebeu da caneca, olhando-me firmemente por cima da borda. “Eu sei que não,” disse, quando afastou a caneca dos lábios. “Mesmo apesar de ele ta ter tirado.”

“Ambos me julgam morto!”, fiz eu notar, com a voz mais dura do que pretendia.

“Tens a certeza de que não estás?”, perguntou ela, com irreverência. Depois, perante a expressão no meu rosto, os olhos suavizaram-se-lhe. “Oh, Fitz. Nunca fazes nada por ti, pois não? Nunca agarras o que queres.” Inclinou-se mais para mim. “Achas que Moli te teria agradecido pela decisão que tomaste? Achas mesmo que tinhas o direito de decidir por ela?” Afastou-se um pouco, observando-me a cara. “Entregaste-a, e à pequena, como se estivesses a arranjar um lar para um cachorro. Porquê?”

Eu respondera tantas vezes àquela pergunta que nem sequer precisava de pensar. “Ele era o melhor homem para ela. Isso foi verdade nessa altura, e continua a ser verdade agora.”

“Será? Pergunto a mim própria se Moli concordaria.”

“E como está hoje o teu marido?”, perguntei-lhe com aspereza.

O olhar dela tornou-se opaco. “Quem sabe? Foi pescar trutas para as colinas com o Senhor e a Senhora Rubrarvalho. Como sabes, eu nunca gostei desse tipo de saídas.” Depois, desviando o

olhar, acrescentou: “Mas a adorável filha deles, Hera, aparentemente gosta. Ouvi dizer que se pôs aos saltos com a hipótese de fazer a viagem.”

Não precisava de mo explicar. Peguei-lhe na mão. “Esporana. Lamento.”

A menestrel respirou fundo. “Lamentas? A mim pouco importa. Tenho o nome e as propriedades dele de que desfrutar. E ele dá-me a liberdade dos meus costumes de menestrel, para ir e vir conforme me apeteça.” Inclinou a cabeça para mim. “Tenho andado a pensar em juntar-me à comitiva de Respeitador para a viagem às Ilhas Externas. Que pensas tu disso?”

O meu coração deu um salto perante a ideia. Oh, não. “Penso que seria muito pior do que ir pescar trutas. Conto passar a maior parte da viagem desconfortável e com frio. E a comida das Ilhas Externas é horrível. Se te derem uma mistura de banha de porco, mel e tutano, comeste o que a sua cozinha tem de melhor.”

Ela pôs-se graciosamente em pé. “Pasta de peixe,” disse. “Esqueceste-te da pasta de peixe deles. Pasta de peixe em tudo.” Ficou a olhar-me, de cima para baixo. Depois estendeu uma mão e afastou-me da cara várias madeixas de cabelo. As pontas dos seus dedos percorreram a cicatriz que me marcava a cara. “Um dia,” disse em voz baixa. “Um dia irás aperceber-te de que nós éramos o par perfeito, tu e eu. Que em todos os teus dias e lugares, fui eu a única que realmente te compreendeu e te amou apesar disso.”

Olhei-a de boca aberta. Ao longo de todos os anos que passáramos juntos, ela nunca me dissera a palavra “amor.”

Fez deslizar os dedos para baixo do meu queixo e fechou-me a boca. “Devíamos tomar o pequeno-almoço juntos mais vezes,” sugeri. Depois afastou-se a passos largos, de caminho beberricando da caneca, sabendo que eu observava a sua partida.

“Bom. Pelo menos consegues fazer-me esquecer todos os outros problemas durante algum tempo,” observei em voz baixa para os meus botões. Depois levei a caneca de volta para a cozinha e dirigi-me ao Jardim da Rainha. Talvez tivesse sido a minha conversa com Esporana, pois quando saí para o topo da torre e deparei com o rapaz a alimentar as pombas, fui direto.

“Mentiste,” disse, antes mesmo de ele ter tempo de me dar os bons-dias. “O teu pai nunca te mandou embora. Tu fugiste. E roubaste dinheiro para o fazer.”

Ele olhou-me de boca aberta. A sua cara empalideceu. “Quem... como foi que...”

“Como é que eu sei? Se te responder a essa pergunta, também a responderei a Breu e à Rainha. Queres que eles saibam o que eu sei?”

Rezei para que o tivesse avaliado corretamente. Quando o rapaz engoliu em seco e abanou a cabeça, súbita e silenciosamente, soube que o fizera. Se lhe fosse dada a possibilidade de correr para casa, sem ninguém aqui ficar a saber como se cobrira de vergonha, aceitá-la-ia.

“A tua família está doente de preocupação contigo. Não tens o direito de deixar as pessoas que te amam em suspenso quanto ao teu destino. Faz as malas e vai-te embora, rapaz, pelo mesmo caminho por onde vieste. Toma.” Num impulso, tirei a bolsa do cinto. “Aqui há o suficiente para te levar em segurança até casa e para pagares o que roubaste. Trata de o fazer.”

Ele não conseguia olhar-me nos olhos. “Sinssenhor.”

Quando não estendeu a mão para a bolsa, tomei-a na minha, virei-a de palma para cima e pousei nela o saco. Quando lhe larguei a mão, ele continuou a fitar-me. Apontei para a porta das escadas. Ele virou-se, atordoado, e tropeçou para a porta. Com a mão na porta, parou. “Não sabeis como a vida é lá para mim,” sussurrou debilmente.

“Sim. Sei. Muito melhor do que podes imaginar. Vai para casa, verga a cabeça à disciplina do teu pai, e serve a tua família até chegares à maioridade, como um rapaz honesto devia fazer. Os teus pais não te criaram? Não te deram vida, não te puseram comida no prato, roupa no corpo, sapatos nos pés? Então só pode estar certo que o teu trabalho lhes pertença até seres legalmente um homem. Depois, podes seguir abertamente o teu caminho. Terás anos depois disso para descobrires a tua magia, anos teus, ganhos de forma legítima, para viveres como quiseres. A tua Manha pode esperar até lá.”

Parou junto da porta e encostou-lhe a cabeça por um momento. “Não. A minha magia não esperará.”

“Terá de esperar!”, disse-lhe com dureza. “E agora vai para casa, Veloz. Parte hoje.”

Ele baixou a cabeça, abriu a porta com um empurrão e saiu, fechando-a atrás de si. Escutei os passos que se afastavam pela escada e senti a sua presença desvanecer-se do meu sentido da Manha.

Depois soltei a respiração num longo suspiro. Tinha-o mandado fazer uma coisa difícil. Esperava que o filho de Castro tivesse coragem para a fazer. Esperava, sem verdadeira crença, que o regresso do rapaz fosse suficiente para pôr a família nos eixos. Vagueei até ao parapeito e pus-me a fitar os rochedos, lá em baixo.

